

TURBILHÃO

A Arte de Viver o Tempo

ESCAPE
Momentos de Luxo

GLAMOUR
Omega Aquaterra

ALTA
Relojoaria

Mixed Materials

10 :: Primavera - Verão 2016
PVP Portugal 8 € / Angola \$25 / 2500 Akz





Cartier

CLÉ DE CARTIER
HORAS MISTERIOSAS 9981 MC

FUNDADA EM 1847, A CARTIER CRIA RELÓGIOS EXCEPCIONAIS QUE COMBINAM DESIGNS OUSADOS E SAVOIR-FAIRE RELOJOEIRO. CLÉ DE CARTIER HORAS MISTERIOSAS DEVE O SEU NOME À FORMA ÚNICA DA SUA COROA E AOS PONTEIROS QUE PARECEM FLUTUAR SOB O VIDRO. UMA PROVA DE VIRTUOSIDADE E EQUILÍBRIO. UMA NOVA FORMA NASCEU.



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Tel. 217 122 595 - 229 559 720





HARRY WINSTON

T I M E P I E C E S

Harry Winston Midnight Diamond Drops 39 mm



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

AV. DA LIBERDADE 194C
210 730 530





BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Av. da Liberdade 194C, 210 730 530 · Av. da Liberdade 129, 213 430 076
Centro Colombo, 217 122 595 · Amoreiras Shopping Center, 213 827 440
NorteShopping, 229 559 720



Villeret Collection



JB
1735
BLANCPAIN
MANUFACTURE DE HAUTE HORLOGERIE

www.blancpain.com



Foi em 1784 que o inovador Pierre Jaquet-Droz estabeleceu a primeira manufatura em Genebra.

Grande Seconde Quantième Côtes de Genève, ref. J007030245

Mostrador em Côtes de Genève azul.

Caixa em Aço. Movimento Mecânico Automático.

Reserva de Marcha de 68 horas.

jaquet-droz.com



**BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS**

Av. da Liberdade 194C, 210 730 530; Av. da Liberdade 129, 213 430 076
Centro Colombo, 217 122 595; Amoreiras Shopping Center, 213 827 440
NorteShopping, 229 559 720

J*
D
JAQUET DROZ

SWISS WATCHMAKER SINCE 1738





ROGER DUBUIS

HORLOGER GENEVOIS



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Centro Colombo, Tel: 217 122 595 - Av. da Liberdade 194C, Tel: 210 730 530
www.boutiquedosrelogiosplus.pt



EXCALIBUR

Esqueleto Automático
com micro-rotor





Capa

Fotografia: Carlos Ramos assistido por Nuno Beja | Produção: Ricardo Lopes assistido por Sílvia Martinez | Styling: Nuno Tiago assistido por Iuri Pitta | Maquilhagem: Cristina Gomes assistida por Tiago Figueiredo | Cabelos: Helena Vaz Pereira para Griffhairstyle
Modelos: Marko D'Santo e Débora Sabbo (Central Models) | Agradecimentos: Hotel Areias do Seixo

Relógios de capa

Hublot Big Bang Unico Italia Independent
Blancpain Fifty Fathoms Bathyscaphe



Propriedade e Edição

Tempus Distribuição. S.A.

Directora

Marina Oliveira – moliveira@turbilhao.pt

Redacção

Marina Oliveira
Companhia das Cores

Colaboradores Andreia Amaral, Ben Oliver, Bruno Lobo, Carlos Torres, Fernando Correia de Oliveira, Gonçalo Ferreira, Jon Wallis, José Manuel Moroso, Laurent Balesta, Nick Compton e Raquel Soares

Design, Conceção gráfica e Produção

Companhia das Cores – Design e Comunicação Empresarial. Lda.
Rua Sampaio e Pina, n.º 58, 2.º Dt.º, 1070-250 Lisboa
Tel.: (+351) 213 825 610 | design@companhiadascoces.pt

Paginação Ana Gil, Carlos Salvado e Diana Esteves

Direcção Comercial e Publicidade

Companhia das Cores – Design e Comunicação Empresarial. Lda.
Tel.: (+351) 213 825 610 | marketing@companhiadascoces.pt

Administração, Edição e Redacção

Tempus Distribuição. S.A.
Avenida Infante D. Henrique, lote 1679, R/c Dt.º – clj.,
1950-420 Lisboa, com o Capital Social de 50.300 euros,
registada no Registo Comercial de Lisboa, n.º 503939803
NIPC 503939803 | Tel.: (+351) 218 310 100
Publicação inscrita na Entidade Reguladora
para a Comunicação Social sob o n.º 126114.
Todos os direitos reservados. Qualquer reprodução ou cópia
do conteúdo sem autorização do autor será punida por lei.
Depósito Legal n.º 335157/11 | ISSN 2182-3987

Impressão: Lidergraf. Artes Gráficas. S.A. Rua do Galhano
n.º 15, 4480-086 Vila do Conde | Tel.: (+351) 25 210 33 00
lidergraf@lidergraf.pt

Distribuição: VASP. Distribuidora de Publicações. Lda.
MLP – Quinta do Grajal, Venda Seca, 2739-511 Aigualva - Cacém
Tel.: (+351) 214 337 000 | geral@vasp.pt

Periodicidade Semestral | Tiragem 12.000 exemplares

TURBILHÃO.
A Arte de Viver o Tempo

Assinaturas

Assine a TURBILHÃO e receba a revista com toda a comodidade em sua casa

Portugal 16 Euros | Angola \$50 / 5000 Akz por 2 números

Portugal 32 Euros | Angola \$100 / 10.000 Akz por 4 números

Companhia das Cores – Design e Comunicação Empresarial. Lda.
Rua Sampaio e Pina, n.º 58, 2.º Dto., 1070-250 Lisboa
Tel.: (+351) 213 825 610 | Fax: (+351) 213 825 619 • marketing@companhiadascoces.pt

www.turbilhao.pt

TO BREAK THE RULES,
YOU MUST FIRST MASTER
THEM.*

*PARA QUEBRAR AS REGRAS, PRIMEIRO É PRECISO
DOMINÁ-LAS.

VALE DE JOUX. UM AMBIENTE SEVERO E AUSTERO HÁ
MILÉNIOS. A CASA DE AUDEMARS PIGUET DESDE
1875. VILA LE BRASSUS. OS PRIMEIROS RELOJOEIROS
FORAM ESCULPIDOS AQUI, NA GRANDIOSIDADE DA
FORÇA DA NATUREZA, CONDUZIDOS AO DOMÍNIO
DOS SEUS MISTÉRIOS ATRAVÉS DAS MECÂNICAS
COMPLEXAS DO OFÍCIO. HOJE, É O MESMO ESPÍRITO
PIONEIRO QUE NOS INSPIRA A DESAFIAR,
CONSTANTEMENTE, AS CONVENÇÕES DA ALTA
RELOJOARIA.



ROYAL OAK
ESQUELETO
DUPLO BALANÇO
EM AÇO

AUDEMARS PIGUET
Le Brassus



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

AVENIDA DA LIBERDADE, 129 - LISBOA
TEL: 213 430 076



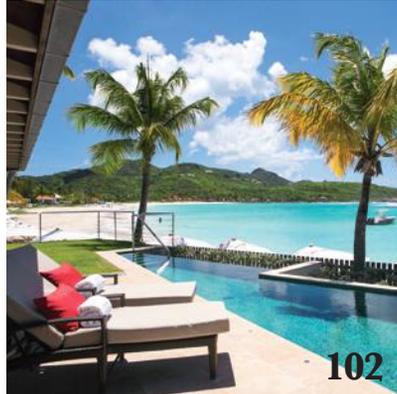
22



86



68



102

18 Editorial

19 ALTA RELOJOARIA

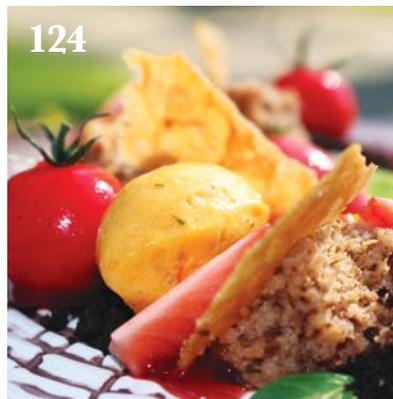
- 22 Complicação
- 26 Peças Emblemáticas
- 30 Mix Materials
- 40 Peças de Exceção
- 46 Entrevista Jérôme Lambert
- 50 As marcas independentes
- 54 Técnica Omega Master Chronometer
- 58 Entrevista Jean-Claude Monachon
- 62 História Harry Winston
- 66 Entrevista Linde Werdelin
- 68 Parcerias de Sucesso
- 77 Novidades

85 ESCAPE

- 86 Motores
- 98 Crónica Expedição Gombessa



156



124



118



126

- 102 Evasão
- 120 Gourmet
- 126 Real Estate
- 128 Entrevista Maisa Champalimaud
- 130 Arte & Cultura
- 134 Entrevista Anil Arjandas
- 136 Tendências Azul
- 138 Espaços de Referência
- 140 Um relógio com...

141 GLAMOUR

- 142 Entrevista Silvia Damiani
- 144 Tempo no Feminino
- 154 Espaços de Referência
- 156 Jóias
- 159 Chanel
- 164 Indispensáveis de Verão
- 166 Moda
- 170 Um relógio com...

OCTO

solotempo



BVLGARI

ROMA



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

LISBOA • AMOREIRAS SHOPPING CENTER, 213 827 440
AV. DA LIBERDADE 129, 213 430 076

*«Os detalhes fazem a perfeição,
mas a perfeição não é um detalhe»*

Leonardo da Vinci

RICHARD MILLE

A RACING MACHINE ON THE WRIST*

*UMA MÁQUINA DE CORRIDA NO PULSO



LISBOA, CENTRO COLOMBO, TEL. 217 122 595
AV. DA LIBERDADE 194C, TEL. 210 730 530
www.boutiquedosrelogiosplus.pt



CALIBRE RM 011
EDIÇÃO LIMITADA OURO ROSA



Alianças *de sucesso*

Os materiais são o grande tema que atravessa a relojoaria nos dias que correm. Se até há uns anos (não muitos) proliferava a aposta nas complicações, com o turbilhão a assumir claramente a dianteira, hoje são as matérias-primas utilizadas no fabrico de caixas, braceletes e até movimentos que assumem papel de destaque. O objectivo primordial mantém-se: tornar os relógios mais precisos, fiáveis, confortáveis e, claro, apelativos.

No que à precisão e fiabilidade diz respeito, o silício toma conta do movimento, assim como outros materiais não-férreos – no caso da Omega – garantem que o magnetismo, cada vez mais presente em inúmeros equipamentos de uso quotidiano, não afecte a marcha do relógio. Já em nome do conforto e das tendências, o mundo relojeiro abre-se numa panóplia infindável de soluções e criações, desde a cerâmica ao Liquidmetal, passando pelas fibras de carbono e revestimentos DLC ou por um regresso ao passado com combinações de aço/ouro, braceletes NATO e cores com tratamentos vintage.

A relojoaria reinventa-se, acompanha o mundo global em constante mudança, ao mesmo tempo que pisca o olho ao passado e reedita modelos, cores, tendências com alma vintage e coração contemporâneo, muitas vezes em corpos futuristas.

E é esta temática de aliança de materiais, passado, presente e futuro que atravessa este número da Turbilhão em todas as suas vertentes, começando na relojoaria, passando pelos motores, destinos, sabores ou cultura, e terminando em apoteose no universo da moda e dos acessórios de luxo.

Marina Oliveira

Directora

ALTA *Relojoeria*

Complicação

A saga dos novos materiais

Peças Emblemáticas – Ulysse Nardin, Bulgari e Hublot

Mixed Materials

Peças de Exceção

Breguet e IWC

Audemars Piguet e Hublot

Jaquet Droz

Entrevista Jérôme Lambert – Montblanc

As marcas independentes

Técnica Omega Master Chronometer

Entrevista Jean-Claude Monachon – Omega

História Harry Winston

Entrevista Morten Linde e Jorn Werdelin – Linde Werdelin

Parcerias de Sucesso

Omega e os Jogos Olímpicos

A relojoaria e a competição automóvel

Novidades SIHH e Baselworld

Cartier

GMT

Clássicos e Cronógrafos

Esqueletizados

Baume & Mercier

de Grisogono

22

26

30

40

42

44

46

50

54

58

62

66

68

72

77

78

80

82

83

84



Inclui Contrato de Manutenção BMW Service Inclusive de 5 anos ou 100.000 km.
Aproveite as condições de Financiamento e Seguro BMW Financial Services.
Consumo combinado de 4,5 a 8,3 l/100 km. Emissões de CO₂ de 119 a 192 g/km.

Escolha o óleo original BMW TwinPower Turbo.

BMW EFFICIENT DYNAMICS.
MENOS EMISSÕES. MAIS PRAZER DE CONDUÇÃO.



O NOVO BMW SÉRIE 7. A EXCELÊNCIA.

A inspiração vem daqueles que inovam, que transformam a forma como vemos o mundo. Foi por isso que criamos o novo BMW Série 7. Deixe-se levar por esta nova ideia de luxo e rume a um futuro que promete ser irresistível.

Novo BMW Série 7

www.bmw.pt



Pelo prazer
de conduzir



WINNER
2016 WORLD CAR AWARDS
WORLD LUXURY CAR

THE NEXT
100 YEARS 

Alquimia RELOJOEIRA

Há quem diga que a batalha actual no mundo da Alta Relojoaria não está tanto na exactidão ou nas complicações. A batalha, dizem os entendidos, está agora na descoberta, criação e utilização exclusiva de novos materiais. Afinal, isso tem sido uma tradição ao longo de toda a história da Relojoaria.

:: *Texto de Fernando Correia de Oliveira*

Começamos por uma efeméride: comemoram-se em 2016 os 120 anos da descoberta da liga conhecida como Invar. Este material notável, que conserva a forma e quase não reage às mudanças de temperatura, valeu ao seu inventor, o suíço Charles-Edouard Guillaume, o Prémio Nobel em 1920, o primeiro a distinguir um avanço metalúrgico. Considerando o material que tinha inventado “invariável” quanto à expansão face a fontes de calor, baptizou-o de “Invar”.

O Invar passou a ser usado primeiro nas hastes dos pêndulos e depois nas espirais, o coração de qualquer relógio mecânico, contribuindo para a melhoria significativa do seu isocronismo. Ao longo dos 120 anos seguintes, e sempre aperfeiçoando o “efeito Invar”, a indústria relojoeira desenvolveu uma série de ligas à base de níquel (36%) e ferro (64%). O último dos avanços é o chamado Super Invar “32-5”, uma liga de ferro, níquel e cobalto, que consegue ter metade da expansão do primitivo Invar.





Aço inoxidável, ferro macio, silício e vidro de safira

Do “coração” passamos à “pele”. Estamos a falar, claro, das caixas. Nos relógios de bolso, e depois nos de pulso, foi primitivamente usado ferro/aço (que enferruja rapidamente, em contacto nem que seja com o suor da pele), bem como outros metais, puros ou em liga. Mas o grande salto dá-se quando a relojoaria começa a usar o aço inoxidável. E, aqui, entramos num mundo mais vasto que do que há primeira vista se possa imaginar – existem mais de 150 tipos de aço inoxidável, dos quais 15 são os mais usados.

Um dos grandes inimigos da relojoaria mecânica são os campos magnéticos. Mesmo campos fracos podem fazer parar um relógio, cujo mecanismo pode ficar magnetizado, perdendo assim as suas propriedades isócronas. A roda de balanço e a espiral, sujeitas a campos magnéticos, tendem a reduzir a frequência, deformam-se. Só uma desmagnetização de todo o calibre faz voltar o relógio ao comportamento normal.

Uma das maneiras que os relojoeiros usaram para proteger o calibre foi a de envolvê-lo numa segunda caixa interior feita do chamado ferro macio. A principal propriedade deste material é a de, quando magnetizado, perder rapidamente essa magnetização, não deixando, ao mesmo tempo, que as ondas magnéticas passem por ele.

Outra maneira de impedir que um calibre se magnetize é fazer com que ele seja composto por materiais amagnéticos. Entra o silício em cena. O silício (do latim, sílex ou “pedra dura”) é um elemento químico que existe na natureza, em estado sólido à temperatura ambiente. Foi descoberto pelo químico sueco Jöns Jacob Berzelius, em 1823. O silício é o segundo elemento mais abundante na crosta terrestre, perfazendo mais de 28% de sua massa, sendo o principal componente do vidro, cimento, cerâmica, da maioria dos componentes semicondutores e dos silicões, que são substâncias plásticas muitas vezes confundidas com o silício.

O silício começou a ser usado há pouco mais de dez anos, nas espirais ou nas pedras dos escapes, devido à sua natureza amagnética e bom comportamento face a mudanças de temperatura. Além disso, não carece de lubrificação.

No que ao vidro de safira diz respeito, em 1902, o químico francês Auguste Verneuil desenvolveu um processo para a produção sintética de cristais de safira. O método foi aperfeiçoado em 1916 pelo químico polaco Jan Czochralski. Sem entrar em pormenores, a safira sintética pode ter uma cor transparente, ligeiramente azulada, mas semelhante ao vidro.

O vidro de safira é muito resistente ao risco e ao choque (grau 9 na escala de dureza de Mohs, onde o máximo é 10, para o diamante), protegendo ainda contra os raios ultra-violeta. Logo, a indústria relojoeira, que começou por usar vidro simples e depois plástico (Plexiglas, por exemplo), viu no vidro de safira uma boa solução. Mas cara. Com a moda dos calibres à vista, também passaram a usar esse material no verso, em muitos casos com película de revestimento anti-reflexo por dentro e por fora. Além da resistência aos riscos, dado que não deixa passar os raios ultra-violeta, o vidro de safira protege também a cor original dos mostradores.



Luz no escuro

Para resolver o problema de tornar visíveis as horas em todas as condições, a relojoaria, principalmente a militar, usou desde o final do século XIX (nos relógios de bolso e cabeceira, primeiro, e nos de pulso depois), materiais que “brilham no escuro”. Assim, na década de 1900 começaram a surgir não apenas ponteiros e indexes, mas mostradores inteiros cujas superfícies usavam rádio-226. Isto numa altura em que não se sabia que este elemento é altamente venenoso, culpa das radiações que emite.

A maioria dos relógios actuais usam materiais não radioactivos como SuperLuminova, Luminova, Lumibrite, etc. Depois de “carregados” por uma fonte luminosa, eles emitem durante algumas horas uma aura de luz, devido a pigmentos luminescentes.

A primeira tinta luminescente terá sido inventada no Japão, há cerca de mil anos, feita a partir de conchas misturadas com material vulcânico. No final do século XIX, os relojoeiros suíços começaram a usar nos mostradores tinta luminescente natural, usando a mesma técnica que os japoneses.

O primeiro material sintético luminescente apareceu em Itália, no século XVII, sob o nome de “Pedra de Bolonha” ou “Espanja de Luz”. Mas a luminosidade era fraca e durava apenas cerca de duas horas. Finalmente, há uns 20 anos, um pigmento fotoluminescente, feito à base de um aluminato misturado com terras raras, apareceu no mercado, sendo hoje usado pelas marcas de relógios mais exigentes.

Já a iluminação por trítio usa a forma gasosa deste isótopo radioactivo de hidrogénio, fechado em cápsulas de vidro. A luz fluorescente é criada através de um processo radioluminescente. De qualquer forma, também aqui se coloca a questão da radioactividade, embora mais fraca do que a do rádio-226.

PVD, DLC, titânio e fibra de carbono

Nos últimos anos tem surgido alguma controvérsia sobre dois processos de revestimento das caixas de relógios – PVD ou DLC, qual o melhor? O DLC (Diamond Like Carbon) é uma das formas de revestimento por processo PVD (Physical Vapor Deposition). Por outras palavras, o PVD seria o pincel e o DLC a tinta. Dito isto, o DLC é a forma do processo de PVD mais duradoura e resistente a riscos.

Há muitas ligas de titânio, um material que não existe na Natureza. O mais conhecido é o Grau 5. Usado primeiro na aeronáutica, em mísseis, desde há uns 30 anos que é usado em caixas de relógios. Com uma dureza cinco vezes superior, pesa cerca de metade do aço e é praticamente impossível de corroer. Uma das poucas desvantagens é a de se riscar com facilidade, pelo que a maioria das caixas de titânio têm revestimentos PVD ou DLC. Ao contrário do que se possa pensar, a fibra de carbono tem raízes no final do século XIX. Thomas Edison, por exemplo, usou fibras de carbono como filamentos para as suas primeiras lâmpadas. Eram feitas de materiais à base de celulose, como o algodão ou o bambu. Hoje, a fibra de carbono é um derivado do petróleo.



Muito mais leve que o aço, mais leve que o titânio, a fibra de carbono é mais resistente que estes dois. Também usada pela primeira vez na indústria espacial, passou ao sector automóvel, e depois à relojoaria. Resistente ao calor, amagnética, extremamente rígida, a fibra de carbono é um material ideal para as caixas de relógios. As fibras de carbono têm sido dos materiais que mais evoluíram nos últimos anos, sendo consideradas um dos maiores feitos da engenharia do século XX.

A geração de fibra de carbono por justaposição de nano-tubos tem levado este material ao extremo da resistência. Em inglês, as carbon nanofibers (CNFs), vapor grown carbon fibers (VGCFs), ou vapor grown carbon nanofibers (VGCNFs) são o estado da arte. Tratam-se de nanoestruturas cilíndricas feitas à base de camadas de grafeno. Uma marca recente, a Richard Mille, explora como nenhuma outra as propriedades desse material.

Cerâmicas

Entre os novíssimos materiais compósitos, está a mistura de fibras de carbono com uma base cerâmica. Muitas marcas usam hoje cerâmicas para as suas caixas. A precursora foi a Rado, há 40 anos. Mas a Chanel, com o seu J12, trouxe a cerâmica para as bocas do mundo.

Trabalhar cerâmicas é extremamente difícil, pois é a mais dura classe de material que se conhece. Uma das propriedades de uma caixa de cerâmica é que praticamente nunca será riscada. Três a quatro vezes mais dura que o aço, a cerâmica high-tech é usada no revestimento por PVD ou DLC. Amagnéticas, as cerâmicas mantêm inalterada a superfície, quase não fazem fricção e dispensam lubrificação.

Mais leves que o aço ou o titânio, as cerâmicas têm densidade semelhante à do alumínio. O senão da cerâmica é a fragilidade (duras, são pouco flexíveis), partindo com facilidade face a uma pancada. Tal como o titânio, as cerâmicas são material quase inerte, não corroem e são hipoalérgicas. Desde que protegido de impactos, um relógio com caixa de cerâmica é indestrutível. Muitas caixas de outros materiais usam lunetas de cerâmica – combinam as propriedades de ambos: resistência ao risco, resistência ao choque.

As modas

Os novos materiais têm, geralmente, limitações estéticas – de cor, de forma. A onda de revivalismo actual fez renascer o Nylon nos braceletes, tipo NATO, tão populares nos anos 1960. Nos mostradores, o azul é o novo preto. Nas caixas, o velho bronze tem feito um regresso triunfal. Usando materiais clássicos, o Royal Oak, da Audemars Piguet, revolucionou em 1972 a História da relojoaria – apresentou o primeiro relógio desportivo, de aço, ao preço de um relógio de luxo. Fazendo em 1980 a mistura da borracha no bracelete com o ouro da caixa, a Hublot foi pioneira nessa fusão de materiais nobres com outros que nem tanto.

Nesse mundo da “iconoclastia”, os hoje vistos como loucos anos 1990 viram o luxo em relojoaria misturar aço com diamantes, aço com ouro. Por outras palavras, já não há mais nada de novo para misturar. Ou há? Os laboratórios de materiais compósitos irão continuar a surpreender, pois a dinâmica das misturas não tem fim à vista. ✨



Ulysse Nardin Cronógrafo Diver Hammerhead Shark



No ano em que celebra o 20º aniversário da coleção Marine, a Ulysse Nardin apresenta o Cronógrafo Diver Hammerhead Shark, movido pelo calibre de manufatura UN-150, equipado com escape e espiral em silício. Disponível numa edição limitada de 99 peças em ouro rosa e 300 em aço, o novo modelo apresenta-se num estilo náutico, com mostrador azul profundo com motivos tubarão martelo. Este gigante dos oceanos, reconhecido pelas suas capacidades de navegação supremas, empresta assim o seu nome ao novo cronógrafo Ulysse Nardin. Com uma estanqueidade até 300 metros, coroa aparafusada e luneta giratória unidireccional, o Diver Hammerhead Shark é o companheiro ideal para viagens marítimas, combinando o ouro ou o aço com braceletes de borracha, material que se prolonga ao aro da luneta. ✨

Ficha Técnica

MOVIMENTO: Automático, calibre de manufatura UN-150, escape e espiral em silício, 48 horas de reserva de marcha.

CAIXA: Ouro rosa ou aço, 44 mm, aro da luneta giratória unidireccional em borracha, fundo em vidro de safira, estanque até 300 metros.

MOSTRADOR: Azul com motivo tubarão martelo, índices das horas e ponteiros luminescentes, pormenores vermelhos, indicações de horas, minutos, pequenos segundos, data e cronógrafo (contadores de 30 minutos, 12 horas e segundos centrais).

BRACELETE: Borracha azul e vermelha com fecho de báscula em ouro rosa ou aço.



Bulgari Octo Finissimo Esqueleto

Em 2016, a coleção Octo Finissimo da Bulgari despe-se de preconceitos e oferece uma visão para o interior da mecânica relojoeira com um modelo esqueleto. O Octo Finissimo Esqueleto, que, como o próprio nome indica, possui um movimento e caixa ultrafinos, apresenta-se com a platina e pontes do calibre manual BVL 128SK revestidas a preto, cor que se repete na caixa de 40 mm em aço revestido a DLC e que contrasta com a luneta e coroa em ouro rosa.

Com 65 horas de reserva de marcha, o Bulgari Octo Finissimo Turbilhão conta ainda com a indicação dos pequenos segundos, às 7h, e com o indicador da reserva de marcha, às 9h. O toque final é dado pelo bracelete integrado em pele preta. ✨



Ficha Técnica

MOVIMENTO: Manual de manufatura, calibre BVL 128SK, esqueletizado, platinas e pontes revestidas a preto, 65 horas de reserva de marcha.

CAIXA: Aço revestido a DLC, 40 mm, luneta e coroa em ouro rosa, fundo em vidro de safira, estanque até 30 metros.

MOSTRADOR: Esqueleto, indicações de horas, minutos, pequenos segundos e reserva de marcha.

BRACELETE: Pele de crocodilo preta com fecho de fivela em titânio revestido a preto.

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



Hublot

Classic Fusion Scritto

Reconhecida pela fusão de materiais que trouxe à alta relojoaria (caucho, ganga, tecido, etc.), a Hublot surpreende uma vez mais ao apresentar dois modelos de edição limitada com mostradores em... pele! De facto, a marca uniu-se ao lendário fabricante de sapatos parisiense, Berluti, para dar vida a uma nova dupla Classic Fusion: Scritto em ouro King e Berluti All Black, em cerâmica preta, ambos com caixa de 45 mm.

Os braceletes e mostradores foram produzidos exactamente da mesma forma que os sapatos Berluti, utilizando para o efeito a emblemática pele Venezia tobacco blis (castanho) e nero grigio (preto). Os dois relógios surgem acompanhados por uma caixa de apresentação com materiais para engraxar Berluti e são limitados a 250 peças (Scritto) ou 500 exemplares (Berluti All Black). ✨



Ficha Técnica

MOVIMENTO: Automático, calibre de manufactura HUB1100, 42 horas de reserva de marcha.

CAIXA: Ouro King ou cerâmica preta, 45 mm, fundo em vidro de safira, estanque até 50 metros.

MOSTRADOR: Pele Venezia tobacco blis (castanho) ou nero grigio (preto), indicações de horas, minutos e segundos.

BRACELETE: Pele Venezia tobacco blis (castanho), gravada com dizeres escritos em caligrafia do século XVIII, ou nero grigio (preto).



DEIXE OS SEUS SONHOS VOAR



Junte-se à conversa em
#B_Original.

Grande Relógio Aviator Edição «Le Petit Prince». Ref. 5009: Príncipezinho diz ao aviator que lhe dará um sorriso amigo a partir das incontáveis estrelas que brilham no céu à noite. A visão deste relógio inspira sentimentos similares, pois cada detalhe é uma alegria para os olhos. Este não é apenas um imponente relógio de 46 milímetros de diâmetro, impressiona também pela sua elegância clássica que ressalta o mostrador azul meia-noite. A perfeição técnica, por outro lado, é garantida pelo movimento do calibre 51111 manufaturado pela IWC, com a sua

reserva de marcha para sete dias. Tempo suficiente para esquecer o tempo e acompanhar a jornada de sonho do Príncipezinho. **IWC. ENGINEERED FOR MEN.**

Movimento de relógio mecânico, Corda automática Pellaton, Calibre manufaturado 51111, Reserva de marcha depois da corda completa 7 dias, Indicação da reserva de marcha, Indicação da data, Ponteiro central dos segundos com dispositivo de paragem, Caixa interior em ferro suave para blindagem antimagnética, Coroa de rosca, Vidro safira, bombeado, antirreflexo de ambos os lados, Gravura especial no fundo, Resistente à água 6 bar, Diâmetro 46 mm, Bracelete Santoni em pele de vitela.

IWC
SCHAFFHAUSEN

 **BOUTIQUE**
DOS RELÓGIOS PLUS

MIXED MATERIALS

Madeiras, água, seixos, sombras e transparências revelam peças do tempo, jóias, acessórios e tecidos onde a combinação de materiais, cores e texturas dá o mote para momentos de descontração e muito glamour, em perfeita simbiose com a Natureza.

Fotografia: Carlos Ramos
assistido por Nuno Beja

Produção: Ricardo Lopes
assistido por Sílvia Martinez

Styling: Nuno Tiago
assistido por Iuri Pitta

Maquillagem: Cristina Gomes
assistida por Tiago Figueiredo

Cabelos: Helena Vaz Pereira
para Griffelhairstyle

Modelos: Marko D'santo e
Débora Sabbo (Central Models)

Agradecimento: Hotel Areias do Seixo



AUDEMARS PIGUET Royal Oak

Camisa e Blazer em linho Hackett

Gravata e Lenço em seda Rosa & Teixeira

HARRY WINSTON

Ocean Project Z9 Zallium

Blazer, Camisa e Gravata de seda.

tudo Paulo Baptista Alfaiate





BREGUET Marine Cronógrafo
DAMIANI anel e brincos Sophia Loren
*Vestido de seda Diane Von Furstenberg.
no Espace Cannelle*



RICHARD MILLE RM 07-01
MATTIA CIELO Colar Volcano
MATTIA CIELO Anel Universo
*Blusa e Calções Céline. na Loja das Meias
Óculos Prada. na André Ópticas*



OMEGA Speedmaster Dark Side of the Moon

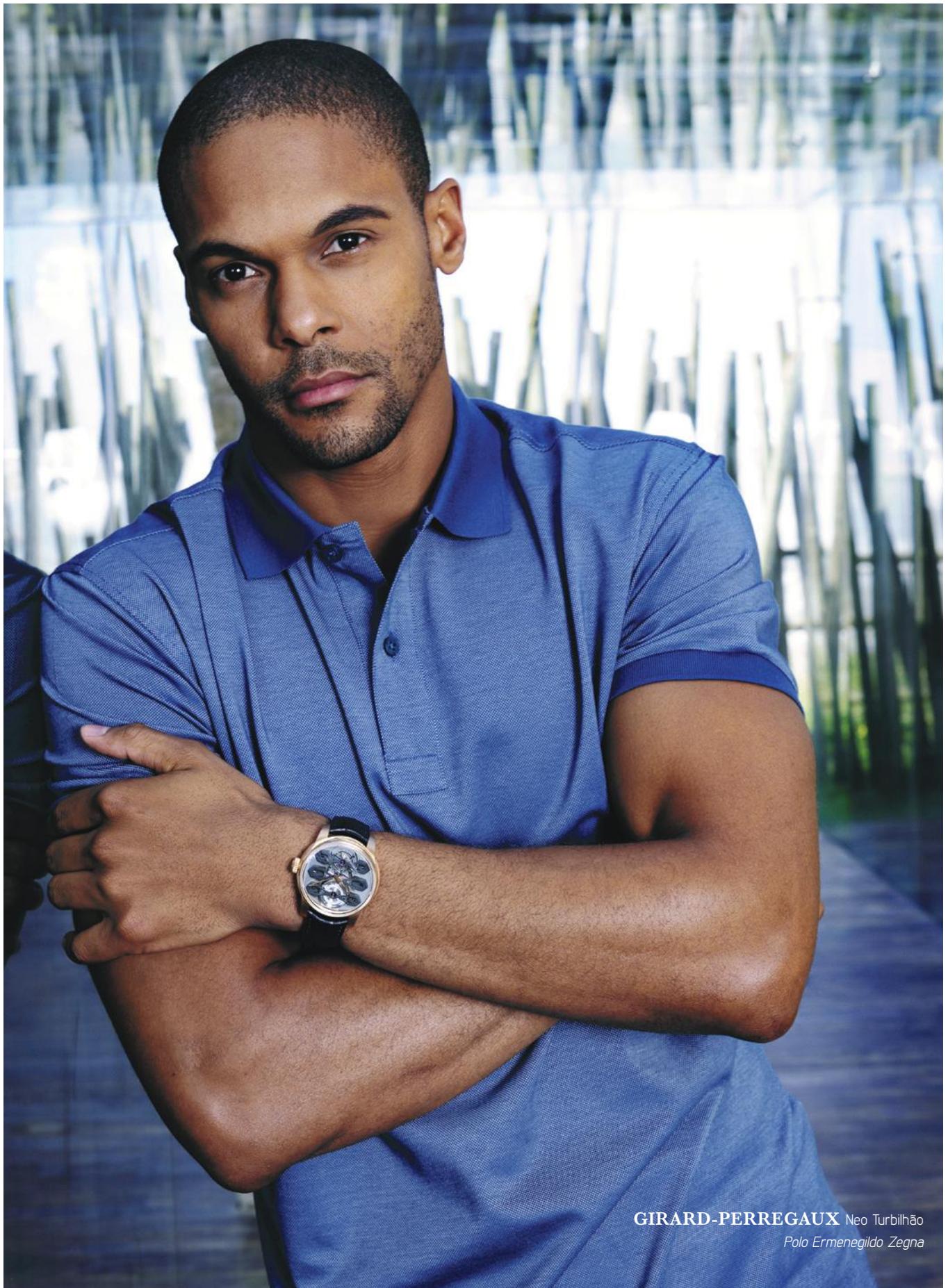
TIRISI Brincos Amsterdam

BRUMANI Anel Nude Vivid

Jumpsuit Ralph Lauren Collection.

na Loja das Meias





GIRARD-PERREGAUX Neo Turbilhão
Polo Ermenegildo Zegna



CARTIER Calibre Diver
MATTIA CIELO Pulseiras
Rugbiada Pave & Tennis
Vestido Miguel Vieira

A man and a woman are shown in a close, intimate pose on a wooden deck overlooking a body of water. The man, on the left, is wearing a dark, patterned blazer over a white shirt and a white pocket square. He has a short haircut and a light beard. The woman, on the right, has long, wavy blonde hair and is wearing a white top. She is holding a small, ornate gold ring. The background shows the calm surface of the water under a bright sky.

Marco

HUBLLOT Big Bang Unico Italia Independent
Blazer, Camisa, Calça e Lenço, tudo Rosa & Teixeira

Débora

BLANCPAIN Fifty Fathoms Bathyscaphe

CAROLINA BUCCI Colar Strands

DAMIANI Anel Butterfly

Camisa Christian Dior, na Loja das Meias

Biquini Tommy Hilfiger



ALMA *de viajante*

Clássica

REINTERPRETAÇÃO

Lançado em 2011, o Breguet Classique Hora Mundi foi o primeiro relógio mecânico com indicador de fusos horários de salto instantâneo com indicações de data, dia/noite e cidade sincronizadas. Tudo isto sem prejudicar a marcha do relógio, cuja precisão durante o ajuste é assegurada por um sistema de paragem dos segundos. Em 2016, a Breguet apresenta uma nova interpretação desta peça do tempo: o Classique Hora Mundi 5727.

No lugar da representação do globo do primeiro modelo, o mostrador da versão deste ano apresenta um motivo clou de Paris totalmente realizado à mão sobre a face em ouro prateado. Outra das diferenças reside na indicação das fases da lua que, no novo modelo, foi substituída por um display de 24 horas que indica se é de dia ou de noite no fuso seleccionado.

Disponível com caixa de 43 mm em ouro branco ou rosa, o novo Hora Mundi é conduzido pelo calibre automático de manufactura 77F0, com 55 horas de reserva de marcha. ✨





Horas do mundo NO COCKPIT

A IWC dedica 2016 à família de relógios Pilot. Entre as inúmeras novidades apresentadas pela marca, destacamos nestas páginas o modelo Timezoner. Trata-se de uma peça do tempo que alia um cronógrafo flyback com roda de colunas a uma função GMT, e o destaque vai para esta última. Pela primeira vez, pode-se ajustar rapidamente o fuso horário num relógio Horas do Mundo, bastando pressionar e girar a luneta que está coordenada com todas as indicações, incluindo as horas, a data e o ponteiro de 24 horas. Com uma caixa de 45 mm em aço – cujo fundo apresenta a gravação do avião Junkers Ju 52 – e movido pelo calibre automático 89760, com 68 horas de reserva de marcha, o novo Pilot Timezoner também tem em conta o horário de Verão nos fusos horários onde este existe. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



Sem SEGREDOS

ESTREIA MUNDIAL *à vista*

Com o objectivo de melhorar a precisão e estabilidade do movimento relojoeiro, em 2016 a Audemars Piguet apresenta uma estreia mundial, ao equipar o Royal Oak com uma dupla roda de balanço. Ao fazê-lo, a marca cria um oscilador com mais massa, o que assegura maior estabilidade. Complexa de desenvolver e produzir, esta geometria de duplo balanço patenteada é, além de um sucesso de engenharia, esteticamente fascinante. Como tal, a Audemars Piguet esqueletizou totalmente o movimento, de modo a que esta pudesse ser vista de ambos os lados da caixa de 41 mm em ouro rosa ou aço. Os acabamentos do calibre automático 3132, com 45 horas de reserva de marcha, foram integralmente produzidos à mão. ✨



Descubra mais em: www.turbilhao.pt





Transparência INTEGRAL

Em 2016, a Hublot eleva a transparência a outro nível ao apresentar dois novos Big Bang integralmente produzidos em vidro de safira. Quase tão duro como o diamante, o vidro de safira não é fácil de moldar, facto que destaca ainda mais os novos modelos. Os únicos componentes que não se apresentam neste material são a coroa, os botões, os parafusos, o fecho de basculante e o bracelete de silicone translúcido. Protegido por uma caixa de 45 mm, o mostrador esqueletizado é feito de resina transparente e revela o movimento cronógrafo fly-back automático Único HUB1242, com 72 horas de reserva de marcha. Limitado a 500 exemplares, o novo Big Bang Único está disponível também em vidro de safira com acabamento esfumado, numa versão All Black, limitada ao mesmo número de peças. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



GRACIOSA CANÇÃO *do Tempo*

Este ano, a Jaquet Droz revisita o premiado Charming Bird, criando um novo palco, onde o pequeno pássaro executa uma performance memorável, graças ao novo sistema de produção e transmissão de áudio. Agora, o chilrear é produzido através de ar comprimido ao invés de vibração, uma inovação alcançada graças à introdução de três tubos de vidro de safira: o ar entra no primeiro tubo, é armazenado no segundo e empurrado para o terceiro, estabelecendo dessa forma o volume, de acordo com a quantidade de ar e velocidade do pistão.

O palco, que exhibe uma cena de montanha de La Chaux-de-Fonds, foi criado a partir de madrepérola gravada e pintada à mão, enquanto a caixa de 47 mm do Charming Bird está disponível numa edição limitada a oito exemplares em ouro branco ou rosa. ✨



Descubra mais em: www.turbilhao.pt






CANALI
1 9 3 4

CANALI.COM

Em exclusivo no
ROSA&TEIXEIRA
LISBOA: Av. da Liberdade, 204, r/c
PORTO: Av. da Boavista, 3523, Edifício Aviz
www.rosaeteixeira.pt

Um verdadeiro
CAPITÃO

Com uma vasta experiência na indústria relojoeira, Jérôme Lambert assumiu, há três anos, os comandos da Montblanc. Nesse período, assistimos a uma reorientação e consolidação de todos os sectores de negócio da marca. Destaque para o universo relojoeiro, que sob a batuta de Lambert, viu nascer seis novas colecções e 24 movimentos de manufactura. E tudo isto a preços muito competitivos.

:: Por Marina Oliveira, em Genebra, Suíça



MONTBLANC
4810 ExoTourbillion Slim

Está na Montblanc há três anos. Qual a sua missão quando chegou e o que já alcançou?
A missão continua actualmente e foi a de dar à Maison uma nova ambição. A Montblanc é uma marca muito sólida, com reputação forte, grandes produtos e savoir-faire. Era tempo de criar um novo envolvimento, uma nova vontade, de explorar novas fronteiras. Nos últimos três anos, a Montblanc tem sentido grande mudança de paradigma. E quando se vê a qualidade da

oferta, não só em termos de relojoaria, mas também de marroquinaria, instrumentos de escrita, etc., percebemos que a equipa tem estado realmente a ultrapassar fronteiras e todos os dias prova que pode fazer coisas excepcionais.

Actualmente, a Montblanc oferece peças de alta relojoaria a preços muito competitivos. O que está por detrás dessa estratégia?

Globalmente, a nossa indústria precisa de ser capaz de se reinventar constantemente. Penso que termos todos a mesma oferta, aos mesmos preços, não é positivo. O contrário é uma forma de crescer e chegar a novos clientes. Quando se faz um calendário perpétuo a 10.000 euros, este irá captar o interesse de novos clientes; ou um cronógrafo em aço com taquímetro (1858) e um grande movimento, damos aos colecionadores a oportunidade de entrar na colecção. Na realidade, penso que é uma forma de animar, rejuvenescer e de ter um papel distinto no mercado. Muitas marcas têm o seu ponto diferenciador e nós na Montblanc tentamos reforçar essa distinção criando valor, criando linhas que expressam a nossa elegância e alta relojoaria num novo segmento de preço para fazer a diferença.

É também uma forma de se demarcarem da concorrência?

Sim, definitivamente. Temos aquilo a que chamamos “conceito plus plus”. Significa que desenvolvemos um conceito baseado em categorias e no segmento de preço. Porque se só vendermos preço, é algo que não dura. Há sempre alguém que pode ser mais barato. Para mim, o que importa não é o preço, mas sim o valor. Por exemplo, o novo Exoturbilhão Slim é provavelmente o melhor turbilhão de um eixo que se pode encontrar no mercado. O facto de ter o melhor preço do mercado é o segundo elemento. Para mim, o elemento “plus” é de que é o melhor. Além disso, ao termos concebido um movimento completamente novo, ao termos feito uma revisão da cadeia de valores, o valor acrescentado é ainda maior.

No ano passado, a Montblanc apresentou a colecção Vasco da Gama. Como tem corrido esta linha, nomeadamente em Portugal?

Muito bem. A edição limitada está a correr muito bem, e de dois em dois anos ou de três em três o seu nome irá regressar. A linha Vasco da Gama é uma forma de trabalharmos em especial o design e o sentimento. Há muitos elementos de inspiração e é um nome que



MONTBLANC
4810 TwinFly Chronograph 110 Years Edition

vale a pena continuar a trabalhar. A ligação a Portugal continua e será mais desenvolvida. É uma relação histórica e a colecção encerra uma edição limitada exclusiva para Portugal, que está a funcionar perfeitamente também.

Podemos esperar outras linhas inspiradas em grandes eventos e personalidades da história mundial?

Não. Este ano, por exemplo, os lançamentos estão relacionados com a nossa história. Vasco da Gama, para já, será a única colecção com essa associação.

Em 2015, a Montblanc foi a primeira marca de alta relojoaria e apresentar um relógio com ligação ao universo digital. Que oportunidades vê nesta associação?

Nesse caso trabalhámos num acessório que associámos a um relógio tradicional. Encontrámos uma nova dimensão interessante daquilo que podemos fazer e desenvolver enquanto ideia. Se, por um lado, não ignorámos o universo digital, por outro não acreditamos que um dia os relógios serão substituídos pela tecnologia. Além disso, não pretendemos estragar o que temos andando a fazer com relógios tradicionais. E, por isso, a e-strap é um bom compromisso entre ser inovador, mas mantendo a essência da nossa indústria, que são os relógios mecânicos tradicionais. Estamos a trabalhar na segunda geração dessa bracelete. Mas apenas o fazemos como e-strap e não como relógio.

Nos últimos anos, as complicações têm feito parte da oferta Montblanc. O que podemos esperar para este ano?

Introduzimos o Exoturbilhão Slim, vamos lançar dois relógios de bolso também, que representam uma nova expressão para a Maison, bem radical. Acho os relógios de bolso muito interessantes, porque a diversidade é muito importante e penso que a ligação à história é o que torna as coisas muito diferentes em relação ao espírito da época (relógios conectados, etc.). na Montblanc sempre tivemos essa ligação à história e à mestria artesanal, que são fundamentais para manter a nossa indústria um passo à frente de ser apenas um produto tecnológico ou um acessório. Temos trabalhado no turbilhão e continuamos nessa direcção, e também nas complicações tridimensionais, que são uma assinatura da marca.

Além desses, quais são as principais novidades Montblanc para 2016?

A principal novidade é a família 4810 e nove movimentos diferentes. Somos provavelmente a única marca a lançar uma linha com nove movimentos. É algo que tem muito significado quando se trata de estabelecer conteúdo relojoeiro enquanto marca. Nove movimentos, dos quais quatro são de manufactura: relógio de mesa, relógio de bolso com espiral cilíndrica, Exoturbilhão Slim e Twin Fly. Representa um grande esforço para uma marca como a Montblanc progredir desta forma ao nível do conteúdo relojoeiro. A Montblanc tem 40 movimentos na colecção, dos quais 24 são de manufactura.

Como vê o sector da relojoaria nos próximos cinco anos?

Estou muito optimista. Acho que o nosso sector é capaz de se renovar constantemente. Em termos de produtos propostos, o nível é cada vez mais elevado. Estou realmente impressionado com a capacidade inventiva do sector. Estou certo de que não seremos apanhados de surpresa no que concerne ao futuro. ✨



GP GIRARD-PERREGAUX

MECHANICS OF TIME SINCE 1791



TRAVELLER «TRIBUTO A EUSÉBIO»

A EDIÇÃO ESPECIAL GIRARD-PERREGAUX EUSÉBIO ALIA A HISTÓRIA, EXCELÊNCIA E INOVAÇÃO AO CARISMA ÚNICO DE UM VERDADEIRO SÍMBOLO NACIONAL PORTUGUÊS: EUSÉBIO.

EDIÇÃO EXCLUSIVA DA BOUTIQUE DOS RELÓGIOS PLUS, LIMITADA A 36 PEÇAS, EM OURO ROSA, CELEBRANDO ASSIM OS TÍTULOS OFICIAIS GANHOS PELO REI EUSÉBIO.



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Av. da Liberdade 129, 213 430 076 - Centro Colombo, 217 122 595
Amoreiras Shopping Center, 213 827 440 - CascaiShopping, 214 607 060 - NorteShopping, 229 559 720



Dependentes DA INDEPENDÊNCIA

Os chamados “independentes” na alta relojoaria são hoje um grupo de marcas e criadores que ganharam por mérito próprio um lugar de relevo entre as grandes marcas. A independência está-lhes no sangue e a criatividade patente em cada relógio é prova disso.

:: *Texto de Carlos Torres*

O que significa, hoje, ser independente no mundo da alta relojoaria? Trata-se de uma vantagem em relação a outras marcas com heranças de décadas e mesmo séculos? Ou será que estas últimas, por se incluírem sob a protecção de um grupo industrial ao qual pertencem outras marcas, beneficiam de vantagens competitivas assinaláveis que se reflectem na qualidade intrínseca dos seus produtos? A res-

posta para todas estas questões é, invariavelmente, sim... e não! Tanto a Urwerk como a MB&F e, mais recentemente, a HYT, pertencem a um movimento revolucionário nascido no final da década de 1990, conhecido como “Nouvelle Horlogerie”, onde os termos “fronteiras” e “limites” têm pouca expressão. Como independentes, estas três marcas podem não beneficiar da escala e dos recursos industriais que um conglomerado de marcas como as pertencentes ao grupo Richemont ou LVMH tem à sua disposição, mas compensam este “handicap” com uma liberdade criativa não restringida pela história ou pela obrigatoriedade de se vergarem perante um ADN técnico e estilístico cristalizado ao longo de décadas.

Urwerk = a marca que não gosta de ponteiros

Veja-se o caso da Urwerk, fundada em 1997 pelo relojoeiro Felix Baumgartner e o designer Martin Frei, ambos então com pouco mais de vinte anos. Numa altura em que a tendência pendia para relógios clássicos, maioritariamente de caixa redonda, dois ou três ponteiros e complicações como turbilhão, repetição de minutos ou calendário perpétuo, o primeiro modelo da Urwerk, o UR-101, assumia formas muito pouco comuns, rompendo com o status quo estético vigente na alta relojoaria. A aparência quase extraterrestre e a opção por uma indicação peculiar, sem ponteiros, que mistura o analógico com o digital através de quatro satélites horários, viriam a definir todo o percurso da marca até aos dias de hoje. E que percurso! O primeiro êxito digno desse nome aparece em 2003, com o UR-103.01. Em 2005, o excepcional Opus V, criado em parceria com a Harry Winston, dá à Urwerk uma visibilidade global. Entretanto, o design da caixa do UR-103 sofre diversas evoluções e, em 2007, surge o UR-201, representando uma nova geração de relógios que, no entanto, permanece fiel à ideia original. Em 2009 é a vez do UR-CC1, um modelo totalmente novo que explora o conceito das indicações lineares, e em 2011 o UR-110 Torpedo resgata o conceito que fez do Opus V um sucesso absoluto. Dois anos depois surge o inédito EMC, e em 2014 o UR-105M revela-se como uma alternativa estética ao conceito original da indicação horária por satélites. Em 2015 a marca atreve-se finalmente a dar, com sucesso, os primeiros passos no universo feminino, com o UR-106 Lotus.

Este ano, na estreia da marca no salão SIHH de Genebra, a Urwerk apresentou dois novos modelos: o UR-105 – também conhecido como T-Rex devido ao relevo da caixa em bronze, que se assemelha de alguma forma à pele que este dinossauro poderia ter tido há 65 milhões de anos – e o EMC Time Hunter – um modelo que assenta na procura da marca por uma melhor cronometria do movimento, transferindo para o utilizador a capacidade de regular convenientemente o seu relógio.



MB&F = inspirada nos sonhos

Um outro caso de independência é o da MB&F, um laboratório criativo cuja sigla é composta pelas iniciais do fundador, Maximilian Busser. Max, como é conhecido, chegou à relojoaria um pouco por acidente, tendo-se iniciado na Jaeger-LeCoultre, onde permaneceu durante sete anos. Com apenas 31 anos é convidado a liderar a área da relojoaria da Harry Winston, onde recria a marca e a posiciona a par com alguns dos mais relevantes nomes da alta relojoaria. Mas o sucesso traz consigo uma profunda insatisfação pessoal e, no auge da sua carreira, Max decide deixar a Harry Winston para fundar a MB&F baseando-a, em critérios de criatividade, dimensão empresarial contida e partilha de competências, onde cada fornecedor externo é identificado como um amigo (friend), o “F” da sigla MB&F.

Apenas dois anos após a fundação, em 2005, a marca apresentava o seu primeiro modelo, o Horological Machine 1 (HM). Uma criação que rompia com quase tudo o que, ainda hoje, define um relógio. Seguiram-se mais cinco criações HM, intercaladas por quatro criações de aparência mais clássica, baptizadas como Legacy Machines (LM).

E este ano, também em Genebra, a MB&F apresentou uma variação do HM6 Space Pirate, um relógio com turbilhão central de inspiração espacial, com reminiscências do desenho biomórfico dos anos 70, e que, agora, revela através de uma caixa transparente em cristal de safira os 500 componentes do seu movimento mecânico. Com cada caixa de safira do HM 6 Space Pirate a requerer cerca de 350 horas de trabalho em CNC e posterior polimento, esta seria provavelmente uma criação rejeitada à partida por uma marca não independente. A falta de bom senso comercial seria certamente uma das razões.



HYT = a revolucionar a forma de ler o tempo

Mais recente, mas não menos inovadora como marca, a HYT alcançou a façanha de associar o relógio mecânico a uma das mais antigas técnicas de medir o tempo. O elemento principal da milenar clepsidra, o líquido, tornou-se a substância que nas criações da HYT é responsável por marcar a passagem das horas de forma linear, enquanto os minutos recorrem ao tradicional ponteiro, neste caso com movimento retrógrado. A base tecnológica da HYT é, em primeiro lugar, a ciência, onde a física, a química e mesmo a óptica se conjugam de forma indelével com a mecânica relojoeira tradicional. A ideia por detrás da introdução do líquido nos relógios da HYT requer nada menos que 300 conceitos distintos, alguns baseados na mais avançada tecnologia aeroespacial, e onde a estanqueidade é um actor de primordial importância. Os dois tanques, e o tubo capilar que os ligam, têm de poder conservar os líquidos, que contêm transparente e colorido fluorescente, ao longo de décadas, isolando-os do restante movimento mecânico.

O modelo inaugural, o H1, estreou-se em 2012 a vencer o prémio para a inovação atribuído pelo Grande Prémio de Relojoaria de Genebra (GPHG). O H2, apresentado no ano seguinte, resultou de uma colaboração com a Audemars Piguet e a Renaud & Papi, após estes aconselharem a HYT a dar mais visibilidade aos elementos mecânicos do modelo. Os dois tanques de líquido assumiram assim uma disposição em V, de forma a tornar visível o interior do complexo mecanismo.

Seguiu-se o H3, um “talking piece” com dupla indicação retrógrada, a que se sucedeu, já este ano, o H4, um relógio que introduz um micro dínamo eléctrico de 85 componentes accionado de forma mecânica, que alimenta um par de LED capazes de iluminar o mostrador em ambiente de fraca luminosidade.

Independentes = exclusividade

Um aspecto que contrasta fortemente com os nomes mais conhecidos da alta relojoaria suíça é o da exclusividade ditada pela capacidade de produção extremamente reduzida destas marcas independentes. Em boa parte não se trata de uma opção, mas antes de uma consequência directa da complexidade dos conceitos que cada uma delas propõe.

E se a HYT produz actualmente cerca de 500 peças por ano, no caso da MB&F a produção não ultrapassa as 285 unidades – um número equivalente à produção diária da Patek Philippe, e, noutra categoria, o que a Rolex produz em apenas uma hora. Se a isto se acrescentar que, em apenas dez anos, a MB&F criou nada menos que 11 calibres originais, sete dos quais totalmente de raiz, de A a Z, então estaremos perante uma verdadeira façanha para uma empresa desta dimensão. O caso da Urwerk ainda é mais esclarecedor: a cada ano não saem dos ateliers de Genebra e Zurique mais do que 150 relógios.

As vantagens enumeradas a favor dos independentes apenas parecem claudicar quando se olha para os preços de etiqueta que cada um apresenta. Neste âmbito, as linhas de produção das grandes marcas apresentam uma relação preço/qualidade difícil de bater. Se se considerar, no entanto, a probabilidade de nos cruzarmos com alguém que use o mesmo relógio, ou mesmo a mesma marca, então a vantagem dos independentes torna-se clara, acrescentando a probabilidade de a conversa se centrar sobre o relógio subir desproporcionalmente.

Ao olharmos para o conjunto de modelos produzidos hoje e no passado por estas três marcas independentes, assim como a vertente lúdica com que se revestem, salta à memória a frase com que Max Busser tanto gosta de caracterizar a suas criações, e que, afinal, serve que nem uma luva tanto à Urwerk como à HYT: “Um adulto criativo é uma criança que sobreviveu!” A frase reflecte exemplarmente o espírito que norteia estes ateliers de alta relojoaria, que desconhecem o significado de um estudo de mercado. A dependência da independência tornou-se para eles uma necessidade absoluta. ✨





SHAMBALLA JEWELS

Explore the Energy of Creation*



SHAMBALLA BRACELET

Diamantes Pretos Facetados, Diamantes Pretos, Ródio Preto Platinado 18cts



**BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS**

Avenida da Liberdade nº 129, tel. 21 343 00 76, www.boutiquedosrelogiosplus.pt

*Explore a Energia da Criação



A medida da PERFEIÇÃO

Relógios extraordinários exigem testes extraordinários. A Omega uniu-se ao instituto de padrões suíços METAS para garantir que os seus Master Chronometers são postos à prova e testados num mundo tecnologicamente avançado.

:: *Texto de Ben Oliver, Adaptação de Marina Oliveira*

Se vamos reinventar os relógios de pulso, é impreterível reinventar também a forma de os testar. Como clientes, queremos ter certeza de que as afirmações feitas por um relojoeiro quanto à precisão e fiabilidade dos seus produtos são comprováveis. Isso é particularmente verdadeiro quando as nossas ocupações ou passatempos dependem do desempenho do nosso relógio, e ainda mais quando se afirma que esse desempenho é muito melhor do que qualquer outro que já existiu.

O novo símbolo

Durante os próximos cinco anos, a Omega reformulará quase todos os seus movimentos mecânicos para resistirem a campos magnéticos de até 15.000 gauss, superando de longe o que antigamente pensávamos ser possível. Uma vez magnetizados, os componentes metálicos quase microscópicos de um movimento podem parar de funcionar correctamente, danificando a precisão do relógio e, em casos extremos, até mesmo estragando-o definitivamente.

Antigamente, uma resistência a campos magnéticos de até 1000 gauss era suficiente para descrever um relógio como “antimagnético”. Porém, o mundo moderno apresenta mais campos magnéticos com forças superiores. O design dos movimentos que antecederam os smartphones, altifalantes poderosos, cozinha por indução e sensores antifurto das lojas precisa ser actualizado. Hoje em dia, mesmo 1000 gauss podem ser facilmente ultrapassados no uso quotidiano.

Com os novos movimentos Master Co-Axial, lançados pela primeira vez na linha Aqua Terra em 2013, a Omega afirma ter resolvido o maior e mais recente problema da relojoaria tradicional. Em vez de proteger apenas o movimento contra o magnetismo, a Omega criou movimentos que são simplesmente impenetráveis ao magnetismo, utilizando molas de balanço em silício Si14 e novas ligas não ferromagnéticas.

É uma solução muito mais elegante. Não só o design Co-Axial exclusivo da marca (incontestavelmente o avanço mais importante da relojoaria nos últimos 250 anos) continua a marcar as horas perfeitamente, livre dos efeitos a longo prazo do magnetismo, como o pode observar através do fundo da caixa em vidro de safira, pois o movimento não precisa ser protegido.

Em dia com os tempos

A Omega sentia claramente que os procedimentos de teste do sector relojoeiro suíço precisavam ser actualizados. Há décadas que os relojoeiros suíços enviam os movimentos para o Contrôle Officiel Suisse des Chronomètres (Controlo Oficial Suíço de Cronómetros), mais conhecido por COSC. O instituto avalia a precisão de cada movimento individual em cinco posições, a duas temperaturas e durante quinze dias. O COSC emite uma certificação para cada movimento aprovado e dá ao relojoeiro o direito de colocar a famosa inscrição “Cronómetro” no mostrador.

Trata-se de um teste rigoroso. Quase dois milhões de movimentos são testados por ano, mas isto ainda equivale a menos de 5% da produção relojoeira suíça. Os movimentos mecânicos da Omega continuarão a ser submetidos a este teste, mas os seus relojoeiros sabiam que os novos movimentos podiam marcar as horas sob parâmetros ainda mais severos do que os padrões do COSC. E também queriam que outras pretensões dos relógios relativas à reserva de marcha, resistência à água e antimagnetismo fossem oficialmente comprovadas, visto que testar e certificar os seus próprios produtos não é suficiente. Assim, a Omega decidiu ajudar a desenvolver um novo teste muito mais rigoroso, ao qual qualquer outra marca suíça também pode submeter os seus relógios, e pediu a uma entidade fiável e independente para impôr o novo padrão.

Precisão ferroviária

Entra em cena o METAS. Se os suíços são famosos pela sua precisão, então o METAS talvez seja o mais suíço de todos os organismos. O nome por extenso é Instituto Federal Suíço de Metrologia. Faz parte do Departamento Federal Suíço de Justiça e Polícia e é o instituto oficial de normas da Suíça. Garante que um metro suíço seja um metro, ao nanómetro. Não há organismo mais eminente para emitir certificações no país.

Além do processo de teste do COSC, a Omega e o METAS desenvolveram uma avaliação de dez dias que testa oito características essenciais do desempenho de um relógio. Esta vai muito além dos padrões do COSC, testando não apenas o movimento, mas também a caixa completa do relógio – sendo talvez um teste mais relevante para quem não anda apenas com um simples movimento no bolso. A avaliação verifica a precisão do relógio a duas temperaturas e em seis posições, em vez de cinco, como no teste do COSC. Acrescenta testes independentes de resistência à água, reserva de marcha e precisão contínua de cada relógio à medida que a corda vai diminuindo. O mais extraordinário é que inclui dois testes dentro de um dos maiores ímanes permanentes do mundo.

Para receber o novo título de Master Chronometer garantido pelo METAS, cada relógio tem de passar por tudo isso e não só continuar a funcionar, mas também marcar as horas sofrendo apenas metade da variação considerada como aceitável pelo COSC: adiantando no máximo cinco segundos por dia quando comparado ao Tempo Universal Coordenado, recebido por sinal de rádio do relógio atómico que fica na sede da Omega. Um Master Chronometer não sairá da fábrica atrasado.

“Os comboios suíços são todos pontuais”, diz Andreas Hobmeier, vice-presidente de produção e aprovisionamento da Omega e responsável pelo desenvolvimento dos novos padrões com o METAS. “Não gostaríamos que perdesse o comboio.” É uma piada irónica por parte de um relojoeiro suíço. Ele sabe que a fiabilidade dos seus relógios servirá para realizar proezas muito mais difíceis do que apanhar um comboio.

Base de teste do futuro

Todos os testes do Master Chronometer são realizados na sede da Omega em Bienne, sob a estrita supervisão do METAS, cujos funcionários patrulham o centro de testes e auditam todos os oito testes, repetindo-os em relógios de amostra escolhidos aleatoriamente nas suas próprias áreas de teste, inacessíveis aos funcionários da Omega.

O Omega Globemaster foi o primeiro relógio a ser testado conforme os padrões Master Chronometer. Os testes ocorrem actualmente em instalações do tamanho de aproximadamente dois campos de ténis dentro da fábrica da Omega. Alguns são feitos à mão. À medida que mais modelos da Omega forem recebendo o estatuto de Master Chronometer, a escala e o automatismo do processo de teste serão ampliados. Actualmente, apenas algumas centenas de movimentos são testados por dia. Dentro de cinco anos, centenas de milhares serão certificados anualmente nas novas instalações de produção da Omega, e os visitantes poderão assistir aos testes a decorrer. Porém, os padrões impostos pelo METAS permanecerão exactamente os mesmos. E um aspecto importante é que o teste Master Chronometer estabelece, de facto, um novo padrão para o sector relojoeiro suíço.

Estes testes não pertencem à Omega: o METAS testará relógios de qualquer marca de acordo com os mesmos padrões. O desafio é conceber um relógio que consiga atender a tais normas.

O Globemaster

A linha Aqua Terra da Omega foi a primeira a oferecer um movimento Master Co-Axial, o calibre 8500, que combinou ineditamente o design Co-Axial da Omega com a nova tecnologia antimagnética em 2013. O novo Globemaster utiliza o calibre 8900, uma evolução do 8500, e foi escolhido como o primeiro relógio a receber a nova certificação METAS e o título de Master Chronometer. Outros virão: movimentos antimagnéticos com funções de cronógrafo e GMT e, dentro de cinco anos, quase todos os movimentos mecânicos da Omega serão Master Chronometers.

Parece adequado começar com o Globemaster. Ele é – à primeira vista – um relógio relativamente simples, com três ponteiros e data, sendo elegante mas subtil, com discretos 39 mm de um lado ao outro. Porém, a sua simplicidade apenas aumenta o foco na essência do relógio: o movimento, que foi o primeiro a ser aprovado no teste oficial mais rigoroso já concebido.

O mostrador “pie-pan” com contornos profundos faz referência aos antigos modelos Constellation da Omega. Assim como a característica luneta “canelada”: feita com carboneto de tungsténio quase indestrutível, também faz subtilmente alusão à vida útil da precisão do relógio. Ao virá-lo, o fundo da caixa em vidro de safira exhibe o revolucionário movimento 8900. Antigamente, relógios com uma fracção do antimagnetismo do Globemaster teriam sido inseridos numa gaiola de Faraday, permanecendo ocultos. A visibilidade do movimento relembra a sua inovação. No centro do fundo da caixa está o famoso logotipo “Observatory” da linha Constellation, apresentando oito estrelas, uma para cada um dos recordes relojoeiros que a Omega bateu no século XX e agora para os oito testes rigorosos pelos quais o relógio Globemaster passou no século XXI.



A certificação METAS

A nova certificação METAS segue uma abordagem que é tendência no século XXI no que diz respeito aos resultados. Todos os resultados dos testes vão directa e automaticamente para o sistema SAP da Omega, não dando qualquer espaço para erro humano. Cada um é registado com o número de série do movimento ou relógio em teste. Portanto, em vez de emitir uma simples certificação, a Omega e o METAS dão aos utilizadores do Master Chronometer total acesso aos resultados individuais dos seus relógios em cada um dos oito testes, que podem visualizar no espaço do cliente no site da Omega ou digitalizando os seus cartões METAS com o smartphone. O cliente sabe que o seu relógio opera dentro daqueles parâmetros rigorosos, mas quão bem talvez o surpreenda.



TESTES 1, 2 E 3

Antimagnetismo Movimento e relógio completo

São os testes mais rigorosos, realizados primeiro no movimento após regressar do teste efectuado pelo COSC e, depois, no relógio “completo” (com caixa), após o movimento ter regressado à fábrica para a próxima etapa da montagem.

TESTE 4

Precisão média diária

Este é, indiscutivelmente, o teste mais importante, pois regista a precisão diária do relógio “completo”, após quatro dias de teste, incluindo os testes de antimagnetismo, e efectua um teste em seis posições e a duas temperaturas.

TESTE 5

Reserva de marcha

Todos os fabricantes de relógios mecânicos dizem durante quanto tempo os seus relógios funcionam quando totalmente carregados, seja por corda manual ou pelo movimento do pulso, mas o teste do METAS é um dos primeiros a comprovar a reserva de marcha.



TESTE 6

Desvio da precisão em seis posições

O teste dá enfoque a qualquer alteração na precisão do relógio entre as seis posições quando totalmente carregado.

TESTE 7

Desvio da precisão entre 100% e 33%

A Omega e o METAS dão então um passo mais além e verificam se cada Master Chronometer marca tão bem as horas estando totalmente carregado como com a corda a dois terços.

TESTE 8

Resistência à água

Há décadas que a Omega verifica a resistência à água de todos os seus relógios, colocando-os dentro de água altamente pressurizada. Alguns testes menos rígidos utilizam apenas a pressão do ar. 🌟

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



*“Criámos
um Super COSC
com o METAS”*

Jean-Claude Monachon, vice-presidente de produto e serviço ao cliente Omega, esteve em Lisboa a propósito do lançamento da colecção Globemaster Master Chronometer. A ocasião revelou-se perfeita para uma conversa sobre a nova certificação e a história por detrás dos relógios antimagnéticos até 15.000 gauss.

:: *Por Marina Oliveira*



Por que é que a Omega sentiu necessidade de um novo tipo de certificação?

Em 2013, lançamos um relógio antimagnético até 15.000 gauss e sabíamos que a precisão deste era muito boa; tínhamos uma boa reserva de marcha e mesmo quando esta estava no fim, o relógio continuava a funcionar como se a corda estivesse completamente carregada. Então pensamos que tínhamos que fazer alguma coisa para atestar esta qualidade. Perguntámos ao COSC se podiam fazer um Super COSC para a Omega. Mas o COSC tem muitos membros e quando se questionou as outras marcas sobre essa possibilidade, estas obviamente disseram que não. Tínhamos de encontrar outra solução e foi então que procurámos o Instituto Suíço de Meteorologia (METAS) e lhe perguntámos se podiam criar, processos e critérios que atestassem a qualidade dos nossos relógios, de modo a que pudéssemos mostrar ao consumidor final o resultado obtido. O METAS aceitou o desafio e criou 8 critérios gerais muito exigentes e difíceis de obter. Outro aspecto interessante é que, enquanto no COSC testamos o movimento, no METAS testamos o relógio completo. Afinal o consumidor final compra um relógio e não só o movimento. Por exemplo, no COSC não se testa o cronógrafo, já no METAS testamos esta função em funcionamento a 15.000 gauss.

Mas a Omega mantém o COSC. Porquê manter as duas certificações?

Em primeiro lugar porque as pessoas sabem o que é o COSC. E o nome para a certificação COSC é Chronometer. Podíamos ter feito sem o COSC, mas o problema seria que não podíamos usar o nome Chronometer porque pertence ao COSC. O nome Master Chronometer pertence ao METAS. A Omega registou o nome e deu-o ao METAS. Por isso, se outra marca conseguir alcançar os critérios acordados com o METAS, poderá chamar ao seu relógio Master Chronometer. E isso é ótimo. Quanto mais marcas tiverem relógios Master Chronometer, mais as pessoas saberão do que se trata. Assim, mantivemos o COSC porque é reconhecido e detém o nome, mas criámos um Super COSC com o METAS.

A certificação Master Chronometer pode então ser obtida por qualquer marca no mercado?

Sim, é uma certificação aberta a todos. Neste momento, o METAS está dentro do edifício da Omega. E há pessoas que acham que o METAS pertence à Omega, mas não é verdade. Foi uma questão logística. Uma coisa é enviar os movimentos para o COSC, o custo é elevado, mas possível; outra totalmente diferente é enviar o relógio completo. Não é possível por uma questão de seguros, etc. O que a Omega fez foi ceder um espaço para o METAS, as pessoas que aí trabalham são empregados do METAS. Claro que se outra marca quiser ter a certificação Master Chronometer, não poderá fazer os testes no edifício da Omega.

Tem conhecimento de alguma outra marca interessada na certificação?

O METAS disse-nos que há outras marcas interessadas, mas neste momento mais em saber o que cada critério da certificação envolve. Porque são 8 critérios, mas cada um possui dezenas de subcritérios a cumprir. Por isso, de momento, é apenas a Omega. Todos os outros,



antes de se submeterem à certificação, terão que conseguir o antimagnetismo a 15.000 gauss. Um pormenor curioso: a revista Uhren testou os Globemasters num túnel que vai até aos 70.000 gauss e impressionantemente, os relógios funcionam perfeitamente até aos 60.000 gauss.

Quanto tempo decorreu entre o desenvolvimento da tecnologia antimagnética e a produção do primeiro modelo com esta tecnologia?

A ideia surgiu em Basileia em 2011. Na época, o Sr. Hayek perguntou-me se eu tivesse que encontrar algo que fosse muito útil num movimento, o que faria? Respondi que faria um relógio antimagnético porque tínhamos muitos problemas no serviço ao cliente. As pessoas pensam que a Omega não funciona bem e não é a Omega é o magnetismo. Ele disse, ok, mas quero algo que nunca tenha sido feito antes. Eu tinha luz verde mas não sabia o que fazer, não tenho conhecimentos de magnetismo. Fiz uma pesquisa e reuni-me com engenheiros, técnicos e outras pessoas especializadas de empresas do grupo Swatch. Disse-lhes que queria um relógio resis-

tente a 15.000 gauss. Pensaram que eu estava doido. Disseram-me que era impossível e eu aumentei a parada. Disse-lhes que queria duas coisas adicionais: uma data e ver a beleza do movimento no fundo da caixa. Ao adicionar estes dois critérios, a mente dos engenheiros abriu-se e, na mesma reunião, um dos presentes disse que tínhamos que trabalhar nos componentes do movimento. Começámos com isso e, em 2013, lançámos o Omega Aquaterra 15.000 Gauss. A moldura de tempo foi muito curta entre a ideia e a concretização desta. Na realidade, não construímos um novo movimento, mudámos alguns componentes. Já tínhamos a espiral em silício, sem isto não teríamos um relógio antimagnético. E depois mudámos 78 componentes. Claro que tivemos de encontrar soluções, fizemos cerca de 80 testes diferentes.

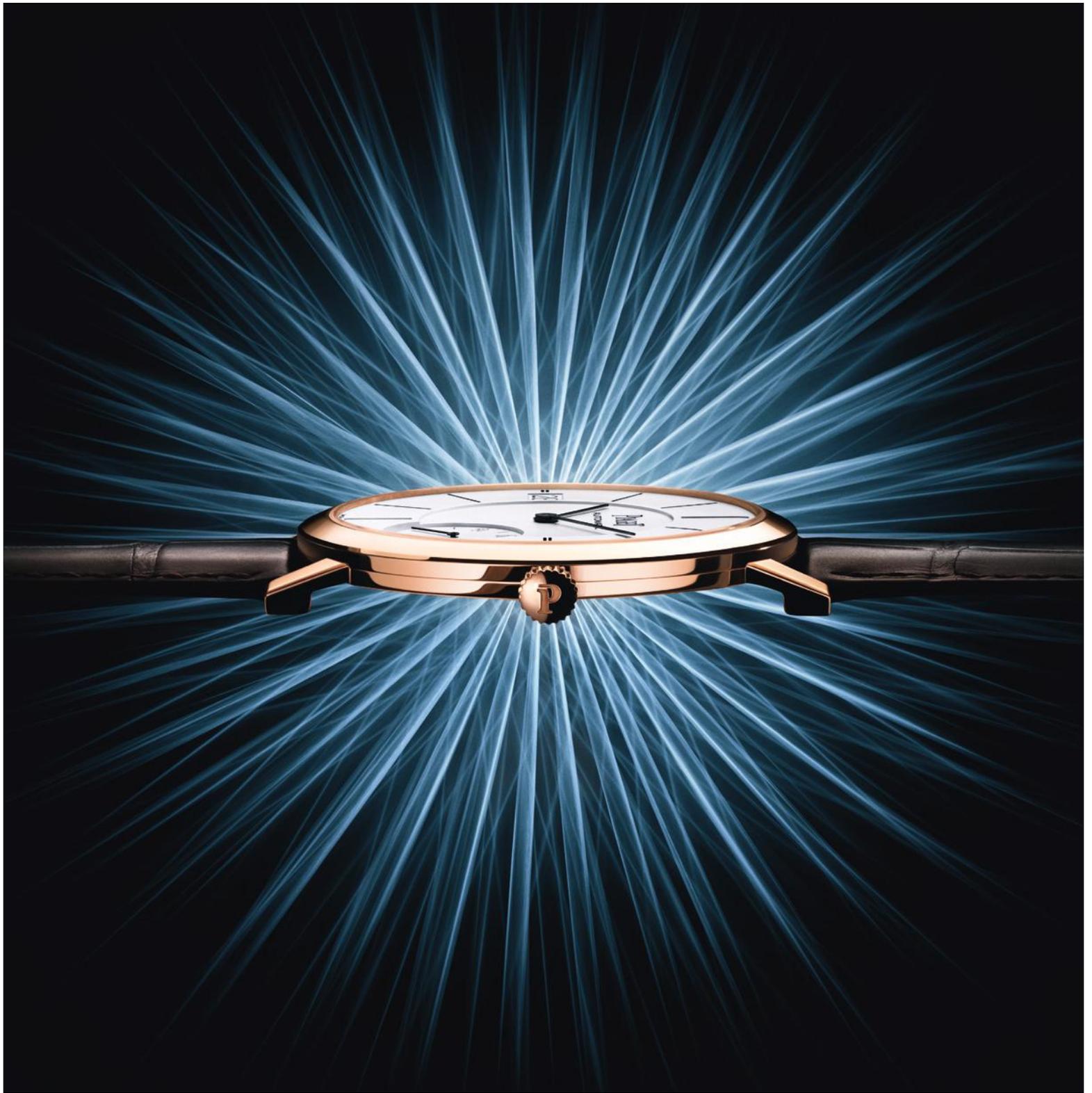
O ano passado a Omega apresentou o primeiro Master Chronometer e este ano seis novos modelos com esta certificação. O objectivo é estender a certificação a todas as colecções Omega?

Exactamente. Todos os movimentos coaxiais deverão ter a certificação Master Chronometer até 2020/21.

Em relação às novidades apresentadas este ano em Basileia, algum produto que gostaria de destacar?

São todos os meus bebés e não tenho um favorito. Costumo dizer que o meu preferido é o que virá no próximo ano. ✨





Piaget Altiplano 1205P

altiplano.piaget.com

PIAGET

Av. da Liberdade, 194C
Av. da Liberdade, 129
Lisboa

 BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS



Mestria joalheira AO SERVIÇO DA RELOJOARIA

Com grande tradição no universo da joalheria, a Harry Winston estreou-se na medição do tempo em 1989. Hoje, a marca oferece peças que vão desde impressionantes relógios-jóia a modelos com grandes complicações, posicionando-se no patamar mais elevado da excelência relojoeira.

:: *Texto de Gonçalo Ferreira*

Nascido em 1896, no seio de uma família ucraniana, Harry Winston cedo se mudou para os Estados Unidos da América, onde aprendeu a arte da joalheria com o pai. No ano de 1932 fundou a sua própria marca, Harry Winston, em Nova Iorque, local onde viria a ser conhecido como o “Rei dos Diamantes”, tendo sido responsável pela comercialização de algumas das mais emblemáticas pedras preciosas que viram a luz do dia, como os diamantes Hope, Lesotho, Jonker e Taylor-Burton. A enorme fama que alcançou levou-o a ser um dos principais fornecedores das mais brilhantes estrelas de Hollywood, sendo ainda hoje uma das marcas com maior presença na passadeira vermelha em noite de Óscares.

Em 1989, já sem a batuta do seu fundador, esta prestigiada marca lançou-se numa das maiores aventuras da sua história, entrando no maravilhoso mundo da relojoaria. O mote era colocar toda a sua mestria joalheira ao serviço da mais fina arte de contar o tempo, criando, assim, peças relojoeiras de excepção com integração de pedras preciosas, que ficariam para a história devido à atenção dedicada aos detalhes que sempre foi apanágio da Harry Winston.

Como não poderia deixar de ser, se a marca pretendia produzir peças de Alta Relojoaria de grande qualidade, teria de se deslocar para junto dos grandes mestres. E assim, a partir do ano de 2007, as suas obras-primas passam a ser concebidas na Suíça, em Plan-Les-Ouates, pequena cidade perto de Genebra, lar de todos os seus processos de produção.

Hoje em dia são várias as colecções que compõem o portefólio desta manufactura. Como forma de homenagear a cidade de Nova Iorque, berço da marca, a Harry Winston tem a colecção Avenue, que nos brinda com uma série de relógios de formato rectangular, cujo lema se centra na arte de bem trabalhar os diamantes. Já a linha Midnight é capaz de nos transportar para a tradicional relojoaria suíça, em que o estilo clássico e intemporal dá corpo a magníficos movimentos relojoeiros, sendo alguns deles equipados com complexas complicações.



**HARRY
WINSTON**
MIDNIGHT Fases da Lua



**HARRY
WINSTON**
Project Z9

Para os mais aventureiros, a Harry Winston produz a colecção Ocean, na qual podemos encontrar relógios preparados para enfrentar o rigor dos oceanos. E, como forma de homenagear o ano de 1989 e a sua primeira colecção de relógios, a marca disponibiliza a linha Premier, inspirada no primeiro relógio que lançou. Como forma de demonstrar a habilidade que a marca tem em dominar diversas matérias-primas, a família Project Z, surge com uma série de relógios construídos com zâlim, uma liga até aqui apenas utilizada na indústria aeronáutica. Já a linha Historie de Tourbillon é uma colecção sofisticada de edições limitadas, cujo objectivo principal é mostrar a criação de turbilhões com a combinação de inclinações e múltiplos eixos, tornando-a numa das mais complexas linhas de turbilhões do mundo.

Mas a grande revolução operada pela Harry Winston foi o lançamento, em 2001, da linha Opus, onde a marca teve como visão aliar a sua própria mestria à sabedoria de grandes mestres relojoeiros, desenvolvendo em conjunto algumas das mais belas peças que a história da Alta Relojoaria já viu. ✨



**HARRY
WINSTON**
Opus 14



MONTBLANC

Heritage Chronométrie e Hugh Jackman, Edição Limitada exclusiva para Portugal

Crafted for New Heights*

Em tributo ao espírito explorador de Vasco da Gama e à sua busca pela máxima precisão, a Montblanc homenageia o português com a Edição Especial Montblanc Heritage Chronométrie Quantième Complet Vasco da Gama Portugal. Limitado a 98 exemplares, este relógio apresenta um calendário completo e uma constelação lacada a azul em torno da fase da lua, representando o céu noturno que Vasco da Gama terá observado em 1497 sobre o Cabo da Boa Esperança, na sua primeira viagem à Índia. Visite Montblanc.com

*Manufaturado para
Novos Desafios



BOUTIQUE DOS RELÓGIOS PLUS

CascaShopping, Tel. 214 607 060
Oeiras Parque, Tel. 214 430 263
www.boutiquedodosrelogiosplus.pt



Tempo de AVENTURA

Esqui, viagens e relógios são as paixões que unem Morten Linde e Jorn Werdelin. Foi com base nesta “Santíssima Trindade” que estes amigos de infância decidiram, em 2002, lançar-se na aventura das suas vidas: a fundação da marca relojoeira Linde Werdelin.

:: Por Marina Oliveira

Como decidiram criar a Linde Werdelin (LW)?

Jorn: Somos amigos de infância. Partilhávamos as mesmas paixões, assim como actualmente – esqui, viajar, relógios. Os relógios são parte da minha família há várias gerações, com o meu pai e avô a trabalhar no retalho por mais de 60 anos. Quando adolescente, trabalhei na loja do meu pai, onde fazia de tudo um pouco, desde troca de braceletes a gravações. Na altura estávamos no pico da revolução digital e o Morten e eu andávamos obcecados em

procurar a última inovação. Esta tendência continua actualmente, e é este fascínio mútuo pela mecânica e tecnologia que fez com que nos juntássemos e formássemos a nossa ideia daquilo que um relógio desportivo moderno deveria ser.

Morten: Em 2002, eu e o Morten começámos a falar sobre criar uma empresa. Eu já tinha desenhado relógios para outras marcas, mas nunca tinha estado na posição de criar um universo completo à volta dos meus produtos. Queríamos criar um relógio com funcionalidades acrescidas, oferecidas através de um instrumento digital que pudesse servir melhor as comunidades do esqui e do mergulho. Sentimos que o mercado estava a perder a oportunidade de combinar a mecânica com tecnologia digital, sem que uma comprometesse a outra.



Quando criaram o primeiro relógio, quais os aspectos-chave que queriam incluir?

Jorn: 2002 era uma altura diferente. Sentíamos-nos jovens, enérgicos e criativos. Era uma época em que sentíamos que tudo era possível; a oportunidade para criar algo novo e diferente. Era a era da nova tecnologia, que inspirou a nossa filosofia digital/analógica. O aspecto-chave dos relógios Linde Werdelin? Tinham de ser adequados ao instrumento. Foi isto que nos deu o nosso ADN, que se manteve constante ao longo do tempo.

Morten: Os nossos relógios são desenhados para quem possui um estilo de vida activo, que gosta de gozar a vida e de viajar. O ponto-chave que se manteve foi a interacção entre o digital e o analógico (os nossos computadores de esqui e mergulho e os nossos relógios). O objectivo foi sempre o de criar produtos funcionais, duradouros e sustentáveis. O que evoluiu ao longo do tempo, contudo, foi a forma como nos desafiamos tecnicamente, quer em termos de materiais, quer de esqueletização.

Quais as principais características que diferenciam os relógios LW de outras marcas?

Jorn: Originalidade, instrumentos, modernidade, raridade e envolvimento pessoal dos fundadores. Todos os relógios são criados por mim e pelo Morten. Cada peça é uma experiência, daquelas que continuaremos a explorar.

Morten: Um relógio desportivo moderno, adequado a um estilo de vida activo. O melhor de dois mundos. Relógios analógicos compatíveis com experiências digitais, através dos nossos instrumentos de esqui e de mergulho – a aliança perfeita para viajantes aventureiros. Olhamos o movimento através das nossas próprias lentes (por exemplo, o Fases da Lua para mergulho nocturno), e fazemos uso de materiais avançados de formas novas e únicas.

A colecção LW cresceu nos últimos anos. Qual a estratégia para este crescimento?

Jorn: Quisemos construir uma oferta base para que os clientes pudessem escolher. A estratégia tem sido estarmos interessados na utilização única dos materiais e, mais recentemente, no desenvolvimento de movimentos.

Morten: Estamos sempre a escavar mais fundo no nosso ADN, fazendo crescer as famílias Spido e Oktopus e olhando outras possibilidades dentro da nossa filosofia.

Alguma vez se depararam com situações onde o conceito foi travado pelo que é fisicamente possível?

Morten: Sim, muitas vezes, porque tentamos ultrapassar os limites do que é possível fazer. Temos uma ideia que passamos para a produção. A resposta normal é a de que não é possível e que precisamos alterá-la. Os fornecedores com que trabalhamos são criativos e juntos encontramos a solução. Por vezes temos de dar passos atrás para aprender o caminho através do processo, mantendo a ideia principal viva, mas ajustando os métodos aplicados. Resultado? Os designs são sempre melhorados.

Já passaram mais de dez anos sobre a criação da marca. Como resumem este período?

Jorn: Tem sido empolgante, educativo, desafiante e motivante.

Morten: Uma aventura. Libertador – ser responsável por criar e construir todo um universo para os nossos produtos. Recompensador – ter a oportunidade de colaborar com artesãos talentosos e alcançar os nossos objectivos juntos. Afortunado – todos os dias trabalho com algo que adoro.

E como gostariam de estar quando a marca fizer 20 anos?

Jorn: Tentamos ser o mais possível centrados no cliente. A mudança na produção, percepção e distribuição funciona a favor das marcas independentes. Personalizámos os nossos serviços, com programas como Try It e LW by Appointment, e pretendemos continuar nessa direcção, fechando a fenda entre nós e os nossos clientes. ✨





A aventura do PHOTO-FINISH

A linha da meta nos Jogos Olímpicos é um lugar onde a vitória é alcançada e os sonhos são conquistados. Há quase 60 anos, a Omega desenvolve continuamente a câmara de photo-finish, para garantir que o momento final de cada corrida seja capturado com indiscutível precisão.

:: *Adaptação de Marina Oliveira*

Regresse no tempo até 1932, a primeira vez em que a Omega se encarregou das tarefas de cronometragem oficial dos Jogos Olímpicos. Nessa importante ocasião, a marca enviou um único cronometrista da Suíça até Los Angeles, munido de 30 cronógrafos de alta precisão. A longa viagem, feita de comboio, cruzando o Oceano Atlântico de barco e depois atravessando os Estados Unidos, talvez seja um símbolo do comprometimento e determinação que moldaram o legado de cronometragem da Omega. Naquele momento, esse único cronometrista não tinha como saber, mas a sua viagem foi o início de uma história que acabaria por

mudar o mundo desportivo. Embora 17 recordes mundiais tenham sido quebrados naquele ano, ainda era uma época em que os atletas tinham de cavar os seus próprios blocos de partida com pequenas pás e as pessoas confiavam no olho humano para julgar todos os resultados. Até mesmo com 30 cronógrafos cronometrando em décimos de segundo, a precisão fiável ainda estava longe.

Magic Eye

Salte 16 anos e vá para os Jogos Olímpicos de 1948, marcados por uma viragem fundamental tanto para os cronometristas como para os atletas. A Segunda Guerra Mundial tinha interrompido os Jogos Olímpicos e, quando o evento voltou a ser organizado, foi em Londres que as máquinas começaram a superar os humanos em termos de precisão cronométrica pela primeira vez. A liderar a mudança revolucionária estava a primeira câmara de photo-finish do mundo, conhecida como “Magic Eye” (olho mágico). Esse dispositivo da Omega era capaz de produzir uma imagem revelada em oito minutos e distinguia a diferença entre os desempenhos das medalhas de ouro, prata e bronze com mais precisão do que qualquer outra tecnologia anterior. O aparelho utilizado em Londres era uma câmara de imagem estática padrão, de 35 mm, montada em cima de uma caixa. Em frente à câmara ficava um tambor fixo que projectava o decorrer do tempo. Ao contrário da câmara de alta velocidade, que congela a acção, a câmara de photo-finish foi concebida para registar tudo o que acontece durante um período de tempo num espaço predeterminado. Esse método de capturar várias “fatias de tempo” permite a criação de uma única fotografia composta, que mostra cada atleta na hora em que cruza a meta. Afinal, esta técnica é muito melhor para localizar exactamente as posições.

Como se fosse o destino, a nova câmara foi imediatamente colocada à prova na histórica final dos 100 m, na qual dois americanos, Harrison Dillard e Barney Ewell, disputaram entre si uma vitória aguerrida. Ambos obtiveram o mesmo tempo de 10,3 segundos. Ewell pensou que tinha ganho e até começou a comemorar a vitória. No entanto, após consultarem a imagem de photo-finish, os árbitros designaram Dillard como vencedor e premiam-no com a medalha de ouro. Embora consternado, Ewell pôde ver a fotografia por si próprio e aceitou dignamente o resultado. É interessante pensar quantas vezes a história do desporto poderia ter sido escrita de outra forma com esta perícia electrónica.



Racend Omega

Quatro anos após Londres, uma nova geração de câmaras de photo-finish foi apresentada em Helsínquia. A “Magic Eye” melhorada foi rebaptizada de Racend Omega Timer e permitiu que os cronometristas dos Jogos Olímpicos de 1952 registassem tempos em centésimos de segundo. Numa estranha reviravolta, foi novamente a final masculina dos 100 m que necessitou de provas fotográficas para confirmar o resultado. Dessa vez, não eram apenas dois, mas sim os quatro primeiros corredores que eram quase impossíveis de separar. Talvez tenha sido a chegada em massa mais aguerrida da história na final dos 100 m olímpicos. Após consultar a imagem, a medalha de ouro foi entregue a Lindy Remigino, dos Estados Unidos, e apenas 0,12 segundos o separavam do atleta que chegou em último. Quase repetindo o que tinha acontecido quatro anos antes, a câmara de photo-finish da Omega entrou em cena quando mais se precisava dela.

A aventura tecnológica da cronometragem foi certamente ganhando fôlego, mas a aventura física estava prestes a seguir um rumo muito distante. Para os Jogos Olímpicos de 1956, a Omega teve de transportar 2475 kg de equipamentos de cronometragem desde a Suíça até Melbourne, na Austrália. As 42 caixas foram expedidas em Agosto, a fim de chegarem a tempo para a abertura em 22 de Novembro. Por sorte, o transporte marítimo também operava com precisão, e todos os mecanismos necessários, incluindo uma nova câmara de photo-finish, chegaram sãos e salvos à Austrália.

Embora fiável, a antiga Racend Omega Timer tinha-se mostrado cara, pesada e difícil de manipular. Também precisava de ser instalada numa câmara escura para que o filme fosse revelado. A Omega superou esses desafios com um dispositivo simplificado que era independente, fácil de carregar e, ainda melhor, equipado com um tanque para revelação instantânea. Oito minutos de espera em 1948 viraram 90 segundos em 1956. A evolução seguinte do photo-finish foram as versões 1 e 2 da Omega Photosprint – utilizadas respectivamente nos Jogos Olímpicos de 1968 e 1972. Agora, em vez de um tambor giratório posicionado na frente da câmara, o tempo era escrito directamente na fita do filme. Um minuto após a corrida, os cronometristas eram capazes de produzir aquela imagem aumentada de cada atleta a cruzar a linha da meta. Tão avançada, a Omega Photosprint permaneceria em utilização durante as várias décadas seguintes.



OMEGA
Seamaster Diver 300m "Rio 2016".
edição limitada a 3016 peças em aço

Scan'O'vision

No final do século XX, o mundo tinha-se tornado digital. Sem ficar de fora, a câmara de photo-finish também tinha mudado ao longo do tempo. Quando a Omega Scan'O'Vision foi lançada nos anos 1990, era capaz de medir tempos digitalmente em milésimos de segundo. Em 2008, quando os Jogos Olímpicos foram sediados em Pequim, a nova Scan'O'Vision Star registava mais de 2000 imagens por segundo com uma alta resolução de 2048 pixels. Essa imagem extremamente detalhada permitiu aos árbitros fazer um zoom para a acção ainda mais perto do que antes. Assim como qualquer pioneiro em tecnologia de excelência, a Omega é incansável na busca da cronometragem mais exacta possível. É por isso que, em 2016, no Rio de Janeiro, a incomparável Omega Scan'O'Vision Myria será apresentada pela primeira vez nos Jogos Olímpicos. Uma câmara de photo-finish vermelha que se parece com um olho móvel no céu e pode registrar até 10.000 imagens digitais por segundo, utilizando um dispositivo de alta tecnologia para captura de imagens. Maior sensibilidade à luz significa que as imagens são de melhor qualidade do que nas versões anteriores da câmara de photo-finish, e, graças ao tamanho compacto, demora menos para ser montada e desmontada.

Quando os atletas competirem no Brasil, a Omega Scan'O'Vision Myria será instalada na meta de corridas de velocidade, de obstáculos e de outros tipos, incluindo ciclismo. No momento decisivo, quando a vitória muitas vezes se dá num piscar de olhos, a imagem de cada atleta será capturada quando ele ou ela cruzar a linha da meta. E o mais importante é que serão essas informações que os árbitros utilizarão para determinar oficialmente o campeão.

Claro que a câmara de photo-finish é apenas uma pequena parcela das contribuições inovadoras da Omega para a cronometragem dos Jogos Olímpicos. A aventura de 84 anos foi marcada por muitos avanços técnicos, das pistas às piscinas. Tendo chegado tão longe, a tarefa agora é imensa e incomparável. Na verdade, antes dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio, a Omega enviará cerca de 480 cronometristas profissionais e operadores de dados, auxiliados por até mil voluntários locais especial-

mente treinados, utilizando 450 toneladas de equipamentos, incluindo painéis de resultados para os atletas e o público, quilómetros e quilómetros de cabos e fibra óptica, dezenas de geradores de TV e tecnologia de última geração para cronometragem e operação de dados com relação aos resultados.

Para os atletas propriamente ditos, há hoje um nível satisfatório de confirmação, nível este que continua a crescer a cada ano. O treino intensivo e minucioso irá reduzir-se a uma única tentativa na disputa por uma medalha olímpica. E essa única tentativa pode reduzir-se a um milésimo de segundo. Uma dura vantagem para a qual é preciso preparação. Entretanto, podem pelo menos competir sabendo que o resultado capturado pela Omega Scan'O'Vision Myria apresentará o padrão mais alto da história numa câmara de photo-finish.

Quando milhares de atletas e os seus animados adeptos viajarem para os primeiros Jogos Olímpicos no Brasil, o momento marcará a 27ª vez que a Omega assume o papel de Cronometrista Oficial do prestigiado evento. Da 1ª à 27ª, a aventura tem sido caracterizada por dedicação, paixão, experimentação e conquista. Mesmo com tanta tradição e experiência, é incrível pensar que a confirmação da glória ainda se reduzirá a uma única fotografia.

Imagine o que o solitário cronometrista da Omega de 1932 iria pensar sobre isto! ✨



:: Os Jogos Olímpicos do Brasil marcarão a 27ª vez que a Omega assume o papel de Cronometrista Oficial do evento. ::



2016
Omega Scan'O'Vision Myria



2008
Omega Scan'O'Vision Star



1990
Omega Scan'O'Vision



1972
Omega Photoprint 2

1968
Omega Photoprint 1



1952
Racend Omega Timer



1948
Magic Eye



1932
Cronógrafos controlados electromecanicamente.

Descubra mais em: www.turbilhao.pt





A 230 km/h **NA RETA DA META**

Os calibres El Primero, com a sua alta frequência de 5 Hz, dominam há quase meio século o mundo dos cronógrafos. As proezas micromecânicas da Zenith aliam-se ao sofisticado mundo dos automóveis vintage. Um casamento de clássicos.

:: *Texto de Fernando Correia de Oliveira, no circuito de Jarama, com os relógios Zenith*

Criado em 1967, portanto, quase a comemorar meio século de existência, o Circuito de Jarama, a norte de Madrid, foi palco entre 1968 e 1981 de nove Grandes Prémios de Espanha em Fórmula Um. O seu traçado foi a partir de então considerado demasiado estreito para a categoria rainha do desporto automóvel. Mas, mesmo assim, Jarama é um mundo. A pista, com 3850 metros, acaba de ser remodelada, e nós andámos por lá, a bordo de um Porsche 911. Conduzidos por

um instrutor da escola ali instalada, demos duas voltas, atingimos os 230 km/hora, fizemos derrapagens controladas em praticamente todas as curvas, tivemos forças de 3 Gs a carregarem sobre o corpo...

Em Jarama funciona uma das mais completas escolas de condução em pista da Península Ibérica. Ali podem ter-se aulas para melhor dominar uma scooter, um carro de turismo, um SUV, um todo-o-terreno. Em condições de piso seco ou molhado, para tipos de condução normal, avançada ou desportiva. Numa pista à parte, podem ter-se lições de kart. E se os conhecimentos, o dinheiro e a coragem chegarem, Jarama oferece ainda a possibilidade de conduzir clássicos GT, entre Ferrari, Lamborghini e Porsche.



ZENITH
El Primero
36000 VPH Classic Car

De qualquer modo, o circuito de Jarama mantém um calendário competitivo, com corridas de carros de turismo, motos, camiões, rali, etc. Uma das provas do calendário é o Jarama Classic. Assistimos num fim-de-semana de Abril àquilo que foi o primeiro encontro europeu no circuito de provas com carros clássicos, depois de seis meses de pausa, devido ao Inverno. O evento, que teve como anfitrião o Real Automóvel Clube de Espanha, teve uma assistência a rondar os dez mil espectadores.

As várias categorias de clássicos disputaram a Classic Endurance Racing, o Trofeo Nastro Rosso, o Heritage Touring Coup e o Grupo C Racing. Um total de 10 corridas e 186 viaturas em pista.

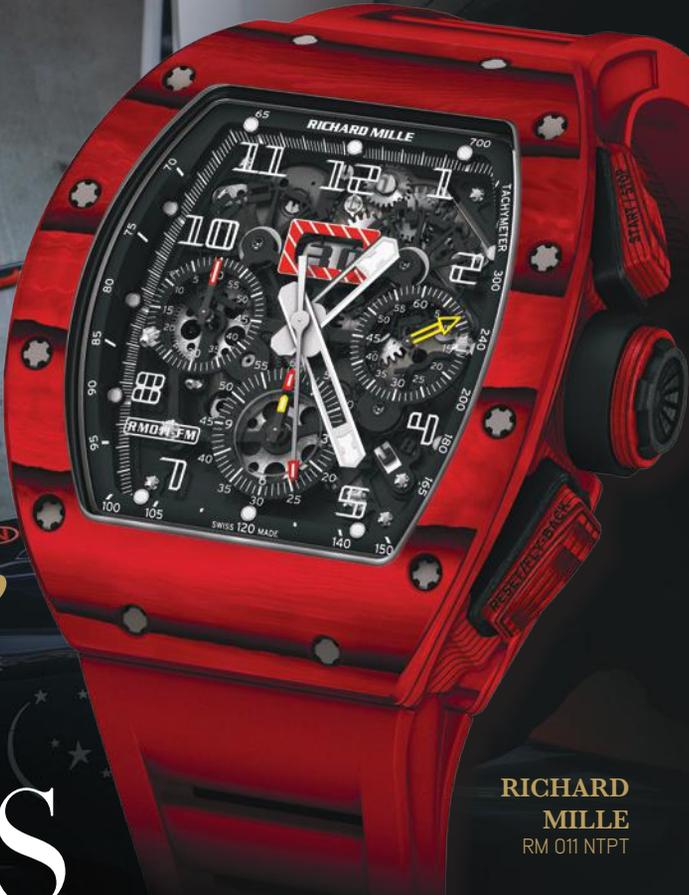
Com forte presença de pilotos portugueses em todas as categorias, a equipa José e Francisco Albuquerque, num Ford GT40, venceu a prova Historic Endurance.

O calendário de provas com carros clássicos é organizado pela Peter Auto, empresa líder mundial neste segmento, e a Zenith tem, desde 2014, uma parceria com ela, passando a estar presente em eventos como Jarama Classic, Mugello Classic, Classic Spa, Grand Prix de l'Age d'Or e Dix Mille Tours.

Um relógio vintage

O Zenith El Primero 36.000 VPH Classic Car passa a ser o relógio institucional da marca para todas as parcerias envolvendo carros clássicos. Trata-se de um cronógrafo automático de roda de colunas, com data às 6 horas. Tem o mostrador com efeito “brushed engine”, escala taquimétrica no elo interior da luneta e ostenta três cores evocativas do mundo vintage nos contadores. O calibre El Primero 400B, com a habitual frequência de 5 Hz, tem a massa oscilante decorada com “Côtes de Genève” e uma autonomia de 50 horas. A caixa de 42 mm é de aço escovado. Tem vidro de safira na frente e no verso e é estanque até 100 metros. A bracelete é de cabedal, com protecção de borracha e triplo fecho de aço.

A história do El Primero insere-se num dos mais significativos capítulos da história da relojoaria mundial – a corrida pela apresentação do primeiro cronógrafo automático. As bases do calibre El Primero começaram a ser trabalhadas em 1962, com a intenção de poder ter um novo relógio para as comemorações do centenário da manufactura, em 1965. A ideia era criar um movimento cronógrafo totalmente integrado, sem necessidade de recorrer a módulos, construído a partir de uma roda de colunas e de um rotor central rodando sobre rolamentos de esferas. E seria de alta frequência (4 Hz em vez dos habituais 3 Hz) para se conseguir a maior exactidão possível. Foram tantos os desafios técnicos que o calibre só ficou pronto em 1969, quatro anos após a data do centenário. Baptizado de El Primero (o primeiro, em Esperanto), surgiu no mercado a 10 de Janeiro de 1969. Nesse ano surgiram outros cronógrafos automáticos. Mas o Zenith fez jus ao seu nome. E, ainda hoje, é o único cronógrafo mecânico a medir fracções de décimos de segundo. Evoluindo ao longo dos anos, empregando novos materiais, o El Primero existe hoje em 23 versões, com muitas complicações adicionais para além do cronógrafo. ✨



Cavalheiros, INICIEM OS VOSSOS CRONÓGRAFOS!

RICHARD
MILLE
RM 011 NTPT

O circuito de Formula 1 deste ano está ao rubro e, paralelamente às equipas que participam no campeonato do mundo, há um grupo de nomes sonantes da alta relojoaria suíça que acompanha as disputas na prova rainha do desporto automóvel mundial.

:: *Texto de Carlos Torres*

A associação entre a Formula 1 e a medição do tempo é uma história tão antiga como a própria modalidade, onde os benefícios de uma aferição incontestada dos tempos medidos e respectivos resultados trouxe credibilidade acrescida a este desporto.

Foi o caso do Grande Prémio de Itália de 1971, onde a volta mais rápida atribuída ao piloto da Ferrari, Jacky Ickx, foi devidamente contestada por Michelle Dubosc, a reputada cronometrista da equipa da Matra. Um protesto que levou os directores da prova a atribuir o primeiro lugar da grelha de partida ao piloto da sua scuderia, Chris Amon. No entanto a decisão acabou por não impedir os jornais italianos de manterem as parangonas que davam a pole position ao piloto da casa de Maranello.



BELL & ROSS
BR-X1 RS16



Este período, no qual o cronómetro de mão mecânico reinava ainda de forma incontestada, antecedeu a transição para o mais fiável ACIT (Automatic Car Identification Technology), que colocava pequenos transmissores em cada carro e assim identificava com uma precisão de milésimos de segundo qual o carro que realmente tinha atravessado em primeiro lugar a linha da meta.

As pole positions passaram assim a disputar-se à décima de milésima de segundo, e quando em 1967 John Surtees venceu o Grande Prémio de Itália por apenas duas décimas de segundo, e alguns anos mais tarde Elio de Angelis ganhou o Grande Prémio da Áustria no seu Lotus por apenas cinco centésimos de segundo, ficou definitivamente selada a relação

simbiótica entre o desporto automóvel e a medição do tempo ao seu mais alto nível.

Hoje, o sistema usado obedece ao mesmo princípio do ACIT, recorrendo a *transponders* instalados nos carros, mas que agora transmitem dados em tempo real, identificando permanentemente a posição de cada carro ao longo do circuito, debitando uma torrente de dados de telemetria que aproxima ainda mais, e em tempo real, os espectadores da acção que decorre sobre a pista.

A Formula 1 mantém-se hoje como um dos eventos desportivos mais comunicados, onde a cada final de semana as audiências televisivas se estimam na casa dos 500 milhões de telespectadores em todo o mundo. Não é assim de estranhar que diversas marcas de alta relojoaria sintam uma atracção irresistível que as impele a patrocinar pilotos, equipas, circuitos e mesmo campeonatos.

Mas apesar de as exigências de precisão terem já ultrapassado em muito as capacidades da relojoaria mecânica, o elo que une estes dois mundos continua a ser relevante e a levar a que diversas marcas queiram associar



IWC
Ingenieur Cronógrafo Racer



HUBLLOT
Big Bang Ferrari

a sua imagem à das equipas mais relevantes que competem no circuito mundial.

Com o arranque do campeonato deste ano no Grande Prémio da Austrália, a grelha de partida relojoeira incluía entre outras a Bell & Ross, que se associa à estreia da equipa francesa da Renault Sports Team com os pilotos Kevin Magnussen e Jolyon Palmer, e a Richard Mille, que parte a bordo dos carros de nada menos que duas equipas: a McLaren Honda de Jenson Button e Fernando Alonso (com quem assinou um contrato válido por uma década) e a HAAS F1 de Romain Grosjean e Esteban Gutierrez. A Richard Mille será mesmo a marca mais em sintonia com o espírito da modalidade, ou não fossem os relógios produzidos pela casa suíça considerados verdadeiras “máquinas de corrida para o pulso”.

Também a IWC marca mais uma vez presença no circuito da Formula 1 tendo revalidado para 2016 a associação que tem há já uns bons anos com a competitiva Mercedes AMG Petronas. A casa de Schaffhausen renova a sua ambição de vitórias através dos pilotos Nico Rosberg e Lewis Hamilton, que envergam ambos luvas originais impressas com a imagem de um IWC Big Pilot.

Do lado da “scuderia” mais famosa de todas, a histórica Ferrari, nada de novo. A Hublot dá continuidade à parceria iniciada em 2011 e ambiciona legitimamente a uma época recheada de vitórias.

E não sendo estes os únicos nomes da indústria relojoeira suíça a marcar presença na grelha de partida desta época da Formula 1, eles são indiscutivelmente os que mais probabilidade têm de, prova após prova, acompanhar os respectivos pilotos nas subidas ao pódio.

Para já, é a IWC com a AMG Petronas que leva a dianteira no campeonato de construtores deste ano, seguida pela Hublot com a Ferrari e a Richard Mille com a HAAS em 5º lugar. É caso para dizer, cavalheiros, iniciem os vossos cronógrafos! ✨





Drive de Cartier

O universo automóvel vintage serviu de inspiração para a mais recente colecção de relógios Cartier, exclusivamente dedicada a pulsos masculinos.

:: *Texto de Marina Oliveira*

Em 2016, a Cartier aposta claramente no mercado dos relógios masculinos puros e elegantes, e apresenta a colecção Drive de Cartier. Trata-se de uma linha inspirada no universo automóvel vintage, uma aliança, aliás, bem visível na decoração guiloché do mostrador, que retira inspiração das antigas grelhas do radiador, ou na coroa que relembra os parafusos dos automóveis.

No coração do novo Drive de Cartier bate o motor automático de manufactura calibre 1904MC-PS (PS referindo-se a pequenos segundos), o primeiro produzido in-house pela Maison e que exhibe horas, minutos, pequenos segundos e data. Visualmente simples, este calibre destaca-se pelos acabamentos – visíveis através do fundo da caixa de 40 mm em vidro de safira – e pelo duplo tambor que ajuda a uma maior precisão, graças a uma melhor distribuição do torque, e que aumenta

ligeiramente a reserva de marcha para 48 horas. Já o mostrador é puramente Cartier, com uma zona central guiloché emoldurada por numerais romanos numa flange “raio-de-sol”, onde se movimentam os habituais ponteiros em forma de espada em aço azulado. O Drive de Cartier está disponível em diversas opções, incluindo caixas em aço e ouro, com mostradores brancos, pretos e cinzentos, e também na versão duplo fuso horário ou turbilhão. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



GMT

BLANCPAIN

Villeret Calendário Anual GMT

O Villeret Calendário Anual GMT é o primeiro modelo da Blancpain com calendário anual e GMT disponibilizado em aço, o mesmo material utilizado nos ponteiros e marcadores das horas. A caixa de 40 mm emoldura o mostrador branco, onde três janelas revelam o dia, a data e o mês, enquanto a função GMT surge às 8h. Os correctores do dia e do mês estão localizados sob as asas, usando o sistema patenteado pela marca. O novo modelo é movido pelo calibre automático 6054F, visível no fundo da caixa em vidro de safira.



JAQUET DROZ

Grande Seconde Duplo Fuso Horário

Em 2016, a Jaquet Droz revisita o icónico Grande Seconde, introduzindo, pela primeira vez, o espírito das viagens na emblemática colecção, com o Grande Seconde Duplo Fuso Horário. Este modelo apresenta dois mostradores descentrados ligeiramente sobrepostos, que formam um oito. O mostrador superior recebe a indicação da hora local, enquanto o inferior, normalmente dedicado aos segundos, exhibe, além destes, a hora de referência e a data. Movido por um novo calibre automático com 65 horas de reserva de marcha, duplo tambor e escape em silício, o novo Jaquet Droz está disponível com caixa de 43 mm em aço – com mostrador prateado ou em ónix preto – ou em ouro rosa, com uma face em esmalte grand feu.

OMEGA

Seamaster Planet Ocean GMT

Para os que desejam aventurar-se nas profundezas, a Omega apresenta o novo Seamaster Planet Ocean GMT, com caixa de 43,5 mm em aço. Um relógio de mergulho capaz de funcionar perfeitamente até aos 600 metros de profundidade, com uma válvula de escape de hélio. Este modelo apresenta, pela primeira vez, uma luneta unidireccional em bi-cerâmica, onde o anel preto e branco ajuda a separar a noite do dia. O Seamaster Planet Ocean GMT é movido pelo calibre automático 8906 com certificado Master Chronometer e apresenta-se com um bracelete em pele preta com interior em borracha macia.



OMEGA

Seamaster Aqua Terra 150M GoodPlanet GMT

Nascido da parceria entre a Omega e a GoodPlanet Foundation, o novo Seamaster Aqua Terra 150M GoodPlanet GMT, cuja parte dos lucros serve para financiar o "Time for the Planet", é um relógio com compromissos ambientais. Apresentado numa caixa de 43 mm em titânio e alimentado pelo calibre automático Master Co-Axial 8605, o novo modelo destaca-se pela indicação GMT de 24 horas. O Omega Seamaster Aqua Terra 150M GoodPlanet GMT está disponível com um bracelete de titânio ou uma correia revestida a nylon azul.

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



Clássicos & Cronógrafos

OMEGA *Speedmaster CK2998*

Num regresso ao passado, a Omega inspira-se numa peça lançada em 1959 e que se converteu num dos Speedmaster mais desejados da história, graças ao seu design particular com ponteiros alfa, caixa simétrica e luneta escura, para revelar o novo Speedmaster CK2998. Uma edição limitada a 2998 relógios em aço, cujo coração é o calibre manual 1861, o mesmo utilizado no primeiro Moonwatch. Excepcionalmente, o medalhão Speedmaster Seahorse original foi reintroduzido e gravado no fundo de caixa de rosca. Com contadores azuis – cor que se prolonga na escala taquimétrica e na escala dos minutos, – o Speedmaster CK2998 oferece um bracelete em pele – também azul – com pesponto bege.



HUBLLOT *Classic Fusion Racing Grey*

Em 2016, a linha Classic Fusion da Hublot veste-se de cinzento, reforçando a intemporalidade e elegância da coleção. O novo Racing Grey está disponível em quatro tamanhos de caixa, três movimentos e dois materiais. Os modelos de 38 mm e 42 mm, com três ponteiros e data, são movidos pelo calibre automático HUB1110, enquanto as versões com 45 mm, com três ponteiros e data, ou cronógrafo com data, albergam, respectivamente, os movimentos automáticos HUB1112 e HUB1143. Já o modelo de 33 mm disponibiliza um movimento de quartzo. Quanto aos materiais utilizados, a escolha recai no titânio ou no ouro King, com braceletes em pele de crocodilo cinzenta e borracha.





BREGUET *Type XXI*

O novo Breguet Type XXI 3817 destaca-se, além do look vintage, por apresentar, pela primeira vez na coleção, um fundo de caixa transparente, através do qual se pode admirar o calibre automático 584Q/2, com 48 horas de reserva de marcha e massa oscilante em ouro amarelo. Disponível com caixa de 42 mm em aço e luneta bidireccional, o novo modelo oferece um cronógrafo fly-back – com ponteiros centrais dos segundos e minutos –, indicação de data e contador de 24 horas que serve de indicador dia/noite.

BREITLING *Avenger Bandit*

Inspirado na aviação naval, o novo Breitling Avenger Bandit é um cronógrafo certificado COSC que integra as exigências dos pilotos que vivem ao ritmo das decolagens e aterragens nos porta-aviões: caixa de 45 mm em titânio, luneta giratória graduada, relevo anti-deslizante da coroa aparafusada e dos botões do cronógrafo e correia em caucho forrada com uma fibra têxtil de alta tecnologia, resistente e leve. Com um look cinzento “stealth”, o novo Avenger Bandit é movido pelo calibre automático de manufatura 13.



IWC *Pilot Cronógrafo Top Gun Miramar*

A IWC dedica 2016 à família de relógios Pilot. Aqui destacamos o novo Cronógrafo Top Gun Miramar que, este ano, surge com uma caixa em cerâmica mais reduzida (44 mm), além de apresentar uma janela de data simples, ao invés da tripla anterior, e com um contador combinado das horas e minutos do cronógrafo flyback. Outra das diferenças relativas aos modelos anteriores reside no bracelete em pele verde com relevo e na integração do movimento automático de manufatura 89631, com 68 horas de reserva de marcha.

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



Esqueletizados



AUDEMARS PIGUET *Millenary Esqueleto*

Baseado no Millenary 4101, o novo Millenary Esqueleto da Audemars Piguet é, na sua essência, muito semelhante ao antecessor, mas com menos todo e qualquer micrograma de metal não essencial. No novo modelo, tudo foi reduzido ao mínimo, incluindo a ponte e o rotor. Embora totalmente esqueletizado, o Millenary de 2016 oferece uma boa visibilidade através da utilização de materiais contrastantes: as horas, minutos e segundos são exibidos em ouro rosa sobre um movimento com tratamento escurecido e um contador dos segundos preto. A caixa de 47 x 42 mm em ouro rosa do Millenary Esqueleto exibe o movimento automático (parcialmente invertido), calibre 4105, com 60 horas de reserva de marcha.

RICHARD MILLE *RM 67-01*

Com o novo RM 67-01, a Richard Mille cria, pela primeira vez, a sua típica caixa tonneau num formato extraplano. Dentro desta, bate o novo calibre automático CRMA6, concebido in-house e com apenas 3,6 mm de espessura. Este movimento esqueletizado ao máximo, com uma reserva de marcha de 50 horas, inclui a esqueletização do tambor de corda, da engrenagem e do rotor. Com uma caixa de 38,7 x 47,52 mm com fundo em vidro de safira, o novo RM 67-01 está disponível em titânio ou ouro rosa.



Descubra mais em: www.turbilhao.pt





Baume & Mercier Capeland Shelby Cobra

A parceria entre a Baume & Mercier e a Carroll Shelby, Inc. continua em 2016, com dois cronógrafos de edição limitada inspirados no mítico Cobra CSX2128, vencedor das 12 Horas de Sebring de 1963.

:: *Texto de Marina Oliveira*

Em 2015, a Baume & Mercier e a Carroll Shelby, Inc. uniram-se na criação de uma linha de cronógrafos inspirados nos famosos carros de corrida Shelby Cobra. Este ano, a parceria continua com dois novos modelos de edição limitada que prestam homenagem ao lendário Cobra CSX2128, que subiu ao pódio das 12 Horas de Sebring de 1963.

A ligação dos dois novos Capeland Shelby Cobra 1963 ao mítico automóvel é imediatamente visível nas cores empregues: preto e amarelo, as mesmas tonalidades do carro. Nos relógios, estas cores ganham destaque no mostrador preto com discretas riscas horizontais, pontuado por detalhes em amarelo. Outras características de design inspiradas no Shelby Cobra CSX2128 incluem o layout do mostrador, com os contadores dos cronógrafos assimétricos a lembrar o painel de instrumentos do carro; os ponteiros das horas e dos minutos que lembram o volante do Cobra e, claro, o logotipo em forma de cabeça de cobra que serve de contrapeso ao ponteiro dos segundos do cronógrafo.

Ambos os cronógrafos apresentam uma caixa de 44 mm em aço e são movidos por um calibre automático baseado no Valjoux 7750. A grande

diferença entre o Capeland Shelby Cobra 1963 e o Capeland Shelby Cobra 1963 Competition reside no acabamento da caixa e no bracelete. O primeiro apresenta-se com uma caixa em aço e bracelete em pele de crocodilo preta com laterais amarelas, enquanto o segundo surge com uma caixa em aço revestida a ADLC preto e uma correia de borracha vulcanizada preta (o mesmo material utilizado nos pneus dos carros de competição Cobra) com interior amarelo. Os novos modelos estão disponíveis numa edição limitada a 1963 peças cada, em homenagem ao ano da vitória do Cobra CSX2128 em Sebring. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt





de Grisogono Samsung Gear S2

A de Grisogono entra no universo dos *smart watches* pela porta da frente e associa-se à Samsung para criar o primeiro *smart watch* de luxo. Uma peça onde o ouro e os diamantes convivem com a mais recente tecnologia digital.

:: *Texto de Marina Oliveira*

A de Grisogono associou-se à Samsung para criar um *smart watch* de luxo: o Samsung Gear S2. Esta peça, com caixa de 41 mm em aço revestida a DLC, apresenta uma luneta com pormenores em ouro, engastada com diamantes e diamantes pretos, e com uma particularidade: ao rodá-la, o mostrador muda e dá acesso a diversas aplicações. Desta forma, ao invés do ecrã, é a luneta que comanda todas as funções.

Quando usado na função de tempo, o mostrador é muito realista, assemelhando-se a um mostrador clássico de Grisogono, embora se possam

escolher quatro mostradores diferentes (branco ou preto) com indicações de horas, fases da lua, reserva de marcha, etc. Quando usado nas opções de notificações, e-mail, batimento cardíaco, etc., o mostrador assemelha-se mais aos *smart watches* clássicos.

O toque de luxo final neste de Grisogono Samsung Gear S2 é dado pela pulseira em galuchat preto. ✨



Escape

Motores

Passaios ao sol
Bentley
Ferretti 550

86
92
94

Crónica Expedição Gombessa

98

Evasão

Eden Rock St. Barths
Voo Four Seasons
Arealas do Seixo
Wellness – Epic Sana

102
108
114
118

Gourmet

Il Gattopardo
Largo do Paço

120
124

Real Estate Villa Torrinha

126

Entrevista Maísa Champalimaud

128

Arte & Cultura Joana Vasconcelos

130

Entrevista Anil Arjandas

134

Tendências Azul

136

Espaços de Referência Rosa & Teixeira

138

Tendências Acessórios de Luxo

140



Aventuras de **VERÃO**



Os dias de sol em que o calor nos envolve e as leves brisas nos abraçam são um convite a passeios revigorantes. À beira-mar, atravessando serras ou dominando terra incerta, as estradas da aventura esperam por si. Para as desfrutar em pleno, apresentamos-lhe alguns dos mais exclusivos automóveis novos.

:: *Texto de Andreia Amaral*



Nada encarna melhor o espírito do Verão que um descapotável. Os passeios à beira-mar, de cabelos ao vento e em boa companhia são o concretizar de um estatuto de conforto e bem-viver a que muitos aspiram, mas que poucos alcançam. Aqueles que se revêem nesta imagem podem agora elevá-la em requinte acrescentando-lhe o novo pináculo do luxo da Jaguar.

Partindo de um F-Type, a Divisão “Special Vehicle Operations” da Jaguar Land Rover tornou os sonhos dos entusiastas da marca realidade ao criar o F-Type SVR. Disponível em versões coupé e cabriolet, demarca-se pela aerodinâmica otimizada com entradas de ar maiores,

pára-choques redesenhados e um aileron retráctil em fibra de carbono. O conjunto pode ser aprimorado com o *pack* carbono, uma das muitas opções disponíveis com vista a personalizar e a enaltecer ainda mais esta versão. No interior, o espírito é o mesmo: ao carácter desportivo dos novos bancos aliam-se a exclusividade do couro e o requinte do design dos elementos do tablier e volante.

O mais potente Jaguar produzido em série chega com o bloco do Grupo Volkswagen a gasolina de 5,0 litros, com oito cilindros em V, e sobrealimentação através de um compressor volumétrico. O conjunto recebeu uma nova gestão electrónica, sistema de escape em liga de titânio e Inconel, tracção integral, caixa automática de oito velocidades, barras estabilizadoras reforçadas, suspensão adaptativa e travões com discos carbocerâmicos. Capaz de debitar 575 cv às 6500 rpm e com um binário de 700 Nm disponível entre as 3500 e as 5000 rpm, permite atingir uma velocidade de 314 Km/h, na versão cabrio, e acelera dos 0 aos 100 Km/h em 3,2 segundos.

Também o novo Mercedes SL, puro roadster na concepção e performance, garante acesso directo ao prazer de conduzir em dias de temperaturas amenas. Marcado por uma carroçaria em alumínio que tem tanto de distinta como de desportiva, o SL recebeu um restyling que lhe aportou uma dianteira mais imponente, em que sobressaem as novas ópticas, a grelha de dimensões mais generosas e o capot incisivo. O carácter imponente é reforçado, nas versões AMG, pelas aplicações específicas destes modelos e que, desde logo, descortinam a vocação para as estradas infundáveis e para os percursos sinuosos. Na sua versão mais potente, o AMG SL 65, aparece equipado com um motor V12 biturbo de 6,0 litros e 630 cv. Acoplado a uma caixa de sete velocidades com conversor de binário, o bloco entrega 1000 Nm às 2300 rpm, empurrando o SL, apesar dos seus 1950 kg, aos 100 Km/h em apenas quatro segundos e lançando-o até uma velocidade máxima de 250 Km/h. Para garantir a estabilidade, o AMG SL 65 tem uma suspensão rebaixada em 10 mm, em comparação com as versões “normais”, mas recebe o mesmo sistema de controlo dinâmico do amortecimento e, como opcional, o Active Body Control.

No interior, existe um novo painel de instrumentos, um ecrã maior e um novo selector para os cinco modos de condução, que configuram os elementos dinâmicos para “Individual”, “Comfort”, “Sport”, “Sport+” e “Race”.

BUGATTI
Veyron - Chiron



MERCEDES
AMG SL



Na desportiva

Se os cabriolet não o convencem e é fã das emoções fortes, o segmento dos superdesportivos poderá apresentar-lhe o seu novo sonho de Verão. Por entre as muitas novidades, há uma que certamente causará palpitações a qualquer amante da velocidade. O sucessor do famoso Bugatti Veyron já está preparado para fazer história pelas estradas do mundo. Chama-se Chiron e, de acordo com a marca, apesar das semelhanças, pouco herda do seu “irmão” mais velho. As mudanças mais radicais foram aplicadas na estrutura, que beneficia de chassis e carroçaria em fibra de carbono. O bloco propulsor, de 8,0 litros e 16 cilindros em W, é agora capaz de debitar uns colossais 1500 cv às 6750 rpm, em vez de 1200 cv. O incremento foi possibilitado pelo trabalho de afinação realizado ao nível do colector de admissão, do sistema de injeção com 32 injectores, quatro turbos de maior capacidade e funcionamento sequencial, permutador de calor e escape em titânio com seis catalisadores. De destacar também é o facto de o Chiron acumular, nada mais, nada menos do que dez radiadores no sistema de refrigeração! Graças a estas melhorias, e apesar de pesar quase duas toneladas, o Chiron acelera dos 0 aos 100 Km/h em menos de 2,5 segundos, demora 6,5 segundos para alcançar os 200 Km/h e ultrapassa a barreira dos 300 Km/h em 13,6 segundos. Como se isto não bastasse, consegue a impressionante velocidade máxima de 420 Km/h.

No interior, o compromisso é com o luxo. O design requintado, a ergonomia e envolvimento asseguram um conforto excepcional, por cerca de 2,5 milhões de euros.

Para os mais puristas, a Porsche acaba de lançar uma nova edição do 911, limitada a umas exclusivas 991 unidades. A nova coqueluche da Porsche pode orgulhar-se de ser a versão mais leve do 911. Recebe na designação o “R” de Racing, numa promessa de emoções fortes em todas as viagens. Do 911 GT3 recebeu alguns componentes da carroçaria, tais como o pára-choques frontal e os elementos traseiros. O capot e os guarda-lamas são construídos em carbono, o tejadilho é de magnésio e os vidros traseiros de policarbonato. Atrás, existe ainda um aileron retráctil, que garante maior estabilidade ao ultraleve 911 R quando se prepara para as grandes velocidades. A todo o fôlego, o motor boxer atmosférico de 4,0 litros, proveniente do GT3 RS, debita 500 cv às 8250 rpm e 260 Nm às 6250 rpm. Considerando o peso total de 1370 Kg, este motor, associado a uma caixa manual de seis velocidades, atribui ao 911 R uma relação peso/potência de 2,74 Kg/cv, permitindo-lhe atingir uma velocidade máxima de 323 Km/h e fazer a prova dos 0 aos 100 Km/h em 3,8 segundos.

PORSCHE 911 R



FERRARI GTC4Lusso

Se as performances lhe agradam, mas gostava de viajar a quatro, a Ferrari tem o modelo ideal para si. Naquela que é uma renovação do FF, o GTC4Lusso combina o desempenho a que a Ferrari já nos habituou com a capacidade de transportar quatro pessoas. Na linha dos superdesportivos, apresenta-se com uma velocidade máxima de 335 Km/h e necessita de apenas 3,4 segundos para fazer a prova dos 0 aos 100 Km/h. Para isso dispõe do já conhecido motor V12 de 6,2 litros, que recebeu um incremento de potência de 28 cv e debita agora uns estonteantes 690 cv às 8000 rpm. Com caixa automática de sete velocidades e dupla embraiagem, conta ainda com eixos traseiros direccionais e tracção integral 4RM-S, sistemas que trabalham em conjunto com o “Slip Side Control” para permitir estabilidade e controlo absoluto em quaisquer circunstâncias. Alcançar as marcas anunciadas pressupõe, no entanto, a inclusão das especificações de baixo peso, um conjunto de opcionais que fixa a tara nos 1790 Kg. No interior, o GTC4Lusso oferece lugares independentes para o condutor e passageiro, num conceito que a Ferrari denomina de “Dual Cockpit”. Com dois lugares atrás e uma bagageira de 450 litros, disponibiliza ainda o melhor do *infotainment*, com o sistema da Delphi e o Apple Car Play a assumirem os papéis de protagonistas numa atmosfera dominada pelo desportivismo dos metálicos e pelo requinte da pele, que forra os quatros bancos individuais, as consolas centrais, portas e partes do tablier.

Acção para todos

Pronto para a descoberta, e já apelidado como o mais luxuoso SUV da história, o Bentley Bentayga almeja ainda ser o mais potente e o mais rápido. E, graças aos 301 Km/h de velocidade máxima e a uma aceleração dos 0 aos 100 Km/h em 4,1 segundos, pelo menos neste momento, o palmarés é seu. Para consegui-lo, a Bentley recorre ao novo motor W12 de 6,0 litros, com injeção directa, sobrealimentação e sistema “cilinder on demand”, que reduz a utilização para seis cilindros em regimes mais baixos, para minimizar os consumos de combustível. A debitar mais de 600 cv e 900 Nm logo às 1250 rpm, permite acelerações estonteantes. Contudo, graças a componentes como a suspensão pneumática adaptativa, o Bentayga está preparado para qualquer aventura e oferece um total de oito modos de condução, com acertos da estrutura específicos. Do conforto à condução desportiva, as configurações revelam a apetência do SUV para os percursos em gelo, neve, areia e TT. No interior, garante conforto e muito requinte em qualquer uma das 15 combinações disponíveis. Todas elas recorrem ao couro, aos alumínios e às madeiras como materiais dominantes. Os bancos podem receber encostos com massagem e, atrás, podem ser independentes. Destaque ainda para os tablets de 10,2”, independentes e com ligação a Internet 4G, e para o potente sistema áudio, que pode totalizar 18 altifalantes e 1800 watts.

MASERATI Levante



BENTLEY Bentayga



No segmento dos SUV de luxo, existe outro concorrente de peso. O Levante, que inicia agora a fase de comercialização, é o primeiro SUV da Maserati e, desde logo, promete deixar boa impressão pelo habitáculo. Pensado para proporcionar conforto e requinte aos ocupantes, inclui, para além do habitual couro, seda Ermenegildo Zegna. O tablier herda o desenho e a instrumentação do Ghibli e suporta um ecrã táctil de 8,4” e o tradicional relógio oval da marca. Espaçoso e luminoso, graças ao grande tecto panorâmico com comando eléctrico, permite diferentes personalizações, a partir de dois pacotes de equipamento: “Luxury” e “Sport”.

A carroçaria, marcada pela grande entrada de ar na dianteira e pelas três aletas inseridas nos guarda-lamas, transmite todo o carácter da marca e reforça a robustez de um veículo com 5,0 m de comprimento e 1,97 m de largura. Em termos de arquitectura, o Levante recorre à plataforma do Quattroporte. É dele que originam a suspensão pneumática, com seis níveis de altura (um para as manobras de estacionamento), o diferencial autoblocante mecânico e a caixa automática de oito velocidades. Com tracção integral Q4, recebe motores V6 a gasolina e Diesel. Mas a estrela da companhia é o 3.0 biturbo de 430 cv, capaz de empurrar o Levante até aos 100 km/h em 5,2 segundos e de levá-lo aos 264 Km/h de velocidade máxima. 🌟

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



Porto Santa Maria

portosantamaria.com

Envolto num cenário único de vales e dunas selvagens, existe um lugar onde a beleza do mar encontra os sabores mais frescos da costa do Guincho. Venha descobrir-nos e desfrutar de experiências gastronómicas que perduram na memória.





UMA CONDUÇÃO *distinta*

O Bentley Continental GT V8 S tem tudo o que alguém algum dia sonhou ter. As suas linhas são muito elegantes, por todo o lado se respira conforto e luxo, e a sua potência transporta-nos aos tempos em que a marca se passeava nas pistas de corrida.

:: *Têxto de José Manuel Moroso*

O Bentley Continental GT V8 S introduz um ADN desportivo, desde logo audível quando se liga a ignição, até ao troar do seu motor quando se acelera. E a satisfação ao volante aumenta no momento em que nos damos conta de que gasta apenas 4,5 segundos para ir dos 0 aos 100 quilómetros /hora.

A suspensão adaptou-se também a esta filosofia mais desportiva e foi rebaixada em 10 milímetros face ao Continental normal. Se lhe juntarmos também um volante mais desportivo, o característico escape em forma de 8, rodas de 20" e o emblema da Bentley a vermelho, então temos todo o cenário montado para este V8 S.

As linhas são elegantíssimas e este perfil só consegue ser criado através do recurso a processos usados na indústria aeroespacial, nos quais o alumínio é aquecido a 500 graus e depois moldado com a ajuda de ar comprimido. O destaque vai imediatamente para os característicos fa-

róis duplos dianteiros e para o pára-choques e grelha. Na traseira, os "ombros" denunciam uma linha musculada, recordando as raízes de corrida em pista da Bentley.

Sob o capô, encontramos o potente V8 S de 4,0 litros que, apesar de tudo, limita as emissões de CO2 a 250 g/km. Quando se desaccelera, o motor desliga quatro dos seus oito cilindros, que só são reactivados quando se acelera de novo.

O habitáculo está ao nível do mais luxuoso que se fabrica. Aqui, tudo é feito manualmente, começando desde logo nos estofos forrados a pele até às madeiras do tabliê. Um ecrã de 8", mostrando o sistema de navegação por satélite e outros importantes dados de consulta para o condutor, são outras mais-valias. Tudo compondo um cenário geral de conforto, especialmente para quem conduz, que vai encontrar uma óptima posição ao volante.

O Bentley Continental GT V8 S é, de facto, um conjunto onde elegância, luxo, potência e ADN desportivo se unem para um casamento perfeito de quem vai ao volante e dos outros ocupantes. Um veículo exclusivo para pessoas muito exclusivas. ✨



Ficha técnica

BENTLEY CONTINENTAL GT V8 S

Motor: Gasolina; 8 cilindros em V

Cilindrada (cm³): 3993 cc

Potência: 529cv/6000rpm

Transmissão: Caixa automática de 8 velocidades

Com/Larg/Alt (mm): 4818/1947/1391

Peso: 2750 kg

Velocidade máxima: 309 km/h

Aceleração (0 a 100 km/h): 4,5 segundos

Consumo misto: 10,7 litros

Emissões de CO₂: 250 g/km

Descubra mais em: www.turbilhao.pt





FERRETTI DESVENDA O FUTURO

Uma embarcação um pouco mais pequena do que a habitual imagem de marca do estaleiro italiano, famoso pelo luxo e qualidade dos seus iates.

:: *Texto de José Manuel Moroso*

A Ferretti, que sempre nos habituou aos seus cruzeiros com muito mais de 50 pés, apresenta-nos agora o novíssimo 550, uma embarcação moderna, elegante e luxuosa que levanta um pouco o véu sobre quais serão os próximos projectos deste famoso estaleiro italiano, que agora alarga a sua oferta a cruzeiros com dimensões mais reduzidas.

Com um comprimento de 16,82 m, um calado de 1,5 m e deslocando 24.860 kg, este Ferretti 550 foi desenhado com o objectivo de combinar dois parâmetros nem sempre fáceis de casar: elegância e filosofia desportiva.

As suas linhas aerodinâmicas evidenciam desde logo o cuidado que os italianos normalmente depositam nos seus padrões estéticos, mas foram também pensadas para conferir objectivos mais desportivos. Deu-se também muita atenção à contenção do peso deste iate, de forma a assegurar a diminuição de consumos.



:: O Ferretti 550 foi desenhado com o objectivo de combinar dois parâmetros nem sempre fáceis de casar: elegância e filosofia desportiva. ::

A sua velocidade de cruzeiro aponta para os 26,5 nós, mas o Ferretti 550 está estudado para conseguir dar um máximo de 30 nós. O armador pode, no entanto, querer dar mais atenção ao já de si enorme conforto a bordo, optando por isso pela instalação de estabilizadores giroscópicos.

Começando a descrever este Ferretti 550 de cima para baixo, a ponte de comando no exterior chama-nos logo a atenção para pormenores de funcionalidade, como seja a instalação de uma mesa extensível e contornada por um sofá. Ainda no exterior, mas desta vez à proa, destaca-se um enorme solário.





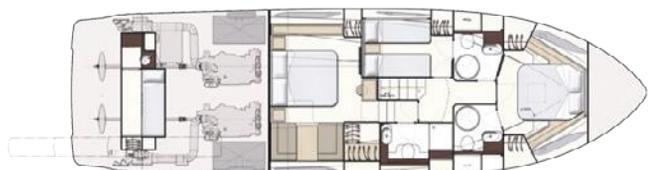
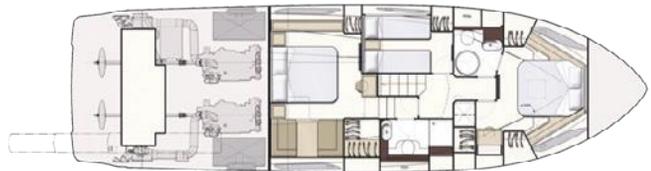
Quando descemos, vamos desembocar no piso principal, onde se destaca a ponte de comando no interior. A luz a entrar pelas rasgadas superfícies em vidro ilumina todo o luxuoso habitáculo, onde vamos encontrar, logo a seguir à ponte de comando, uma mesa de café, localizada a bombordo, e uma mesa de refeições, a estibordo. Logo por detrás dela, uma elegante e funcional cozinha. À popa, e já na área exterior, encontramos uma espaçosa e agradável zona de convívio.

O acesso ao piso inferior, onde se encontra a zona dos camarotes, continua a dar-nos os mesmos sinais de luxo e elegância, com a nossa atenção a focar-se imediatamente no camarote central, normalmente destinado ao armador. Exibe uma cama dupla, uma pequena mesa, escritório, wc privado e uma enorme área de duche.

Uma segunda cabina, instalada na proa, oferece-nos igualmente uma cama dupla e acesso a dois wc que servem também de apoio à terceira cabina, que apresenta, a bombordo, duas camas individuais.

Para mover a embarcação, foram instalados dois motores, cada um debitando 715 cv, com o Ferretti 550 a poder armazenar 1500 litros de combustível e 680 litros de água.

Enfim, um elegante e potente iate que ostenta mais uma insígnia de luxo e qualidade saídas dos famosos estaleiros italianos da Ferretti. ✨



WELCOME TO OUR WORLD

BEM VINDO AO NOSSO MUNDO



AVENGER BANDIT

No seio das missões mais extremas, existem homens excepcionais que fazem das proezas o seu modo de vida e que confiam apenas a sua segurança aos instrumentos mais eficientes. No seio das missões mais extremas, existe o Avenger da Breitling. Concentração de força, precisão e funcionalidade, os modelos Avenger estão dotados de uma construção ultra-robusta e de uma resistência à água de 100 a 3000 m. Autênticos instrumentos para profissionais, eles estão equipados com movimentos automáticos, cronómetros certificados pelo COSC – a única referência, em matéria de fiabilidade e precisão, baseada numa norma internacional. Bem-vindo ao universo dos extremos. Bem-vindo ao mundo da Breitling.



**BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS**

ESPAÇO BREITLING
Avenida da Liberdade, 129
Tel.: (+351) 213 430 076



INSTRUMENTS FOR PROFESSIONALS™

O mistério *das GARROUPAS*

*Um mergulho de 24 horas
dedicado à ciência e conhecimento*

Esta é a história de uma aventura científica e mergulho recorde num remoto paraíso polinésio. Um lugar onde milhares de garoupas mascaradas, seguidas por centenas de tubarões, se juntam em segredo uma vez por ano. A equipa de Laurent Ballesta quis ter um melhor conhecimento sobre o que leva estes peixes a esperar pelo dia exacto da lua cheia para se reproduzirem simultaneamente! Com a ajuda dos investigadores do CNRS em Moorea, fizeram diversos mergulhos e conduziram inúmeras experiências para estudar e testemunhar este fenómeno único. Aproveitando este período incrivelmente rico, Laurent Ballesta fez um mergulho recorde de 24 horas.

:: *Texto Laurent Ballesta, Tradução e adaptação de Marina Oliveira*

São três da tarde e o sol brilha sobre a água turquesa. Estou sentado no pontão de um barco semi-rígido e preparo-me para mergulhar durante 24 horas. Pela primeira vez na minha vida, antes de entrar na água, posso dizer “Adeusinho e até amanhã” aos meus companheiros. E é quando realmente o digo que avalio a extensão da minha loucura: vou mesmo mergulhar durante 24 horas, e não vou emergir da água antes desta mesma hora amanhã. Estou totalmente determinado. Tenho sonhado com isto há tanto tempo. Mas estou também desconcertado. Tenho medo. Medo de não conseguir, de ter frio, de ter fome, de me desgastar depressa demais e de querer sair antes do fim. Tenho feito mergulhos “dedicados” (ou seja, profundos) durante anos, mas hoje é diferente. Não se trata mais de um exercício vertical, mas de um teste horizontal. Não se trata mais de apenas um mergulho, é uma maratona! Convenço-me a mim mesmo, pensando que as minhas dúvidas irão durar pouco tempo. Daqui a algumas horas, esta questão deixará de ser relevante, até porque, nessa altura, será impossível ascender quando quiser: a mistura que estou a respirar terá saturado o meu sangue com hélio. Mesmo

a uma profundidade de 20 metros, levarei seis horas a chegar à superfície se tiver o azar de desistir. Um último olhar para os membros da minha equipa e lanço-me ao mar. A epopeia de 24 horas começa.

Nada é mais importante do que o tempo quando se trata de resolver o “mistério das garoupas”. É um mistério ao mesmo tempo subtil e complexo. O que espero testemunhar é o encontro de todas as garoupas mascaradas (*Epinephelus polyphekadion*) no atol de Fakarava, a 490 km a nordeste do Taiti. O encontro tem lugar nesta localização única que liga a lagoa ao oceano: um canal que forma uma fenda na barreira de recifes de coral, um pequeno portão entre a vasta lagoa e o maior oceano do mundo. Nesta indentação, as correntes são violentas mas previsíveis: seguem a maré e a lagoa, enchendo e vazando a cada seis horas. Os animais vivem de acordo com este ritmo.

Uma vida intensa como em nenhum outro lugar, no meio de acordos de coabitação nem sempre simples. Viver aqui é tão benéfico como perigoso: comer sem ser comido, enfrentar os predadores de modo a conseguir reproduzir. O canal acelera todos os processos. Do tamanho de dois ou três campos de futebol, esta área é oceano puro concentrado. Um desfile paraíso, e uma armadilha para garoupas com a chegada em massa de tubarões cinzentos dos recifes. Porquê vir aqui reproduzir-se? O canal apresenta a forma de um funil, ideal para uma emboscada. Na realidade, as garoupas não têm escolha: vêm em busca da única corrente forte o suficiente para disseminar os seus ovos pelo oceano, da mesma forma que as flores precisam do vento para disseminar o pólen.

Estou debaixo de água há apenas três horas, a observar cardumes de garoupas: o maior encontro de sempre, com cerca de 18.000. São seis da tarde e a luz começa a desvanecer. À superfície o sol deve estar a





pôr-se. A noite caiu e tenho 12 horas de escuridão pela frente. Os peixes mudaram de cor. Vestiram realmente os pijamas, dada a incrível diferença na sua indumentária do dia para a noite.

Meia-noite, e as garoupas dormem há seis horas. Estão escondidas da forma como podem. São tantas que não há fendas suficientes no recife para as abrigar a todas. E os tubarões patrulham a zona. Johann, um especialista em tubarões, fez repetidas contagens quase todos os dias desde que chegámos. Ele acha que existem cerca de 700 no canal. A água está eléctrica. Durante o dia, o turbarão está calmo e descansa na corrente. Sabe bem que as garoupas são muito rápidas, pelo que aguarda o momento ideal, depois do cair da noite, quando elas são forçadas a descansar. Os tubarões já não estão em águas abertas. Desceram e amontoam-se às centenas no fundo do mar.

Yanick juntou-se a mim por algumas horas com a sua máquina especial de câmara lenta Phantom, capaz de tirar 1000 imagens por segundo. Um frenesim violento e caótico explode perante ele. Mas a mesma cena, quando vista em máquina lenta, irá mostrar-nos a eficiência e precisão do ataque dos tubarões. Devoram as garoupas às centenas, talvez aos milhares, e este é outro factor que agudiza ainda mais o nosso “mistério das garoupas: parece que o encontro todavia funciona, que este campo de reprodução vale a pena apesar dos riscos, e que as garoupas conseguiram resolver a equação entre sacrifício e benefício a seu favor.

São seis da manhã. Em terra, dizemos que o dia está a nascer quando, lá longe no horizonte, a luz sobe gradualmente. Aqui, a luz desce. Os tubarões acalmaram-se e as garoupas começam a mover-se. Algumas retomam o seu nadar letárgico, outras as suas lutas histéricas. Esta manhã, depois de uma noite inteira na sua presença, parecem-me sobreviventes. As feridas são profundas, mas nada as parece parar. Mesmo no seu triste estado, proclamam a determinação em reproduzir-se, e desafiam-se uma e outra vez. Estar junto delas faz-me pensar que aqui o acto reprodutivo já não é uma recompensa, mas um sacrifício. Estes peixes não são mestres do seu próprio destino, são escravos do seu próprio instinto.

A corrente inverte uma última vez e começa a entrar na lagoa, ao mesmo tempo que me deixo levar por ela. São três da tarde e a aventura está quase a terminar. Estou debaixo de água há mais de 23 horas. Os minutos finais aproximam-se, mas não tenho pressa que acabe. A lua-cheia chegou finalmente, e este é o dia em que as garoupas se devem reproduzir. Desde os primeiros minutos deste mergulho uma coisa parece óbvia: o ecossistema mudou. Os fuzileiros, um tipo de sardinha tropical, apareceram às dezenas de milhar. Estes também sabem que algo vai acontecer. A excitação das garoupas também é inusual, mas depois de semanas de confrontos, uma certa organização espacial estabeleceu-se. Esta obra de arte natural já não é abstracta: a tela começa a fazer sentido. Primeiro, as fêmeas em vestidos camuflados, com as barrigas dilatadas por ovos, perto do fundo do mar ou até descansando nele, e por cima os machos cinzento pálido, a olhar por elas. Regularmente, um macho aproxima-se de uma fêmea e começa uma parada de tremores delicados, e depois, muito rápido, o macho empurra-a, sempre da mesma forma, mordendo o seu estômago, sem dúvida para induzir a desova, um fenómeno que parece estar eminente.

E de repente, tudo acontece! Grupos de garoupas disparam e a reprodução começa realmente, embora infelizmente muito longe e rápida para podermos ver os detalhes. Os fuzileiros, cada vez mais, bloqueiam o horizonte. A nuvem de ovos e sémen começa a aparecer e os fuzileiros apressam-se a engoli-la. Reina o pandemónio no fundo do canal. As garoupas saltam aqui e ali, enquanto os fuzileiros estão em todo o lado e os tubarões mergulham na confusão mas reemergem de “mãos vazias” na

maioria das vezes. O acto dura menos de um segundo, e não tenho tempo sequer para compreender o que está a acontecer. Duas coisas, contudo, parecem certas: é sempre um grupo de cerca de uma dúzia de garoupas que salta do fundo do mar, nunca um único casal; e é a anarquia, as leis da sobrevivência do mais forte, que parece prevalecer.

E é precisamente isso que me surpreende. De que vale lutar durante quatro semanas se o vencedor não tem direito a uma fêmea só para ele? É um desperdício de energia! De que vale chegar tão cedo na estação, com o risco de ser comido todas as noites, se isso não oferece qualquer privilégio no dia da reprodução? Não percebo. O “mistério das garoupas” permanece intacto. Semanas de luta, mas quando chega a hora da reprodução, não se parece aplicar qualquer regra: todos os machos, vencedores e vencidos, saltam em direcção à fêmea que coloca os seus ovos e todos parecem ter a mesma oportunidade de a fecundar. Apenas as correntes do oceano, que misturam esta sopa fértil, decidirão quem será emparelhado com quem. Será que o feliz contemplado é escolhido pelo destino? Não posso crer. Este é o ponto crucial do “mistério das garoupas” e algo nos escapou. Mas como podemos ter uma ideia? O acasalamento é tão rápido, embora possamos perceber o factor velocidade: evitar os tubarões e ser o primeiro a fertilizar os ovos da fêmea. Mas talvez esta velocidade esconda outra verdade.

Uma vez mais, Yanick está no lugar certo à hora certa. Aponta a sua câmara especial a uma sessão de reprodução estupenda, um momento da vida que dura apenas um segundo, mas um segundo que mais tarde se tornarão 40 segundos com a magia da câmara lenta. E em câmara lenta tudo se torna claro: é óbvio que na realidade apenas um macho inicia a cerimónia de acasalamento com a fêmea, segurando-a corpo a corpo o máximo de tempo possível. Na verdade, não ganhou direitos

exclusivos, apenas a hipótese de ser o primeiro da fila, porque os outros machos já convergem para o casal. Este ser privilegiado é o macho dominante, cujo estatuto é o derradeiro prémio depois de quatro semanas de batalhas implacáveis. E tem apenas o benefício desta liderança curta que lhe permite satisfazer-se antes dos outros machos oportunistas avançarem e inundarem o palco com o seu sémen, mas um microssegundo tarde demais.

Esta foi a chave para perceber o “mistério das garoupas”: uma hipótese de observar in loco como tudo funciona por uma fracção de segundo e descobrir, graças à câmara lenta, a existência de uma hierarquia, fugaz mas respeitada, prova de uma organização meticulosa, embora invisível a olho nu. Passei 24 horas debaixo de água, quando na realidade tudo se tornou claro numa fracção de segundo! Gosto de pensar que foi necessário, que devemos levar o nosso tempo se desejarmos capturar o momento.

Obviamente que ainda não desvendámos tudo. Como poderíamos sequer professá-lo, com um evento que só pode ser observado uma vez por ano? Apenas uma coisa é certa: de agora em diante, todos os anos, quando estiver lua cheia, também queremos voltar. Porque nestes pontos de biodiversidade, os estudos ecológicos apenas fazem sentido se forem repetidos e continuados de ano para ano. Os dados recolhidos durante esta expedição apenas terão valor se forem comparados com dados futuros. 700 tubarões cinzentos, 18.000 garoupas, mas quantos estarão lá daqui a 20 anos? O canal de Fakarava é classificado pela UNESCO como parte da reserva da biosfera, mas conseguirá escapar às crises ecológicas do século XXI? Nos outros grandes atóis da Polinésia, estas reuniões anuais de garoupas também existiam no passado. Hoje, todas desapareceram.



BLANCPAIN

Fifty Fathoms

Foi o Fifty Fathoms, o primeiro relógio de mergulho moderno, que estabeleceu a íntima ligação da Blancpain ao oceano. Hoje, a marca é uma apoiante fervorosa das iniciativas de protecção dos oceanos, através do Blancpain Ocean Commitment, um compromisso manifestado através do apoio e parcerias com organizações e os seus projectos, incluindo as Expedições Gombessa de Laurent Ballesta.

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



Um esconderijo nas Caraíbas

Construído com audácia num rochedo que entra mar adentro, rodeado de praias de areias brancas e de recifes de corais, o hotel mais antigo da ilha de Saint-Barthélemy tem uma mística especial que só pode ser compreendida se vivida sem pressas, apreciando cada momento.

:: *Texto de Companhia das Cores*

Infinity Pool
Waterlily Diamond Suite





Eden Rock St. Barths - Vista aérea

Situada nas Antilhas Francesas, Saint-Barthélemy – ou St. Barths, como também é conhecida – é uma ilha perdida na imensidão azul-turquesa do mar do Caribe. Ponto de encontro da elite internacional, a sua mistura única de sofisticação europeia e exotismo caribenho exerce um irresistível fascínio. Reconhecida pelas suas praias de areias brancas de perder de vista e pelo seu mar cerúleo, de águas calmas e quentes, St. Barths é um destino com fortes influências europeias – sobretudo suecas e francesas –, que marcam presença na sua cozinha e na arquitectura da capital, Gustávia. Antigas mansões, restaurantes, hotéis de luxo e lojas pontilham os 25 quilómetros quadrados da ilha, convidando à descoberta.

Este pequeno paraíso na terra foi “redescoberto” por Rémy de Haenen, que, para além de ter sido o seu *mayor*, foi também o primeiro aviador a aterrar na ilha. Excêntrico e aventureiro, nos anos 50 apaixonou-se pelo promontório rochoso sobre a baía de St. Jean, que se erguia altaneiro, parecendo querer desafiar o mar, e aí decidiu construir a sua residência. Transformada em hotel, depressa se tornou o esconderijo favorito dos seus amigos de Hollywood. Como Greta Garbo, que fez o *check-in* sob o nome Suzy Schmidt para passar um fim-de-semana, acabando por permanecer durante três semanas, ou o multifacetado milionário Howard Hughes. Membros das famílias Rothschild e Rockefeller eram também hóspedes recorrentes. Em 1995 foi a vez de David e Jane Mathews se renderem aos encantos de St. Barths. Trocaram definitivamente a fria Londres pela luz das Caraíbas e

:: A suite Cristóvão Colombo proporciona uma vista magnífica sobre o mar. ::

adquiriram o hotel, que hoje é gerido em parceria com a alemã Oetker Collection.

Aliás, a marca dos Mathews está bem presente em diferentes espaços do hotel. As peças de arte da sua colecção privada – algumas das quais criadas pela própria Jane, que é também uma artista –, o mobiliário antigo restaurado e as fotografias de família em locais inesperados conferem uma atmosfera intimista, numa combinação perfeita entre luxo e ambiente familiar.

Se estes argumentos já o convenceram a ficar, pode escolher entre os encantadores quartos, chalés ou casas com acesso directo para a praia ou rodeados de jardins luxuriantes, uma das requintadas suites ou uma extravagante *villa*.

Uma das mais icónicas, a suite Howard Hughes, é um *loft* com decoração inspirada na aviação – uma das muitas paixões do milionário – e uma considerável biblioteca. Já a suite Greta Garbo traz para o presente o inconfundível *glamour* de Hollywood dos anos 50. Mas se preferir um *design* mais minimalista, escolha a Cristóvão Colombo, com as suas amplas janelas de vidro que abrem o olhar para uma vista esplendorosa sobre o mar.

Não é possível falar do Eden Rock – St. Barths sem referir a impressionante *villa* Rockstar – quase um hotel dentro de um hotel, com piscina privada, cinema, ginásio, mordomo a tempo inteiro e, na garagem, um Mini Cooper e uma Harley-Davidson para partir à descoberta da ilha. Mas o que torna esta *villa* realmente lendária é o seu estúdio de gravação, onde pode encontrar a mesa de mistura que John Lennon utilizou na gravação do tema *Imagine*.

Há mais maravilhas para desvendar nesta pérola das Caraíbas. A próxima paragem é o restaurante On The Rocks: um nome que não poderia ser mais adequado, já que fica dramaticamente empoleirado no pro-

Suite Cristóvão Colombo





Fregate Premium Suite

:: O Sand Bar é um dos espaços onde pode descobrir os sabores mais frescos do mar das Caraíbas. ::



Sand Bar



Zona de Spa

montório. Os produtos mais frescos do mar são os protagonistas do menu cuidadosamente pensado pelo *chef* Jean-Georges Vongerichten, que também está ao comando dos sabores do Sand Bar, onde, se preferir, pode degustar uma refeição mais ligeira com os pés assentes na areia.

Não deixe também de visitar a galeria de arte do hotel, cujas exposições resultam de colaborações com algumas galerias notáveis, como a Gagosian ou a Tony Shafrazi. O Eden Rock – St. Barths é ainda um dos poucos

hotéis com um programa de artistas em residência, abrindo as suas portas a artistas que, por uma temporada, podem afastar-se no mundo e (re)encontrarem aqui a inspiração e a absoluta liberdade para criar. Sim, o Eden Rock – St. Barths é, como já dissemos, um paraíso idílico nas Caraíbas. Mas é muito mais do que isso. É também um espaço de inspiração, onde a beleza de uma natureza generosa, o luxo despretensioso e a arte de bem receber nos faz esquecer que existe um mundo lá fora. 🌟

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



A GRANDE VIAGEM

Embarcar no jacto privado do Four Seasons é partir numa viagem inesquecível. Percorrer o mundo com todo o conforto de um hotel de cinco estrelas. Desfrutar experiências impossíveis de realizar de outra forma. É a derradeira viagem para quem já foi a todo o lado.

:: *Têxto de Bruno Lobo*

No próximo dia 18 de Setembro, 52 alegres passageiros vão embarcar a bordo do jacto privado da cadeia de hotéis de luxo Four Seasons. O destino final? Lisboa, onde chegarão no dia 9 do mês seguinte. Durante quase um mês, o jacto irá levá-los pelo mundo, parando em lugares extraordinários como o Havai, a Austrália, a ilha Maurícia ou a Tanzânia, e ficando alojado em alguns dos resorts mais fascinantes daquela que é uma das marcas de hotelaria mais famosas do mundo. “Aventuras Extraordinárias”, é mesmo esse o nome da viagem que promete muitos momentos para mais tarde recordar.

O jacto é operado directamente pela Four Seasons, que garante assim a excelência do serviço pelo qual marca a diferença. De tal forma que, a acompanhar a viagem, no ar e em terra, estará um dedicado staff de 100 pessoas para assegurar que os desejos de cada um dos seus hóspedes-passageiros será realizado.

Tudo tem um custo, naturalmente, e quem entrar nesta aventura terá de pagar 137 mil dólares, qualquer coisa perto de 120 mil euros. Mas a partir desse momento, poderá personalizar a viagem, em conjunto com o concierge que vai acompanhar todo o percurso. As “Four Seasons Private Jet Experiences”, inauguradas no ano passado, procuram ser viagens por medida, pelo que, apesar do itinerário predefinido, existe sempre uma enorme margem de customização. Ou seja, poderá eleger lugares a visitar em cada destino, eventos a assistir ou pessoas a conhecer, para citar apenas alguns exemplos.

O “kit de boas vindas” vem com um iPad Air 2, que simplificará esse planeamento e servirá também como sistema de entretenimento pes-



soal a bordo. Já no avião recebe uns auscultadores com redução de ruído Bose, uma manta em caxemira e um diário de viagem em cabedal, personalizado, da Moleskine, fiel companheiro de artistas e viajantes.

O jacto privado da Four Seasons é um Boeing 757, totalmente redesenhado para transportar meia centena de passageiros, em vez dos 280 das versões normais. Pode, portanto, imaginar que cada lugar tem bastante espaço e uma infinidade de opções de conforto. Há quem prefira um avião privado, é certo, mas a ideia não é disponibilizar um mero meio de transporte para pessoas com muito dinheiro. Esta é uma viagem para quem tem tempo e quer desfrutar da vida. Aqui, a ideia é oferecer um cruzeiro aéreo de luxo, e que o tempo passado a bordo seja uma boa altura para trocar experiências e confraternizar, ainda que sem descurar a privacidade de cada passageiro. Provavelmente, muitos serão clientes frequentes da Four Seasons Hotel & Resorts, habituados aos padrões de qualidade da cadeia canadiana e a uma cultura de serviço treinada para exceder expectativas. É por isso que no avião segue um chef executivo que prepara as refeições no momento e que as assistentes de bordo estão sempre a postos para servir mais uma flute de Dom Pérignon.

Os itinerários estão também desenhados para que os voos não sejam demasiados longos (cerca de seis horas em média), embora nesta viagem em particular existam alguns trajectos com mais de dez horas... afinal estamos a falar quase de uma volta ao mundo!



Volta ao Mundo em 25 dias

O programa "Extraordinary Adventures" da Four Seasons leva 52 pessoas a atravessar o mundo, visitando oito países diferentes, das florestas tropicais da Costa Rica às planícies do Serengeti, passando pela cosmopolita Sydney. Eis o itinerário e algumas informações essenciais sobre cada ponto de paragem, onde cada hóspede-passageiro pode eleger as suas actividades favoritas, e planear um itinerário muito personalizado.



4



5



1



2



3



17 a 18 de Setembro
Austin, Texas ①
 A viagem começa na capital do estado do Texas, conhecida por ter mais clubes de música ao vivo per capita do que qualquer outra cidade norte-americana. É aqui que tem encontro marcado com o staff que o vai acompanhar na viagem e os restantes passageiros. O jantar e estadia fazem-se, é claro, no Four Seasons Hotel Austin, junto às margens do Lady Bird Lake, um dos ex-libris da cidade.

18 a 21 de Setembro
Libéria, Costa Rica ②
Tempo de voo: 3h20
 Logo pela manhã, vai subir a bordo do Four Seasons Private Jet rumo à Costa Rica. O hotel situa-se na luxuriante península Papagayo, com vista sobre o Pacífico, um cenário que capta na perfeição a "pura vida" costa-riquenha. Destino ideal para aventureiros, pode praticar *canopy* na floresta e ver de perto centenas de pássaros, relaxar nas fontes termais do parque Nacional de Rincon de la Vieja, passear de caiaque ou aproveitar as ondas para uma aula de surf.

21 a 24 de Setembro
Lana'i, Havai ③
Tempo de voo: 10h50
 O jacto privado aterra em Honolulu. Segue-se uma breve ligação aérea num avião mais pequeno até ao Four Seasons Resort situado em Lana'i, conhecida por ser a ilha mais exclusiva do Havai. O luxuoso hotel, de design moderno, fica na Manele Bay e é ótimo local para praticar *snorkel*, *paddle*, pesca ou mergulhar com os golfinhos.

25 a 28 de Setembro
Sydney, Austrália ④
Tempo de voo: 11h25
 Um voo de longo curso até Sydney, na Austrália, leva os passageiros a atravessar a linha internacional da data, perdendo um dia de viagem... Mas será que alguém se importa? O Four Seasons Hotel Sydney tem uma localização privilegiada nesta cidade vibrante, por isso tente ficar alojado num quarto com vista para a célebre ópera. No dia seguinte, pode subir ao topo da Harbour Bridge, antes ou depois de um passeio de hidroavião!

28 de Setembro a 1 de Outubro
Langkawi, Malásia ⑤
Tempo de voo: 10h00
 Não há como resistir à beleza daquele que foi o primeiro Geoparque Global da UNESCO. Langkawi é um arquipélago com 99 ilhas no norte da Malásia, quase na fronteira com a Tailândia, um verdadeiro paraíso com águas transparentes, areia branca, uma imensa floresta tropical e um dos ecossistemas mais ricos do planeta. A partir do resort poderá velejar, fazer um piquenique na praia, praticar mergulho, escalada ou simplesmente usufruir de um tratamento spa na privacidade da sua villa com vista para o mar de Andaman.

1 a 4 de Outubro
Maurícias 🌍

Tempo de voo: 7h00

O Four Seasons Resort Mauritius at Anahita ocupa uma pequena península da Ilha Maurícia, no coração do Índico. Aqui, o alojamento é feito em villas onde a privacidade e a relação com a natureza são constantes, e os hóspedes são convidados a fazer *snorkeling* e explorar cavernas submersas, montar a cavalo ou partir à descoberta do Black River Gorges National Park, apenas uma das muitas preciosidades naturais desta ilha pintada de verde.

4 a 7 de Outubro
Serengeti, Tanzânia 🌍

Tempo de voo: 4h00

Depois de aterrar no aeroporto internacional de Kilimanjaro, os passageiros do jacto privado da Four Seasons apanham um pequeno voo charter (1h15) em direcção ao Serengeti, um imenso parque natural nas fronteiras da Tanzânia e do Quénia. Perfeitamente integrado na paisagem, o luxuoso resort de 77 quartos é o ponto de partida ideal para vários safaris para ir ao encontro dos Big Five e conhecer a cultura do povo Maasai.

7 a 9 de Outubro
Marraxexe, Marrocos 🌍

Tempo de voo: 10h30

Inaugurado há cerca de quatro anos, o grande Four Seasons Resort Marrakech situa-se nos jardins do Palácio Menara, ou seja, a apenas 10 minutos do aeroporto e às portas da Cidade Rosa. É possível organizar visitas privadas às melhores lojas de tapetes da cidade ou visitar uma aldeia bérbere nas montanhas Atlas, mas quem consegue resistir ao tradicional passeio pelos *souks* labirínticos da cidade, que invariavelmente termina no caos mágico da praça Jemaa el-Fna ao som dos tocadores de alaúde e encantadores de serpentes?

9 a 11 de Outubro
Lisboa, Portugal 🌍

Tempo de voo: 1h15

A viagem termina em Lisboa, mas não sem antes celebrar a sua volta ao mundo num jantar de gala no Mosteiro dos Jerónimos.



6



7



8



9

Novos Destinos para 2017

A Four Seasons anunciou já os novos itinerários do seu Private Jet para 2017, e estes incluem um roteiro gastronómico em parceria com o Noma, que vai inclusivamente passar por Lisboa. Nesta viagem (de 27 de Maio a 14 de Junho), o chef do aclamado restaurante de Copenhaga, René Redzepi, vai levar os passageiros numa jornada inédita por tradicionais destinos da culinária mundial. O objectivo será explorar os nove locais contemplados (Seul, Tóquio, Hong Kong, Chiang Mai, Mumbai, Florença, Lisboa, Copenhaga e Paris) por diferentes ângulos, desde visitas a famosos restaurantes até às pequenas cozinhas de chefs locais, passando pela busca dos melhores produtos de cada estação, ou por marcos históricos e culturais que influenciaram as respectivas gastronomias. Em Lisboa, concretamente, sabe-se que os passageiros vão participar em jantares de gala, refeições com estrelas Michelin e fazer um tour pelo Mercado da Ribeira. Em Copenhaga, juntam-se à equipa do Noma enquanto procuram os ingredientes selvagens locais que serão depois utilizados num jantar de grupo. E o fim da viagem faz-se num grande jantar de despedida no Le Cinq, o restaurante do Four Seasons Hotel George V, em Paris.

Antes ainda, de 16 de Março a 8 de Abril, decorre a Global Getaway, uma viagem de Singapura a Miami, com escalas em Koh Samui, Dubai, Budapeste, Nice, Lisboa (também), Nevis e Bogotá. Por fim, a última viagem planeada (3 a 26 de Setembro) dá quase a volta ao mundo, com partida de Seattle e tendo Boston como destino final. Entre as experiências contam-se uma visita ao exclusivo templo budista de Kokedera, no Japão, um jantar privado junto à Muralha da China ou um mergulho nocturno nas Maldivas. ✨



LOJA DAS MEIAS

CORNERS
AV. DA LIBERDADE
CÉLINE
DIOR

ALEXANDER WANG
BOUTIQUE MOSCHINO
COACH
CHLOÉ
DOLCE & GABBANA
EMILIO PUCCI
ERMANNO SCERVINO
ESCADA
INTROPIA
JBRAND
JUST CAVALLI
LANVIN
M MISSONI
MALIPARMI
MARC JACOBS
MICHAEL KORS
RALPH LAUREN
SALVATORE FERRAGAMO
STELLA MCCARTNEY
STUART WEIRTZMAN
TORY BURCH

ARMANI COLLEZIONE
ASCOT
CORNELIANI
HACKET
MICHAEL KORS
MONCLER
RALPH LAUREN



NEW STORE Avenida da Liberdade, 254

LISBOA Shopping Center Amoreiras piso 2, loja 2001/2002 • CASCAIS Av. Valbom, 4 • MAPUTO Rua Chuindi, 45

Tel.: (+351) 213 710 303

www.lojadasmeias.com



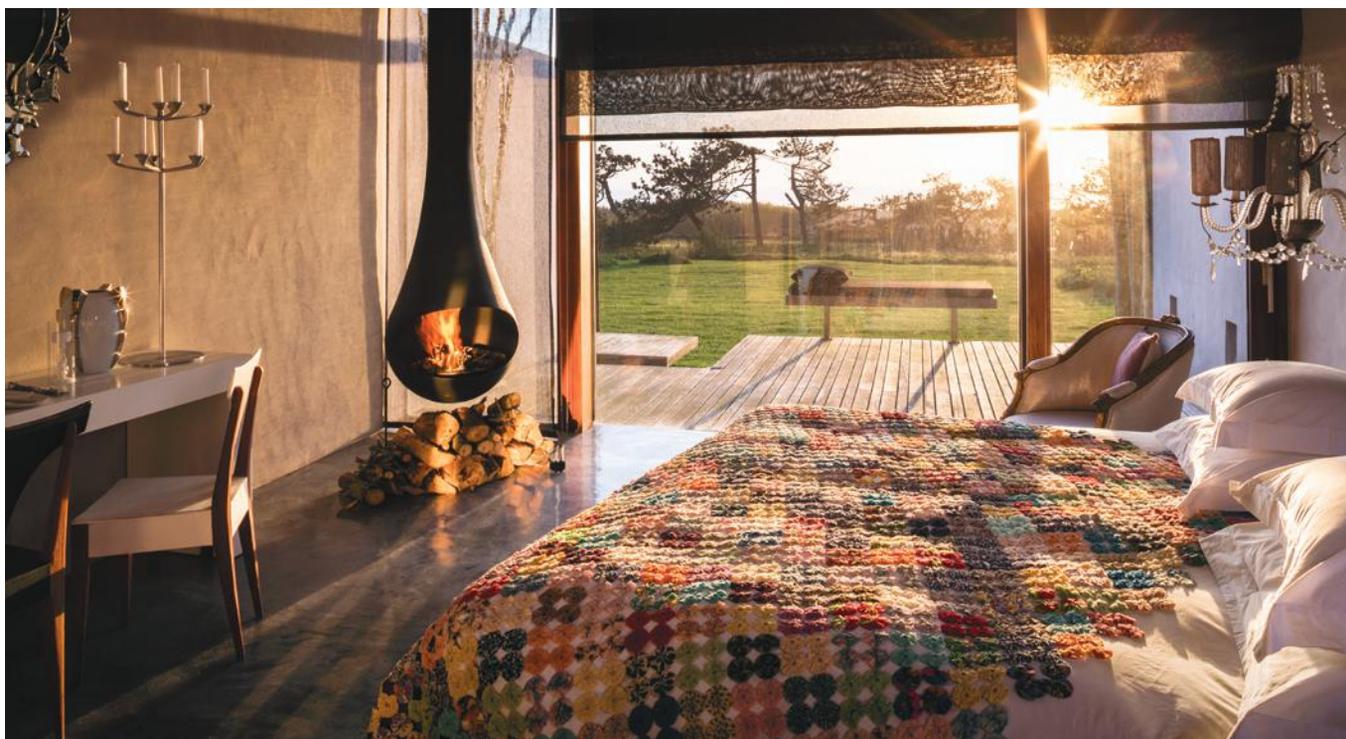
O PARAÍSO *mora ao lado*

O Areias do Seixo é um lugar especial. Um hotel totalmente integrado com o mar, as dunas e o pinhal que o rodeiam. Perfeito para desligar, namorar, carregar baterias ... Tudo a menos de uma hora de Lisboa.

Texte de Bruno Lobo

No final do ano passado o New York Post publicou um artigo muito comentado por cá, sob o título "As 10 razões que fazem de Portugal o novo menino bonito da Europa". E a primeiríssima razão avançada pelo jornal era precisamente este pequeno *ecoresort*, à beira mar plantado. Refira-se que o Areias do Seixo não é exactamente novo. Abriu em 2010 mas, para a maioria dos portugueses, continua a ser novidade,

como nos conta Marta Fonseca, a proprietária do hotel em conjunto com Gonçalo Alves: "Diria que noventa e tal por cento dos nossos hóspedes são estrangeiros. Chegam um pouco de todo o mundo, mas principalmente da Alemanha, França e Inglaterra." É certo que para a maioria dos portugueses a região do Oeste não é propriamente o destino preferencial de férias, mas, ainda assim, é uma pena que todos esses turistas façam tantos quilómetros apenas para desfrutar da magia e tranquilidade deste lugar quando nós o temos, mesmo aqui ao lado, e não aproveitamos. A filosofia do Areias do Seixo é "fazer com que os hóspedes se sintam mais em casa do que num hotel." Uma casa com um ambiente requintado, mas informal. Uma filosofia que se torna clara logo à chegada,



quando após o check-in os hóspedes são convidados para um chá e bolos, em lugar de serem encaminhados para os seus quartos. É um pequeno gesto, certo, mas revelador. E a primeira de muitas experiências.

O Areias do Seixo tem 14 quartos e cada um com o seu próprio nome, como Nha Cretcheu, Jasmin ou 7 Sentidos, em vez do impessoal número de identificação. Não existem dois quartos iguais, ainda que estejam divididos por quatro conceitos: Land, Tree, Gold e Love. No Land existe apenas um quarto, o único que não tem vista de mar, mas para um jardim de oliveiras. Nos Tree imperam as madeiras e os tons claros e neutros. Nos Gold, pelo contrário, a decoração promove um certo brilho, e nos Love os apontamentos de cor. São quartos grandes, espaçosos e abertos. Todos têm lareira, um deck ou terraço privado e banheiras enormes, que em alguns casos até ficam ao lado da cama. O que nenhum tem, é televisão, embora possa ser colocada a pedido.

São românticos, quentes (até pela presença da bonita lareira) e acolhedores. Convidam a serem vividos, o que explica também por que razão o Areias do Seixo é maioritariamente procurado por casais que aqui vêm para namorar, tanto quanto para descansar.

Por fora o edifício está perfeitamente enqua-

drado numa paisagem de dunas e pinhal, com as coberturas ajardinadas com flora local. Por dentro, um pequeno curso de água corre pela entrada do hotel e, ao fundo, uma imponente escadaria em pedra dá acesso aos quartos. A arquitectura de Vasco Viera faz um excelente uso da luz natural em todo este edifício amigo do ambiente (ver caixa). A decoração de interiores ficou a cargo de Rosarinho Gabriel, da loja Coisas da Terra, com a ajuda de Isabel Schedel, e denota enorme bom gosto. É evidente também a influência do norte de África, sobretudo de Marrocos, em todo o projecto. Um bonito exemplo é o candeeiro, de guarda à entrada do spa.

Junto à sala de refeições encontramos um quadro de ardósia com algumas das experiências que o Areias promove diariamente. Como o famoso “Círculo de Fogo”, em volta do qual os hóspedes são convidados a tomar um copo de vinho ao fim da tarde. É o cenário certo para descontrair e ter uma boa conversa com um copo de vinho na mão. Quem quiser entrar basta aparecer. Não precisa de planear com antecedência, nem marcar coisa alguma.

Por outro lado, há outras actividades sujeitas a marcação, só porque implicam alguma preparação, como é o caso do “Jantar sobre o Lago”. A propriedade cobre cerca de 5000 metros quadrados e esconde alguns recantos maravilhosos, como esse lago, sobre o qual existe um deck onde se pode ter um jantar privado, à luz das estrelas. Ou o “Abrigo dos Pinheiros”, onde além do jantar a dois poderá usufruir de uma sala de cinema ao ar livre, com pufes e mantas. Pode também almoçar numa praia deserta ou fazer um piquenique nas dunas, ao fim da tarde, acompanhado pelo pôr-do-sol e por um copo de champanhe.

O Areias do Seixo concentra as suas atenções nos pequenos momentos de prazer, únicos, que tornam a estadia em algo de memorável. E no fundo, não é para isso que servem as férias?



Um resort muito eco

O Areias do Seixo é um *ecoresort* onde a preocupação com a sustentabilidade é uma constante. E não é apenas no edifício, pensado de raiz para ser amigo do ambiente. Um bom exemplo desse esforço extra pode ser admirado na sala de refeições, dominada por um grande candeeiro de cobre. Ora, o cobre foi recuperado da própria cobertura do hotel, danificada ainda na fase de construção durante os temporais que assolaram a região em 2009.

Muito da energia consumida provém de fontes renováveis, seja por painéis fotovoltaicos, seja por geotermia. Os espaços verdes são regados com águas recuperadas e a horta é 100% natural, recorrendo aos princípios da permacultura. Os restos do restaurante e do hotel são utilizados para fazer compostagem, que servem depois para a fertilização. Os hóspedes são inclusivamente convidados a visitarem a horta e a escolherem os produtos que farão parte da sua refeição, acompanhando assim todo o percurso, da terra até ao prato.

Prazeres esquecidos da gastronomia portuguesa

No ano passado, o Areias do Seixo foi sobretudo notícia em Portugal pelo restaurante, que tinha como chef Leonardo Pereira, famoso pela sua passagem de cinco anos no Noma (que venceu por quatro vezes o prémio de melhor restaurante do mundo durante esse período). Agora, chegou a vez de Tiago Santos assumir o comando da cozinha do hotel. Apaixonado pela redescoberta e reinterpretação dos produtos portugueses que poucos já conhecem, elabora um tipo de gastronomia que faz especial sentido num lugar com as características do Areias do Seixo. Para os clientes portugueses é uma forma de provarem iguarias especiais, que podem fazer recordar “a comida da avó” ou pratos que foram esquecidos com o passar das gerações. Para os estrangeiros, que são a esmagadora maioria dos hóspedes, é uma forma de levarem consigo mais um pouco do nosso país quando regressam a casa. 🌱



Colecção Possession

possession.piaget.com

PIAGET

Av. da Liberdade, 194C
Av. da Liberdade, 129
Lisboa

 BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Ponto de *equilíbrio*



Localizado numa das zonas mais apetecíveis do Algarve, a Praia da Falésia, o Epic Sana disponibiliza, para além de acomodações requintadas, um spa onde poderá disfrutar de singulares e distintos tratamentos de assinatura.

:: *Texto de Raquel Soares*

Ajudar a encontrar o equilíbrio emocional e o bem-estar físico é o principal desígnio do Sayanna Wellness SPA, um espaço de 1500 metros quadrados onde existe um programa para cada necessidade. Integrado na oferta do hotel Epic Sana Algarve, localizado junto à Praia da Falésia, este espaço oferece experiências requintadas e únicas, que

visam o restabelecimento de energias e o reencontro com a paz física e espiritual. O spa inspira-se na filosofia e nas técnicas orientais, disponibilizando nove salas de tratamentos, entre uma área para “duche Vichy”, salas de massagem e estética com terraços, duas tendas e um pavilhão exterior de tratamentos para casais, um dos programas a não perder. Com jardim, jacuzzi privativo e uma magnífica vista para o oceano Atlântico, o pavilhão pode ser reservado em regime de exclusividade, oferecendo o cenário idílico para um retiro romântico de experiências sensíveis e tranquilidade. No leque de propostas, um dos tratamentos de

destaque é o “Love Escape”, que inclui a Massagem Sayanna Wellnes. Ao longo de 90 minutos, o casal poderá libertar-se de todas as tensões, num momento de relaxamento proporcionado por uma massagem de assinatura que combina diferentes movimentos profundos com o calor das pedras basálticas. Em seguida, uma hora de jacuzzi em privado e um brinde com champanhe sublinham a perfeição do momento e concluem uma revigorante experiência a dois.

Igualmente apetecível, e para disfrutar a solo ou em companhia, é o Sayanna Yoga Retreat, um programa de seis dias que coloca o foco no equilíbrio e na felicidade. O Yoga é o ponto de partida para a libertação da mente de preocupações, proporcionando, além de benefícios mentais e espirituais, diversos benefícios físicos. Por isso, a cada dia terá uma aula de Yoga, que poderá complementar com as diversas atividades de grupo do EPIC Vital: Pilates, Aquafit, Step, Cycling, Circuito, Abs, Alongamentos, Corrida, Gap e Circuito Funcional.



Com o intuito de atenuar o stress, aumentar a vitalidade, exortar os sentidos, restabelecer o equilíbrio e a felicidade, o programa contempla ainda uma série singular e distinta de tratamentos exclusivos e de assinatura. A Massagem Kaori Relax, naquela que é uma série de movimentos livres e contínuos associados à aromaterapia, induzirá uma total serenidade, enquanto a Massagem Deep Kincho libertará o seu corpo, através de movimentos profundos, de toda a tensão muscular. E, para que possa prolongar no tempo o seu sentimento de tranquilidade, a experiência integra ainda dois Workshops Wellness de Respiração e Meditação, onde aprenderá técnicas para libertar a mente de todas as suas preocupações.

O pacote especial inclui ainda cinco noites de alojamento em Quarto Deluxe, tratamento VIP Wellness, no quarto, à chegada, assistência Wellness personalizada, pequeno-almoço buffet e acesso às áreas de bem-estar do Sayanna Wellness Spa - piscina interior aquecida, ginásio, sauna e banho turco. Além disso, para que não tenha de se preocupar com nada, se viajar de avião, o SANA providencia-lhe ainda os transfers de ida e volta entre o aeroporto de Faro e o Hotel. ✨





GASTRONOMIA ITALIANA *de referência*

O restaurante Il Gattopardo – que na verdade significa leopardo – é a maior referência da gastronomia italiana em Lisboa.

:: *Texto de Bruno Lobo*



Foi já há 18 anos que abriu o hotel Dom Pedro, nas Amoreiras, e com ele o Il Gattopardo, um restaurante italiano diferente de tudo o que se conhecia até então. Michele Bono, chef desde a primeira hora, ainda se recorda que “nessa altura o conhecimento que os portugueses tinham da cozinha italiana resumia-se a massas e pizzas”. Foi a sua chegada que começou por mudar esse panorama, ajudando a abrir o nosso paladar a uma cozinha complexa e rica, em sabores e variedade.

Siciliano, Michele Bono era chef executivo de um restaurante em Milão quando foi desafiado pelo presidente do grupo Dom Pedro, Stefano Saviotti, a vir abrir o Il Gattopardo em Portugal. Aceite o convite, nunca mais olhou para trás, e desde 1998 que Lisboa é a sua casa adoptiva. Uma longevidade que atesta bem a qualidade do restaurante.

Michele Bono define a sua cozinha como sendo “de memória”, o que significa que recria pratos italianos típicos (de todas as regiões de Itália) com um cunho muito pessoal, misturando também influências portuguesas e mediterrânicas.

O Dom Pedro, com cinco estrelas, é um dos hotéis mais luxuosos de Lisboa e o seu principal restaurante espelha-o bem. A decoração é requintada, a fazer lembrar o famoso filme de Visconti com o mesmo nome, de 1963, passado entre a aristocracia italiana no século XIX. Pormenor curioso, o restaurante recebeu não há muito tempo a visita de Claudia Cardinale, a estrela do cinema italiano e do filme Il Gattopardo, no qual contracenava com Burt Lancaster e Alain Delon. Um dos locais mais agradáveis de Lisboa, o Il Gattopardo conta ainda com uma esplanada coberta, de onde se pode apreciar uma bonita e desafogada vista sobre Lisboa. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt





G'VINE

TRADICIONALMENTE

não convencional

Só é possível compreender o espírito de G'Vine Gin conhecendo a sua envolvente, que combina a tradição rica da região do cognac, Charente, a atitude *avant-garde* de Paris e a elegância natural da região sudoeste de França. Apreciado quer por *connoisseurs* quer por quem só recentemente se iniciou nesta bebida, é um gin produzido a partir de uma aguardente vínica nascida das uvas do lendário vinhedo da Maison Villevert – quinta secular do século XVI –, ao invés de cereais como a maior parte dos gins.

O seu sabor suave e aroma inconfundível resultam da presença de um ingrediente raro, precioso e exclusivo: uma flor de videira que floresce apenas uma vez por ano – mais precisamente a meio de Junho –, que no espaço de poucos dias se transforma em uva. Assim, é colhida mal floresce, preservando-se a sua fragrância inebriante e evocativa. A presença de outros ingredientes seleccionados pela sua pureza e aroma – entre as quais o cardamomo verde, as raízes de gengibre, o alcaçuz, a noz moscada ou as bagas de zimbro – confere-lhe uma complexidade plena de delicadeza.



UM OLHAR VISIONÁRIO

G'Vine nasceu em 2006, a partir da visão de Jean-Sebastian Robicquet, fundador e mestre destilador que ousou olhar o gin a partir de uma nova perspectiva, pondo em causa as convenções, sem deixar de reconhecer a herança local e a *expertise* da Maison Villevert. Para isso, inspirou-se e replicou a mais antiga receita de gin conhecida, com 500 anos, que também utilizava a aguardente vínica. Unindo inovação e autenticidade, prosseguiu com a sua busca pelo extraordinário, recorrendo a ingredientes inovadores para criar um gin de elevada qualidade e sabor marcante. Por isso, G'Vine Gin é eleito por aqueles que, tal como o seu criador, se atrevem a redefinir as fronteiras da criatividade, desafiando o que está estabelecido.



DUAS EXPRESSÕES DE G'VINE

Duas expressões de G'Vine Gin que partilham a mesma suavidade característica, mas com personalidades distintas.

FLORAISON: Um gin fresco e floral que remete para a Primavera, quando as videiras floridas perfumam o ar. Pode ser apreciado num sublime Gin & Tonic, servido com gelo num copo largo e guarnecido com uvas brancas.

NOUAISON: Intenso e picante, captura o momento de metamorfose em que as flores aromáticas se transformam em bagas luxuriantes. Seco, ousado e complexo, é o complemento perfeito para a elegância refinada de um Martini ou de um Negroni.





LARGO *do* PAÇO

Com um espaço renovado e sob a batuta de um novo chef, o restaurante Largo do Paço, do Hotel Casa da Calçada Relais & Châteaux, em Amarante, continua a surpreender pela qualidade e serviço irrepreensíveis. Valores que, pela décima vez consecutiva, o levam a conquistar a distintiva Estrela Michelin.

:: *Texto de Marina Oliveira*

O cenário é de sonho. Ao longe, a imponente mansão do século XVI, agora um boutique hotel de luxo, debruça-se sobre o rio Tâmega. Ao subir o caminho de acesso à Casa da Calçada, o passado espreita a cada esquina pontuada por elementos neoclássicos e invade-nos por completo assim que passamos a porta da entrada. Lá dentro, o estilo romântico impera e a mobília, tecidos e detalhes decorativos transportam-nos para um ambiente de casa de família.

É nesta envolvente aristocrática que vive e respira um dos melhores restaurantes da Europa, o Largo do Paço. Renovado no início deste ano, com projecto de design e decoração a cargo de Isabel Rente, a decoradora portuense responsável também pela decoração da Casa da Calçada, este restaurante Estrela Michelin exhibe um ambiente luxuriante e de requinte, onde os



veludos, damascos e sedas nos envolvem e convidam a desfrutar de uma promissora refeição.

O Chef André Silva e a sua equipa não desiludem, ao contrário, superam as expectativas. O jovem Chef, responsável pelo Largo do Paço desde Agosto de 2015, após a saída de Vítor Matos, traz à cozinha deste restaurante novas propostas e interpretações, onde a portugalidade dos sabores e o respeito pela sazonalidade e frescura de produtos são a linha orientadora. Convicto de que “a cozinha portuguesa é uma das maiores mostras que temos para oferecer, não só a nível interno, com internacional”, André Silva mostra toda a sua criatividade à mesa, aliando produtos tradicionais a uma confecção contemporânea e original, “preservando sempre o sabor genuíno de cada ingrediente”. Os pratos inspirados nos sabores portugueses incluem inúmeras entradas, como bacalhau com ovas ou vieiras com presunto pata negra, e para a refeição principal a escolha pode recair em robalo do mar e ovas de truta ou cordeiro e raiz de cerefólio, não esquecendo os sabores vegetarianos, por exemplo, no risoto de alcachofras. Para os doces, há receitas tradicionais com interpretações modernas, como os papos de anjo com queijo da Serra, marmelo, abóbora, pinhões e vinho do Porto.

As criações de André Silva podem ser provadas individualmente ou através de um dos dois menus de degustação: o menu Largo do Paço com uma selecção premium de oito pratos e o menu Prestige, uma combinação de 11 propostas que nos transportam para uma experiência multisensorial. Para harmonizar a refeição, nada como seguir as sugestões do sommelier Adácio Ribeiro e provar alguns dos néctares que compõem a prestigiada carta de vinhos do Largo do Paço. ✨

Chef André Silva

André Silva estudou cozinha na Escola Profissional Infante D. Henrique. Em 2007, foi distinguido com o Troféu Nobre Jovem e venceu, em 2010, a Revolta do Bacalhau. Tendo passado por vários restaurantes e hotéis, como o Hotel Eurosol Estarreja ou o Hotel Meridian no Porto, o talento e dedicação à alta gastronomia de André Silva foram reconhecidos em 2013 com o prémio de Melhor Chefe Cozinheiro do Ano. Graças ao título conquistado, o jovem chef teve oportunidade de, no final de 2014, trabalhar com um dos melhores chefs do mundo, Alex Atala, no D.O.M Brasil.

Actualmente Chefe Executivo do restaurante Estrela Michelin Largo do Paço, André Silva era, desde 2010, Subchefe do mesmo espaço.



Descubra mais em: www.turbilhao.pt



O JARDIM *secreto*



Verdadeiro símbolo urbano da qualidade e do requinte, há, em Lisboa, um pequeno paraíso residencial. Em perfeita harmonia com o Rio Tejo e com o Restelo, o Villa Torrinha é um novo condomínio fechado onde os verdes pacíficos dos jardins privados brincam com as vibrações cosmopolitas de uma cidade inebriante.

:: *Texto de Raquel Soares*

Envolvido na acalmia do Rio Tejo e imiscuído na beleza histórica de Lisboa, há um novo empreendimento no Restelo que vibra ao ritmo da cidade, mas respira os ares da tranquilidade e do repouso. No centro de tudo e isolado o suficiente, oferece o melhor de dois mundos. O Villa Torrinha encontra-se numa das zonas mais nobres da cidade e abraça embaixadas, jardins, a Torre de Belém, a Marina, a Fundação Champalimaud, o Cen-

tro Cultural de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos. Cercado por todas as comodidades, este condomínio privado está no epicentro da história, da arte e da cultura, naquela que é uma das zonas de maior influência da capital. A seu favor tem ainda as acessibilidades, com bons e rápidos acessos que o posicionam a apenas a alguns minutos do centro de Lisboa e da linha do Estoril, permitindo-lhe usufruir de todas as vantagens de morar no Restelo.

É ali, na Rua de Pedrouços, onde em tempos se veranearam os mais nobres Duques e as belas Duquesas, que nasce um condomínio privado pleno de requinte, qualidade e conforto. Com construção a cargo da Teixeira Duarte e projectada por Frederico Valsassina, arquitecto sobe-

jamente conhecido e premiado por inúmeros trabalhos realizados em Portugal e no estrangeiro, a Villa Torrinha combina as melhores soluções de design e os mais modernos materiais e técnicas de construção. O edifício, de espírito cosmopolita, dá continuidade à logica existente no quarteirão e integra-se, em perfeita harmonia, nos espaços existentes, criando um diálogo único entre o novo e o antigo.

De arquitectura sublime, o empreendimento de três pisos dispõe de uma ampla piscina e de um magnífico jardim. Nos níveis superiores, encontram-se 16 apartamentos de áreas amplas e com varandas generosas, que convidam a fins de tarde sob as luzes e vistas de Lisboa. No entanto, o pináculo da exclusividade reside no piso térreo, onde existem 7 “Casas do Jardim” de alto padrão. Disponíveis em tipologias T1+1 a T4+1, destacam-se pelos seus jardins de uso privado, que aliam a descontração verdejante e o isolamento aos benefícios e segurança de estar num condomínio fechado.

As residências dispõem de áreas de utilização privativa que variam entre os cerca de 100 m² e os mais de 500 m², sendo que, neste caso, cerca de 265 m² são de área interior e os restantes de jardim. Com possibilidade de integrarem até quatro lugares de estacionamento, em comum, todas as habitações têm o design funcional, o aproveitamento dos espaços, a luminosidade e a qualidade dos materiais. Aqui, tudo foi pensado para criar um ambiente único e o máximo conforto.

Entre as principais características, sobressaem o recurso a materiais nobres – como os pavimentos em madeira tipo Riga com isolamento acústico ou os armários, rodapés e portas em MDF lacado a branco – e a equipamentos de marcas reconhecidas. Deste grupo fazem parte os electrodomésticos encastrados da marca Bosch, as loiças de casa de banho Sanindusa e as tomeiras Bruma. Depois, há um conjunto de elementos que reforçam a exclusividade do ambiente, tais como o aquecimento de águas por painéis solares, os estores eléctricos, a caixilharia em alumínio com vidro duplo e corte térmico, as janelas de correr ou oscilobatentes, o ar-condicionado e a área dedicada de tratamento de roupa.

De elevado padrão, os acabamentos condizem com a harmonia e exclusividade de todo o empreendimento, que, apesar de ter a conclusão prevista para 2017, já está no mercado comercial. 🌟





*“Quando pinto,
não penso em
mais nada”*

Apaixonada pelas artes desde criança, Maísa Champalimaud pintou a primeira tela aos 16 anos e nunca mais parou. Hoje, a jovem artista concilia a pintura com o trabalho na empresa de família, mas confessa que o seu grande sonho é dedicar-se exclusivamente à arte e contribuir para a democratização da mesma.

:: *Por Marina Oliveira*



Como surgiu a paixão pelas artes plásticas?

Desde criança. Sempre gostei de me exprimir e sempre fui uma contadora de histórias nata. Lembro-me desde pequenina de pintar. A primeira vez que pintei uma tela tinha 16 anos e decidi que não queria fazer outra coisa na vida. Quando pinto, não penso em mais nada. Aos 18 fui pintar para o atelier do Luís Guimarães, um retratista. Mais tarde entrei na faculdade de Belas Artes, e aí foi mais difícil. Começamos a perceber qual é a realidade de ser pintor e cheguei a pensar que talvez a pintura não fosse o meu caminho profissional. Mas há quatro anos decidi que se acreditasse naquilo que faço conseguiria chegar a algum lado. E decidi investir a sério na pintura. E tem-me trazido imensa felicidade. A única coisa que gosto de fazer e que me preenche é pintar.

Segue algum tipo de corrente ou ideologia no seu trabalho?

No início, como pintava com o Luís e ele é retratista, estava muito presa ao académico e ao retrato, embora tentasse que fosse um pouco mais contemporâneo. Quando saí da faculdade, decidi que ia experimentar coisas diferentes. Depois dividia *ateliers* com amigos diferentes e eles influenciaram-me bastante. Além disso, também viajo muito, visito museus... e acho que isso me fez experimentar outras técnicas. Sou uma pessoa muito ansiosa e inquieta, e acho que a minha pintura é um pouco isso. Estou sempre em busca de algo diferente, sempre insatisfeita.

Como surge a inspiração?

Muitas vezes tem sido por convites de projectos. Agora estou numa residência artística e aí surgem imensas oportunidades de projectos diferentes. Gosto de pensar no espaço e cobri-lo com uma história minha. Muitas vezes perguntam-me se a exposição correu bem e se vendi, mas o que me faz fazer um balanço positivo não são tanto as vendas, é se o espaço, quando a minha intervenção nele acabou, ficou do meu agrado, se se nota a minha presença, e que as pessoas que por lá passem notem que foi intervencionado. Por isso, gosto de colocar as minhas pinturas no chão ou em locais não convencionados, para que haja este momento de pausa. O que também me inspira muito são as minhas viagens.

Há algum trabalho ou série que a tenha marcado mais?

Todos me marcam, até porque representam geralmente uma fase da minha vida. Por me empenhar tanto em cada um, torna-se sempre o fim de um ciclo.

A internacionalização é um sonho?

Claro que sim. Já tentei no Brasil, mas depois achei que era melhor recuar e crescer um pouco mais como artista. Se surgirem convites, obviamente que estarei disponível. Mas já tenho bastantes obras espalhadas pelo mundo, vendidas sobretudo através de galerias portuguesas, mas também da galeria online Saatchi.

Como é que concilia as duas actividades profissionais?

Tenho de ser muito organizada e metódica. Acordo muito cedo e às vezes o dia acaba muito tarde. Mas sou uma pessoa cheia de energia e vou conseguindo. No futuro, se tivesse possibilidade, gostaria de poder viver só da arte. E gostava de fazer algo em prol da arte, como uma escola, ou uma galeria com restaurante, acessível e simpática para todos os públicos. No fundo, democratizar a arte. Esta não tem de ser para uma elite, deve chegar a todos.

No futuro, tem algum projecto ou sonho que gostasse de ver realizado?

Agora tenho uns projectos novos, onde estou totalmente focada e que passam pela arte urbana. Quero levar as minhas pinturas para a rua, e aqui o maior desafio é a escala. ✨



Joana Vasconcelos

ARTE EM GRANDE ESCALA

De Lisboa para o Mundo, o seu nome voa alto, transpondo as mais longínquas fronteiras. Com uma visão muito particular e uma dimensão artística arrojada que se eleva no mundo das artes plásticas, Joana Vasconcelos cruza o passado com o futuro numa obra apaixonadamente portuguesa.

:: *Texto de Companhia das Cores*

Numa sala colorida, decorada com peças da sua autoria e de outros artistas, os quarenta e dois cadernos de esboços de Joana Vasconcelos alinham-se cronologicamente numa colecção aparentemente interminável. Sentada à secretária e inspirada pelo mundo que a rodeia, os desenhos nascem a partir de uma caneta de ponta grossa e dão cor à brancura imaculada da folha A6. Por enquanto, são ainda esboços, mas não-de ganhar rigor e escala no encontro com o Departamento de Arquitectura, explica-nos. Daí, o projecto tridimensional seguirá até às mãos ágeis das bordadeiras, que tecerão os primeiros metros de croché enquanto hábeis costureiras irão unir coloridos tecidos para dar vida à ideia. Os adereços serão depois cosidos, pacientemente, um a um. E assim nascerá uma grandiosa Valquíria, que em mais de trinta metros de comprimento reinterpreta uma das mais famosas divindades femininas da mitologia nórdica, que rumará do Atelier de Joana Vasconcelos para o outro lado do Mundo.

Entre o passado e o futuro

É de olhos postos no Tejo, num antigo armazém de grandes dimensões erguido na Doca do Bom Sucesso, que nasce e toma forma a obra de Joana Vasconcelos. A escala do atelier acompanha a monumentalidade das suas peças e a já incontável extensão de um currículo que leva Portugal ao mundo. Dividido em dois pisos, ligados por uma rampa espiralada desenhada pela sua equipa de arquitectura, a obra inconfundível de Joana Vasconcelos ganha





:: Através da repetição em série de objectos do quotidiano, Joana Vasconcelos cria uma simbiose entre a técnica artesanal e a industrial. ::

© Pedro Bettencourt

dimensão e conquista, sem cerimónias, o espaço de esquadria labiríntica. Composto por diferentes departamentos que acompanham a peça desde que é pensada até ser exposta, o Atelier de Joana Vasconcelos é um espaço minimalista onde a arte é anfitriã e nos surpreende a cada divisão: na Galeria, na Oficina, no Gabinete de Arquitectura, no Departamento Administrativo, nas Salas de Reuniões e até suspensa a partir do tecto, num inigualável equilíbrio artístico que cruza tradição e modernidade, encontrando na História uma fonte inesgotável de inspiração. Do passado, recu-

pera objectos e tradições que desapareceram na voragem da vida moderna e revitaliza-os como obra de arte, emprestando-lhes actualidade e um novo significado. De uma escala micro a uma escala inesperadamente macro, a paixão de Joana Vasconcelos por tudo o que é doméstico ganha um arrojado sentido estético, surpreendendo com uma obra que nos desafia pela sua criatividade e arrebatada com a sua monumentalidade. ✨

:: Quando não está em viagem ou reuniões, o dia de Joana Vasconcelos começa com uma relaxante sessão de ioga no seu Atelier. ::



© Pedro Bettencourt



© Pedro Bettencourt

:: Testemunho fiel dos momentos de maior inspiração de Joana Vasconcelos, o seu caderno de esboços viaja sempre na sua mala, acompanhando-a para onde quer que vá. ::



Descubra mais em: www.turbilhao.pt



Fenómeno de POPULARIDADE

Criador e designer da marca homónima, Anil Arjandas é um homem de sucesso. Detentor de uma das contas de Instagram mais populares entre os amantes da joalheria e relojoaria, este *gentleman* espanhol de origem indiana foi pioneiro quando “descobriu” uma lacuna no mercado e, em 2000, resolveu criar uma marca de joalheria fundamentalmente masculina. Hoje, as pulseiras e jóias Anil Arjandas são um verdadeiro fenómeno de popularidade entre homens (e mulheres) em todo o mundo.

:: *Por Marina Oliveira*



A sua página de Instagram tem um grande sucesso. Nela partilha momentos da sua vida ou da sua marca?

Eu diria que quem segue o meu Instagram acaba por ter uma percepção de ambas. Inicialmente, criei o meu perfil para uma utilização mais pessoal, para partilhar a minha paixão por relógios, os momentos da minha vida enquanto viajo à volta do mundo e também para partilhar o meu estilo em termos de moda. Contudo, acabou por se transformar também numa ferramenta excelente para exibir as minhas criações joalheiras a muitos seguidores em todo o mundo. Por isso, o que vêm no meu Instagram são momentos da minha vida, assim como uma introdução à minha marca.

Qual a importância do Instagram no seu sector?
Vivemos num mundo onde tudo é baseado em tecnologia, internet, gadgets, etc. Em geral, as redes sociais são um instrumento fantástico para promover o que fazemos a muitas pessoas em todo o mundo, independentemente da indústria em que estamos. Neste momento, o Instagram está a crescer como ferramenta para publicitar os nossos produtos e, no futuro, iremos assistir ao crescimento de outras ferramentas deste género. Como tal, é uma ótima forma de promover e publicitar, em todos os tipos de negócio.

O que distingue as peças Anil Arjandas?

Inicialmente, decidi criar a primeira colecção de pulseiras por uma simples razão: não existia, na época, nada semelhante disponível no mercado, em termos de joalharia masculina. Como tal, desenhei todas as peças como se fossem para mim e, actualmente, continuo a fazê-lo da mesma forma, nunca tentei ser mais comercial. Por este motivo, todas as minhas jóias são criadas a partir de ideias originais minhas, materiais de luxo e mestria artesanal imaculada, que não pode ser questionada. Tenho visto muitas réplicas a serem criadas, o que prova que a minha marca é única.

Qual é a sua peça de assinatura?

É difícil escolher apenas uma. Contudo, em termos de peça histórica, diria, definitivamente, que é a pulseira em pele com pequenos cubos, dado que foi a primeira peça criada com a chancela da marca Anil Arjandas. Foi também uma das primeiras pulseiras masculinas no mercado, por isso posso dizer que foi onde tudo começou. Até hoje esta pulseira é um best-seller e uma peça de assinatura com a sua própria história.

Pode descrever o seu cliente masculino tipo?

É normalmente um homem que gosta de atenção aos detalhes, de relógios e é um aficionado pela moda. É também uma pessoa que gosta de experiências de compras de luxo e serviço VIP ao cliente, uma atmosfera que pode viver nas minhas boutiques.

As pulseiras Anil Arjandas são desenhadas para serem usadas juntamente com um relógio de luxo?

Todas as pulseiras que crio são unissexo e podem ser usadas com ou sem relógio, independentemente da marca deste último. Assim, não são necessariamente desenhadas para serem usadas juntamente com um relógio de luxo. Contudo, este ano criei uma nova colecção de pulseiras – Riviere Wristgame –, que foi especificamente concebida para proteger o relógio dos riscos, que é uma preocupação de muitos dos meus clientes, especialmente quando se trata de relógios em ouro. É de facto algo novo no mercado e recebi muitas opiniões positivas dos clientes.

Quais são os seus projectos futuros?

Apostar no crescimento e reconhecimento mundial da Anil Arjandas, assim como continuar a surpreender os meus clientes com colecções novas e únicas. ✨



Descubra mais em: www.turbilhao.pt



Blue skin

Seja nas águas tépidas de um destino paradisíaco ou a pintar o céu de serenidade, o azul é o protagonista na paleta cromática desta estação. Usado em *looks* formais ou adicionados a propostas mais *casual*, o tom dá vida aos mais distintos materiais e assume um lugar de destaque em todas as ocasiões.



:: Omega
Speedmaster
Fases da Lua



:: Shamballa Jewels



:: Bleu de Chanel
Eau de Toilette



:: Salvatore Ferragamo



•• Hublot
Big Bang Tutti Frutti



•• Albanu



•• Breitling
Exospace B55
Night Mission



•• Dita Flight.006
na André Ópticas



•• TOD'S



•• Rosa & Teixeira



Fotografia © Pedro Bêttencourt | Modelos Hélder e Pedro Guedes (Central Models)

ROSA & TEIXEIRA

elegância cosmopolita

Visitar a Rosa&Teixeira é descobrir um mundo onde a arte de bem-vestir nasce de um encontro entre a essência fervilhante das cidades que a acolhem e os estilos que se reinventam à medida do *lifestyle* do homem actual.

:: *Texto Companhia das Cores*

Fato, Camisa, Cinto, Gravata e Sapatos
tudo ROSA & TEIXEIRA
Óculos de Sol Frency & Mercury, ANDRÉ OPTICAS
Relógio Breitling Navitimer,
BOUTIQUE DOS RELÓGIOS PLUS



Blusão, Pólo, Calças Príncipe de Gales, Mocassins e Pulseira
Blusão, Camisa, Calças, Cachecol e Mocassins – tudo ROSA & TEIXEIRA



Camisa, Calças, Écharpe, Pulseira, Perfume
e Carteira – tudo ROSA & TEIXEIRA
Relógio Breitling Navitimer
BOUTIQUE DOS RELÓGIOS PLUS



Aprimorada na tão portuguesa arte de bem receber, Rosa & Teixeira personifica o encontro perfeito entre o charme e a modernidade. Um encontro que é exultado num Porto histórico que se move ao ritmo de um público eclético e cada vez mais jovem, ou na luxuosa e sempre cosmopolita Avenida da Liberdade, que reúne em si o lado mais exclusivo da vida.

À semelhança das cidades que a inspiram, Rosa & Teixeira combina, no seu interior, modernidade e sofisticação, através de uma extensa panóplia de peças que aspiram à perfeição e que variam entre o clássico e o casual, o *trendy* e o intemporal. Seja na oferta de marcas de referência internacional ou no seu atelier por medida, a qualidade insuspeita dos tecidos e o corte preciso é transversal e faz de Rosa & Teixeira um ponto de referência nas cidades que a acolhem. ✨

Um relógio com...

A sofisticação encontra a descontração à hora certa para criar um *look* com carácter desportivo e urbano. Os elementos clássicos marcam a intemporalidade, revelando a personalidade carismática de um homem exigente, que escolhe acessórios do mais exclusivo *design* para o acompanharem nos seus momentos de lazer.



:: Z Zegna



:: Omega
Seamaster Planet
Ocean



:: Gucci
na André Ópticas

:: Vertu
Signature Touch
for Bentley



:: Ermenegildo Zegna Couture

GLAMOUR & *lifestyle*

<i>Entrevista</i> Silvia Damiani	142
<i>Tempo no Feminino</i>	
Omega Aqua Terra	144
Breguet e Blancpain	148
Cartier e Roger Dubuis	150
Tendências Dourado	152
<i>Espaços de Referência</i> Loja das Meias	154
<i>Jóias</i>	
Brumani	156
Mattia Cielo	157
Djula	158
<i>Chanel</i>	159
<i>Tendências</i> Indispensáveis de Verão	164
<i>Moda</i> Tendências	166
<i>Tendências</i> Acessórios de luxo	170





“As jóias Damiani são um tesouro”

Vice-presidente da Damiani e responsável pelas relações externas e imagem da marca, Silvia Damiani acredita que o sucesso da empresa que gere, em conjunto com os irmãos Guido e Giorgio, se deve a uma combinação entre criatividade, pesquisa e inovação, aliada ao profundo conhecimento da tradição joalheira, proporcionado pela gestão familiar.

:: Por Marina Oliveira



Como nasceu o seu interesse pelo negócio de família?

Quando era criança, a nossa casa era por cima dos escritórios dos meus pais e, depois da escola, passava muito tempo a brincar nos escritórios com jóias, ouro, diamantes. Cresci com os meus pais a criarem jóias, a falarem sobre pedras preciosas, mostrando-nos amostras e designs. Foi muito natural apaixonar-me pela profissão dos meus pais.

Quais são as tradições e valores da família Damiani desde a fundação da empresa?

Tradição, inovação e paixão. A Damiani é uma das poucas empresas internacionais ainda controladas pela família fundadora. Acreditamos que o controlo familiar garante qualidade e faz com que a tradição possa continuar. Todas as jóias Damiani ainda são manufacturadas em Valenza (Itália), a mesma cidade onde o meu avô fundou a empresa, em 1924.

Como é que a gestão familiar tem resultado para a Damiani?

A Damiani mantém o ADN do negócio familiar. Somos a terceira geração. É uma empresa cujos produtos são integralmente manufacturados em Itália e tem mantido a sua independência e filosofia.

Do legado Damiani, o que é que lhe dá mais satisfação?

O compromisso social foi sempre um elemento fundamental da realidade Damiani: respeito pelo trabalho e pelas pessoas. Gestos simples e concretos, em linha com o espírito e valores partilhados pela nossa família e pela nossa empresa.

Como descreveria a colecção Damiani?

Todas as jóias Damiani são um tesouro, para ser passado de geração em geração: um elo inquebrável entre o passado e o futuro.

Quais os desafios que a Damiani hoje enfrenta como marca joalheira?

É importante continuar a ser criativa e inovadora e ser a cada ano mais reconhecida internacionalmente.

Qual a estratégia da Damiani para vencer o mercado competitivo?

Prestamos muita atenção ao design. Na realidade detemos o recorde de 18 Diamonds International Awards, e muitos outros prémios nacionais e internacionais de design.

Qual o segredo do sucesso?

O sucesso da marca é o resultado de uma aliança perfeita entre criatividade, pesquisa e inovação, combinada com um conhecimento profundo da tradição da ourivesaria a um nível internacional.

Existe uma percepção italiana estereotipada de alta joalheria?

Arte joalheira é muito italiana e de Valenza (onde está a nossa fábrica), é onde as marcas joalheiras internacionais de topo produzem as suas jóias. Cada jóia Damiani nasce da perícia artesanal e paixão sem limites dos nossos mestres ourives.

A Damiani é fortemente influenciada pela beleza do estilo Art Deco...

O estilo Damiani pode ser influenciado por diferentes tendências, mas o meu avô fundou a empresa em 1924, por isso o período Art Deco está muito perpetuado na Damiani.

Quem é o público-alvo da Damiani?

Mulheres naturais e sofisticadas, que querem enfatizar o seu estilo pessoal com jóias que reflectem as suas necessidades de design, qualidade e tradição, com um toque italiano especial. ✨



AQUA TERRA

Com qualidades que vão muito além da superfície, os novos modelos femininos Seamaster Aqua Terra combinam força interior com beleza exterior.

:: *Téxto de Jon Wallis, adaptação por Marina Oliveira. Fotografia de David Slijper*

OMEGA

Seamaster Aqua Terra
150M. 34 mm. calibre
Omega Master Co-Axial
8520. caixa e pulseira em
aço inoxidável. mostra-
dor em madrepérola Taiti,
indicadores e luneta com
diamantes.



OMEGA

Seamaster Aqua Terra 150M. 34 mm. calibre Omega Master Co-Axial 8520. caixa e pulseira em aço inoxidável e ouro Sedna™. mostrador branco em madrepérola. indicadores e luneta com diamantes.

A Omega produz relógios femininos desde os seus primórdios, e, desde então, o humilde indicador das horas evoluiu para se tornar uma verdadeira obra de arte. Hoje, um relógio de pulso tem papel duplo, sendo enaltecido como “jóia” e reconhecido pelas suas qualidades de marcador do tempo. Embora a beleza de um relógio seja óbvia ao primeiro olhar, é justo afirmar que, assim como a beleza real, as suas verdadeiras qualidades se encontram abaixo da superfície. A linha de relógios femininos Omega Seamaster Aqua Terra comprova esta máxima, e há muito tem sido a escolha de quem procura elegância contemporânea combinada com tecnologia de ponta.

Força interior

Os últimos modelos desta linha excepcional são os relógios de 34 mm e 38,5 mm, que combinam estonteantes mostradores de madrepérola com os novos e exclusivos movimentos antimagnéticos da Omega. O uso de madrepérola e diamantes aliados a metais nobres define claramente estes relógios como jóias. Contudo, isso é apenas parte da história, pois são os atributos internos que nos fazem confiar no relógio ao usá-lo todos os dias. Escondido da vista pelo atraente exterior está o minúsculo coração mecânico do relógio. Esse delicado instrumento de precisão é responsável por todas as funções de marcação de tempo e, embora possa ser vislumbrado através do fundo da caixa, a tecnologia responsável pelo carácter do movimento não se apresenta facilmente ao observador casual.

No âmago dos recém-lançados modelos Seamaster Aqua Terra estão dois novos movimentos Omega Master Co-Axial Chronometer que representam alguns dos calibres mais avançados criados pela Omega: os 8500/8501 para os relógios maiores, e os 8520/8521 para os modelos de 34 mm. Esses movimentos automáticos dispõem de uma

OMEGA

Seamaster Aqua Terra 150 M. 38,5 mm. calibre Omega Master Co-Axial 8501. caixa e pulseira em ouro Sedna™. mostrador branco em madrepérola. indicadores e luneta com diamantes.



longa reserva de marcha de mais de 50 horas e são certificados pelo COSC pela precisão. São produzidos com o uso pioneiro de materiais especiais resistentes a campos magnéticos e incluem uma mola espiral de silício Si14, além de mecanismo de escape Co-Axial e absorção de choques Nivachoc. Essas tecnologias garantem uma robusta proteção antichoques e incrível capacidade antimagnética, permitindo que o relógio resista a forças magnéticas de até 15.000 gauss – algo inédito em relógios femininos. Essas características garantem que o relógio permaneça tão preciso como elegante por muitos anos, além de conferir um ar versátil, que contrasta com a graciosa beleza da peça.

Beleza externa

Os novos modelos Seamaster Aqua Terra possuem caixas de ouro rosa nos modelos de 38,5 mm e de ouro Sedna™ nos de 34 mm. Outros modelos da coleção apresentam caixas de ouro amarelo, aço inoxidável ou uma combinação de ambos. O uso de materiais nobres, aliado ao projecto inteligente das caixas, permite que os relógios sejam certificados para resistir a 15 bar (150 m) abaixo de água. O atraente mostrador de madrepérola apresenta janela de data posicionada às seis horas, marcadores de horas aplicados com 11 ou 12 diamantes, dependendo do tamanho da caixa, e ponteiros centrais facetados de horas, minutos e segundos. O mostrador também contém o logotipo da marca, as palavras “OMEGA Seamaster”, além do nível de resistência à profundidade na água. E orgulhosamente anuncia a presença do novíssimo movimento Master Co-Axial Chronometer no seu interior. Os revestimentos em Super-LumiNova branca nos ponteiros asseguram perfeita visibilidade, mesmo com pouca luz.

Há duas opções de luneta: polida ou totalmente cravejada de diamantes. O modelo de 34 mm contém 42 diamantes de 1,55 quilate e os de 38,5 mm são adornados com 50 pedras de 1,7 quilates. Para manter a aparência jovem do relógio, o vidro da peça é feito em cristal de safira resistente a riscos, que perde em dureza apenas para os diamantes. O revestimento anti-reflexo aplicado dos dois lados facilita ainda mais a leitura das horas, quaisquer que sejam as condições de iluminação. Outro vidro de safira no fundo da caixa mostra a beleza do avançado movimento mecânico interno, que, nos modelos equipados com os calibres 8501 e 8521, contém uma ponte de balanço em ouro rosa. A janela está embutida no fundo de caixa polida, tendo gravadas as palavras “ANTI-MAGNETIC”, “>15'000 GAUSS”, “Si14” e a classificação de profundidade. Todos os modelos têm as opções de pulseira de pele, combinando com o relógio em branco ou cinza, ou uma pulseira em estilo clássico, do mesmo material da caixa. A garantia de quatro anos assegura a qualidade e fiabilidade dos novos relógios. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt





MATTIA CIELO



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Lisboa, Av. da Liberdade nº 194C - tel. 21 073 05 32



Segredos revelados

Numa celebração ao público feminino, a Breguet apresenta, pela primeira vez, um modelo Tradition exclusivamente dedicado a mulheres.

Numa estreia absoluta, a Breguet abre a sua colecção Tradition a uma peça do tempo feminina. Trata-se do Tradition Dame 7038, que, à semelhança do seu "irmão" masculino, exhibe praticamente todos os componentes do movimento de ambos dos lados da platina.

Com uma caixa de 37 mm em ouro branco, com fundo em vidro de safira, o novo modelo afirma-se desde logo como uma peça feminina ao apresentar uma luneta engastada com 68 brilhantes, bem como um mostrador em madrepérola do Tahiti. Discretamente, às 10h, os segundos retrógrados surgem gravados no movimento.

Movido pelo calibre automático 505SR, numerado e assinado Breguet, com 50 horas de reserva de marcha e espiral em silício, o Tradition Dame 7038 é acompanhado por uma correia de pele vermelha brilhante. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt





.Obra intemporal

Sessenta anos depois do primeiro Ladybird – o relógio feminino com o movimento redondo mais pequeno da época –, a Blancpain apresenta o seu sucessor, o Ladybird Ultraplate.

Uma evolução do clássico da Blancpain de 1956, o novo Ladybird Ultraplate presta homenagem ao seu antecessor com uma estética vintage semelhante, embora no seu interior bata um movimento de vanguarda. De facto, a caixa de ouro branco de 21,5 mm do novo modelo feminino alberga o calibre automático 6150, com 180 componentes, entre os quais uma espiral em silício.

A emoldurar a caixa do Ladybird Ultraplate, cujo fundo em vidro de safira deixa admirar o movimento com a sua massa oscilante decorada à mão, está uma luneta engastada com 32 diamantes. O brilho destas pedras preciosas

repete-se no mostrador de madreperla branca. Limitada a 60 exemplares, em homenagem aos anos passados sobre a sua estreia, esta peça do tempo é completada por uma correia em pele de crocodilo. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt





Tempo, hipnótico

Num casamento perfeito entre a técnica e a emoção, a Cartier apresenta Hypnose, a nova colecção dedicada a pulsos femininos.

Reconhecida pelas suas qualidades relojoeiras e joalheiras, bem como pelas formas inusitadas que empresta às suas peças do tempo, a Cartier alia estes atributos numa nova colecção feminina: Hypnose. Com o novo modelo, as linhas ovais com tons pretos e brancos conduzem-nos numa espiral interminável e hipnótica. Elipses gráficas de laca preta e de brilhantes brancos numa caixa oval criam um relógio disponível em três versões e dois tamanhos: pequeno (30 x 26,2 mm) e grande (37,8 x 33,3 mm). A caixa é ainda acentuada por um elemento oval exterior, engastado com diamantes de diversos tamanhos, que emoldura a caixa central.

Em ouro rosa ou branco, o Hypnose de Cartier é oferecido na versão de alta joalheria, completamente engastado de diamantes; num modelo com mostrador pavé com laca preta e luneta engastada com diamantes; e numa edição com luneta engastada, mostrador prateado e numerais romanos. Alimentado por um movimento de quartzo, o toque final neste modelo é dado por um bracelete em pele preta e pela ausência da coroa. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt





O desabrochar das horas

A Roger Dubuis dedica 2016 ao universo feminino e aumenta a família Velvet com dois novos modelos.

Focando-se na elegância e na técnica, a Roger Dubuis homenageia as mulheres com os novos Blossom Velvet Pink e Blossom Velvet Blue. Diferindo, como o próprio nome indica, apenas na cor que vestem (rosa ou azul), ambos os modelos apresentam mostradores madrepérola com motivos florais pintados em esmalte grand feu.

Com uma caixa de 36 mm em ouro rosa (versão Pink) ou branco (versão Blue) engastada com diamantes, o Blossom Velvet bate ao sabor de um

movimento mecânico automático com micro-rotor, calibre RD821, com 48 horas de reserva de marcha e 172 componentes, e completa-se com braceletes em tecido acetinado rosa ou azul. Ambos os modelos são limitados a 88 exemplares. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



Golden days

O brilho do sol entra no *closet* para tornar os dias mais radiosos e vibrantes. Fiéis aliados do requinte, os acessórios metalizados casam com materiais preciosos e os tecidos fluidos, harmonizam-se com os tons pastéis, deixando transparecer todo o romantismo que esta estação encerra.



:: Gucci



:: Audemars Piguet
Royal Oak

:: Eleuterio
Deco Filigree



:: Judith Leiber



:: Chanel
Les 4 Ombres
Tissé Dimensions



:: Louis Vuitton

:: Chanel
Stylo Eyeshadow
Beige Doré





Montegrappa
Mule Rollerball

Bulgari
Serpenti Incantati



Piaget
Limelight Gala Milanese



Djula



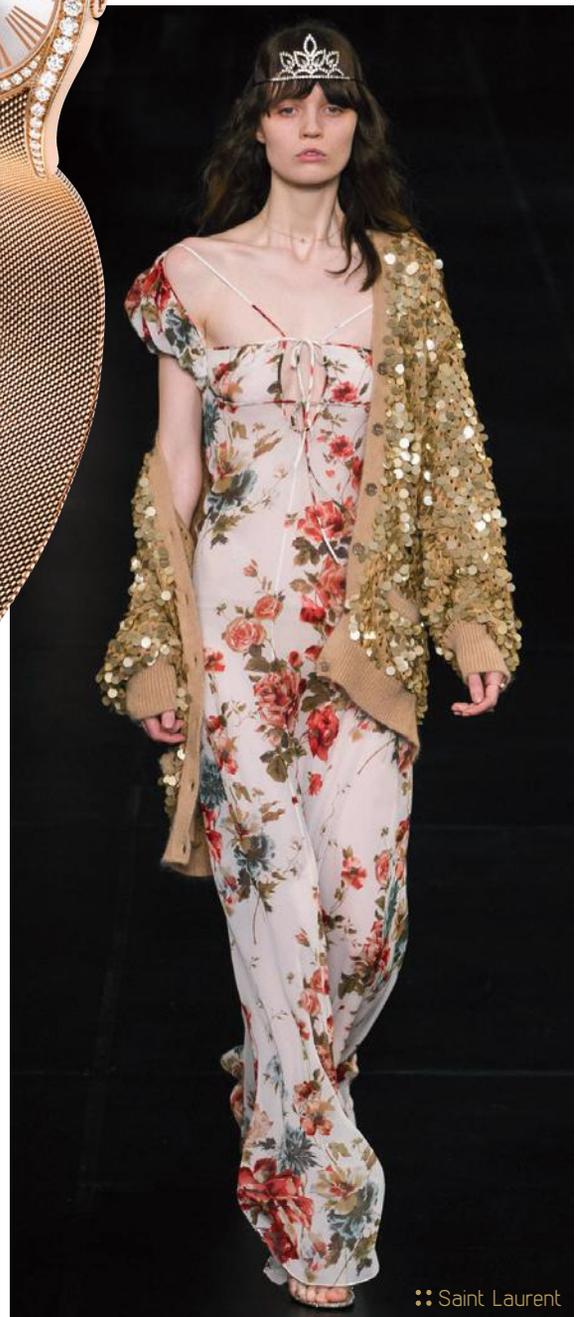
Judith Leiber



Linda Farrow
na André Opticas



Dior



Saint Laurent



LOJA DAS MEIAS *seduz a Avenida*

A Loja das Meias abriu um novo espaço naquela que é considerada a artéria mais exclusiva de Lisboa e a décima avenida mais luxuosa do mundo.

:: *Texto de Companhia das Cores*



Há um novo espaço de luxo a elevar a fasquia da avenida mais selecta da capital. No número 254, o portão monumental, rico em detalhes, manteve-se, mas agora abre-se para um mundo de moda, exclusividade, inovação e design. Com 350 metros quadrados, divididos em dois pisos, a nova Loja das Meias trouxe consigo as marcas a que já nos habituou, como Lanvin, Ferragamo, Michael Kors ou Fendi, mas trouxe

também uma novidade: o conceito *shop in shop*, tendência das lojas de luxo internacionais, que individualiza a presença das marcas Dior e Céline através de dois *corners* exclusivos.

Assinado pelo bom gosto da dupla de arquitectas Cristina Santos e Ana Menezes, este é um espaço minimalista com um toque contemporâneo, onde elementos de elevado valor artístico e materiais nobres ganham expressão. Os tons pastel, pontuados por detalhes verdes ou azuis, conjugam-se com a dualidade ouro/prata. E comungam com o painel "A Mulher", de Querubim Lapa, uma peça de arte resgatada da mítica Loja das Meias do Rossio – berço da marca que, mais de cem anos depois, continua a somar páginas à sua luxuosa história. ✨

Jardim. *precioso*



Inspirada pela riqueza e diversidade da flora tropical. Botânica celebra a exuberante biodiversidade brasileira, numa sofisticada coleção que homenageia Roberto Burle Marx (1909–1994), arquitecto e paisagista que assinou mais de dois mil jardins em diferentes países. Uma linha delicada em ouro rosa que evidencia a pureza inigualável de um jardim precioso, onde florescem diamantes castanhos, topázios azuis facetados e pedras-da-lua em cabochão.

:: Brincos e Anel Brumani em ouro rosa, com diamantes, topázios e pedras-da-lua.

Luxo celestial



Luminosidade, suavidade e brilho são as palavras que melhor definem a coleção Rugiada Diamanti. Criada com recurso a tecnologia aeroespacial e uma liga de titânio inovadora, destaca-se pela flexibilidade surpreendente, que lhe permite regressar à posição original mesmo depois de uma utilização extrema. Concebidas em ouro rosa, as jóias transformam-se numa das estrelas mais brilhantes do firmamento graças à presença de diamantes com corte brilhante, presos por garras de ouro.

:: Brincos e Anel Mattia Cielo em ouro rosa e diamantes.

Paixões geométricas



Com a tradicional inspiração "Glam Rock", contemporaneidade é a palavra-chave destas jóias assinadas por Alexandre Corrot. A pureza das linhas geométricas curva-se em círculos perfeitamente entrelaçados, revelando a cada peça a doçura do círculo da vida. A esmeralda, jóia de beleza rara conhecida como a pedra de Cleópatra, coroa com romantismo a pureza desta linha.

:: Colar e Anéis Djula em ouro branco, diamantes e esmeraldas.

CHANEL

L'ÉTÉ

Coleção Dans La Lumière de L'Été de CHANEL: Ombre à paupiers Empreinte du Désert. Le Vernis 526 Cavalière. Les Beiges Harmonie Poudres Belle Mine Duo N° 2. Lèvres Scintillantes Aqua Glossimer 610 Sahara. N° 5 CHANEL Eau de Parfum. Relógio CHANEL Première Boy.Friend em ouro bege com diamantes



Coordenação: Companhia das Cores Fotografia: Pedro Ferreira assistido por Ana Viegas
Maquilhagem: Cristina Gomes com produtos Chanel Cabelos: Ana Fernandes para Griffehairstyle
Modelo: Nina (We Are Models) Styling: Susana Marques Pinto, assistida por Débora Faria e Frederica Ferreira
Agradecimentos Stivali

O espírito aventureiro
de um olhar cintilante
e profundamente sedutor



Nesta página: Ombre à paupiers Empreinte du Désert de CHANEL. Mascara Dimensions 10 Noir de CHANEL.
Relógio CHANEL Première Boy.Friend em ouro branco com diamantes
À direita: Le Vernis 532 Canotier de CHANEL. Relógio CHANEL J12 Marine azul





Nesta página: Les Beiges Harmonie Poudres Belle Mine Duo N° 02 de CHANEL.

Lèvres Scintillantes Aqua Glossimer 608 Dzharri de CHANEL. Relógio CHANEL Première Boy.Friend em aço

À direita: Lèvres Scintillantes Aqua Glossimer 606 Rouge Désert de CHANEL. Relógio CHANEL J12 Marine branco

A sensação libertadora
de uma gargalhada
contagante



Hot season

A leveza e a fluidez dão o mote para os dias longos e quentes de Verão. A pureza do branco e os detalhes coloridos criam um contraste sublime que realça a beleza de uma pele cuidada e dourada pelo sol. Entre o casual e o elegante, os acessórios complementam o *look*, conferindo-lhe um toque divertido sem dispensar o requinte.



:: La Perla



:: Cutler and Gross
na André Ópticas



:: La Mer
Reparative Body
Sun Lotion



:: Must de Cartier Gold
Eau de Parfum



:: Chanel
Lèvres Scintillantes
Aqua Glossimer
612 Adenium

:: Michael Kors



:: Lanvin
na Loja das Meias



Chloé



Stella McCartney



Rimowa



La Prairie
Cellular Swiss
UV Protection Veil



Dolce & Gabbana
na Loja das Meias



Stella McCartney



Camisa Marc Jacobs, Saia e Sandálias Dolce & Gabbana, Carteira Christian Dior, tudo na LOJA DAS MEIAS

Color fever



CHANEL
Bolsa clássica

As linhas e detalhes clássicos atravessam gerações e revelam-se com uma ousadia temperada. Envolto numa simbiose de tons e padrões exuberantes, o encarnado intenso surge disposto a arrebatat corações em *looks* manifestamente bem-humorados.



PRADA

Give me flowers



DIOR
na Loja das Meias

As *passerelles* transformam-se em deslumbrantes jardins e os clássicos revestem-se com a alegria do Verão para trazer uma feminilidade renovada à estação mais desejada do ano.



:: Burberry

Um relógio com...

Serpenti envolve o pulso num luxuoso abraço, onde sobressai o seu design inequivocamente moderno. E os segundos passam, numa melodiosa onomatopeia que marca a cadência do tempo. Não há espaço para atrasos. Sob um glamoroso e contrastante mostrador violeta, os ponteiros sussurram-nos ao ouvido numa linguagem contemporânea. É chegada a hora de sair e conquistar o mundo, com a elegância intemporal que faz do negro integral a sua tela principal.



:: Dita
Stormy DRX-22033-A



:: Bvlgari
Serpenti Tubogas



:: Jimmy Choo



:: Creed
Aventus for Her

OMEGA



Globemaster

O PRIMEIRO MASTER CHRONOMETER DO MUNDO

Prova dos mais altos padrões da indústria, o OMEGA Globemaster foi rigorosamente testado e certificado oficialmente pelo METAS (Swiss Federal Institute of Metrology). Além do seu design sofisticado, combina uma elevada precisão com uma resistência anti-magnética de 15.000 gauss e estabelece com orgulho um novo padrão na indústria relojoeira. Para a OMEGA, isto é apenas o começo.

www.omegawatches.com/pt/globemaster

DISPONÍVEL NA:



**BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS**

Av. da Liberdade 129 • Lisboa • Tel.: (+351) 213 430 076


OMEGA



Breguet
Depuis 1775

Breguet, o criador. Tradition Chronographe Indépendant 7077

O Tradition Cronógrafo Independente 7077 perpetua a herança criativa de Breguet ao interpretá-la de uma forma inovadora e contemporânea. É composto por duas engrenagens completamente independentes. Uma configurada a uma frequência de 5Hz, para maximizar precisão, é dedicada ao cronógrafo enquanto a outra, a operar a 3Hz, está dedicada às horas e minutos. A história continua...



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS Plus

Av. da Liberdade 194C, 210 730 530; Av. da Liberdade 129, 213 430 076
Centro Colombo, 217 122 595; Amoreiras Shopping Center, 213 827 440
NorteShopping, 229 559 720